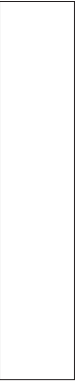


MESTRADO INEGRADO
ARQUITETURA

Requalificação de um território no Douro.
Reflexão a partir de uma proposta desenvolvida em estágio

Luís Vasco Fernandes Ferreira de Almeida

M
2022



Luís Vasco Fernandes Ferreira de Almeida. Requalificação de um território no Douro. Reflexão a partir de uma proposta desenvolvida em estágio.



M.FAUP 2022

Requalificação de um território no Douro. Reflexão de uma proposta desenvolvida em estágio.

Luís Vasco Fernandes Ferreira de Almeida

FACULDADE DE ARQUITETURA





Luís Vasco Fernandes Ferreira de Almeida

Orientador: Professor Doutor João Rodrigo Parreira Coelho

Dissertação de Metrado apresentada à Faculdade de Arquiteto de Universidade do Porto

FAUP 2022

- Nota -

A presente dissertação encontra-se redigida ao abrigo do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Com o intuito de manter uma leitura contínua e fluída do documento, as citações transcritas foram traduzidas livremente pelo autor para português.

- Agradecimentos -

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha família por me ajudarem a chegar até esta etapa. Agradeço também ao meu orientador, Prof. João Rodrigo Coelho, e ao Prof. Paulo Guedes, pela atenção, paciência e ajuda demonstrada ao longo deste último percurso acadêmico.

Ao arquiteto José António Barbosa por me proporcionar esta experiência e por se demonstrar disponível ao longo deste processo.

Por último, às amizades criadas na FAUP - Marta, Francisco, Gabriel, Guilherme, Hélio, João e Pedro - que foram a força e os meus companheiros neste percurso.

A presente dissertação *“Requalificação de um território no Douro: Reflexão de uma proposta desenvolvida em estágio”* surge da vontade de expor um caso prático desenvolvido em ambiente de estágio, no atelier Barbosa & Guimarães. O estágio curricular configura uma experiência crucial no desenvolvimento intelectual de um futuro arquiteto que, de forma modesta, simboliza o primeiro contacto com o percurso profissional. Esta é uma transição que fortalece o carácter pessoal, passando de uma prática académica e mais conceptual para prática real, onde a formação adquirida ajuda a superar os desafios propostos.

Desta forma, o tema desta dissertação alicerça-se numa reflexão sobre esta experiência de estágio, bem como, numa investigação sobre os processos e métodos de desenvolvimento de um projeto de arquitetura. Reflete-se acerca do contexto, da circunstância e do programa, em que o caso prático, *Blend in Douro*, se encontra inserido, sendo a região do Douro o cenário. A monocultura da vinha e a crescente transformação do território duriense tem conduzido ao desaparecimento de certos valores e posto em causa a identidade coletiva do lugar, no qual determinou a premissa do projeto.

Assim, o caso prático da autoria do atelier Barbosa & Guimarães, pretende requalificar um espaço descaracterizado na paisagem duriense, perto da cidade do Peso da Régua. A proposta visa transformar esse espaço desvirtuado num empreendimento turístico que respeite e preserve o património material e imaterial da região, uma estratégia em que a arquitetura está determinada em encontrar uma identidade que movimente um balanço entre o passado e o presente. Salienta-se ainda que esta intervenção considera a qualificação de paisagem cultural atribuída pela UNESCO em 2001.

Relativamente ao processo de envolvimento no caso prático, explorou-se e refletiu-se num conjunto de questões, nomeadamente, sobre as várias identidades, sistemas e dinâmicas presentes no território, sejam elas arquitetónicas, urbanísticas, culturais económicas ou sociais. Neste sentido, o trabalho procura analisar, (re)conhecer e (re)interpretar alguns pontos críticos do projeto, com o objetivo de enquadrar, da melhor forma possível o objeto na paisagem.

Por fim, a dissertação trata-se de um exercício de carácter prático, que procura através da teoria, gerar um discurso arquitetónico.

Palavras-Chave: Estágio | Atelier Barbosa & Guimarães | Projeto | Douro | Turismo | Habitação

ABSTRACT

The present dissertation, “Requalification of a territory in the Douro: Reflection of a project developed in an internship” arises from the desire to expose a project developed during an internship at the Barbosa & Guimarães studio. The curricular internship is a necessary experience in the intellectual development of a future architect that, modestly, symbolizes the first interaction with the professional career. A transition that strengthens the personal character, moving from an academic and conceptual practice to a real practice, where the formation acquired helps to overcome the proposed challenges.

In this way, the theme of this dissertation is based on reflecting on this internship experience and investigating the processes and methods of developing an architecture project. Furthermore, it intends to reflect on the context, circumstances, and program in which the practical case, Blend in Douro, is inserted, where the Douro region is the scenario. The monoculture of wine and the transformation of this territory have led to the disappearance of certain values and reached into question the collective identity of the place, which determined the idea of the project.

Thus, the practical case by the studio Barbosa & Guimarães intends to requalify a de-characterized space in the Douro landscape, close to the city of Peso da Régua. The proposal aims to transform this distorted space into a tourist development that respects and preserves the material and immaterial heritage of the region, a strategy in which architecture is determined to find an identity that moves a balance between the past and the present. It should be relevant that this intervention regards the qualification of cultural landscape awarded by UNESCO in 2001.

About the process that involves the practical case, a set of questions was explored and reflected on, namely, the diverse identities, systems, and dynamics present in the territory, be they architectural, urban, cultural, economic, or social. In this sense, the work aims to analyze, (re)know, and (re)interpret some critical points of the project, with the intent of structuring the project in the landscape in the best possible way.

Finally, the dissertation is a practical exercise that seeks, through theory, to generate an architectural discourse.

Key Words: Internship | Barbosa & Guimarães studio | Project | Douro | Tourism | Dwelling

Índice

RESUMO	06
ABSTRACT	07
00. Introdução	10
01. Atelier Barbosa & Guimarães	12
1.1- Sobre os arquitetos	15
1.2- Sobre a dinâmica	20
02. Observar, analisar e desenhar o caso prático	24
2.1- Conhecer o território	25
2.1- A Região do Douro	29
2.2- A Transformação da Paisagem	33
2.3- A Humanização na Paisagem	40
Hotel Six Senses	
Quinta do Vallado	
2.2- Conhecer o projeto. <i>Blend in Douro</i>	56
2.2.1- Contexto	58
2.2.2- Implantação	60
2.2.3- Programa	64
2.3- Uma aproximação ao projeto	71
2.3.1- O socalco como premissa	74
2.3.2- Proposta	86
Produção Gráfica	
03. Considerações Finais	108
04. Bibliografia	112
05. Anexos	115
Anexo I (Proposta)	
Anexo II (Obras Estudadas)	
Anexo III (Cronologia de obras e projetos Atelier Barbosa & Guimarães)	

A presente dissertação relaciona-se profundamente sobre uma experiência pessoal que marcou fortemente o meu percurso enquanto estudante de arquitetura: o estágio pré-profissional no atelier Barbosa & Guimarães. No decorrer de setembro de 2020 e janeiro de 2021, esse contacto com o atelier mudou meu o entendimento sobre a prática de arquitetura, uma vez que, unicamente munido por conhecimentos académicos, tive a possibilidade de colocar em prática muito dos ensinamentos apreendidos na faculdade.

Através desse estágio, tive a oportunidade de participar operativamente no desenvolvimento de um projeto inserido num contexto real. Trata-se de um empreendimento turístico de grande escala, onde a minha participação consistiu em desenvolver uma zona particular- conjunto de habitações unifamiliares. A pertinência dessa proposta tornou-se consequentemente o principal tema desta dissertação, sendo que esta experiência revelou diversos desafios referentes à conceção de um projeto num contexto real.

Objetos e objetivos

Este estudo tem como objetivo compreender os conceitos e obstáculos manifestados durante o período do estágio, tendo como finalidade refletir sobre as matérias que influenciaram e orientaram o processo projetual, e também, como essa experiência se tornou marcante para a definição do carácter pessoal.

Como o projeto é da autoria dos Barbosa & Guimarães, desenvolveu-se uma investigação que incide nos processos e nas questões arquitetónicas, direcionando o estudo aos assuntos que se consideraram mais importantes neste âmbito. Reflete-se acerca das idiosincrasias do atelier, circunscrevendo questões como a própria formação, pensamento e dinâmicas, que influenciam a conceptualização e concretização de um projeto.

Analisa-se, deste modo, o contexto específico do caso prático, *Blend in Douro*, que compõem a fase de investigação de teor mais prático, uma vez que, se aplicaram conceitos inerentes à questão do lugar, que se relacionam diretamente com a arquitetura formulando a ideia do projeto. Mediante uma investigação e recolha de informação, selecionaram-se vários tipos de obras/projetos que abordassem o mesmo contexto, intensificando o seu valor enquanto objetos de estudo. Procura-se perceber e refletir

como o lugar interfere na arquitetura, desde a forma à composição, e como a arquitetura procura conceber um balanço e uma harmonia como o lugar, havendo uma relação recíproca.

Metodologia e Estrutura de Trabalho

Decorrido ao longo de vários meses, o método aplicado neste trabalho baseou-se, essencialmente, numa reflexão pessoal e numa análise aprofundada de bibliografia específica, com o objetivo de responder às questões que compõem o tema desta dissertação. Procurou-se organizar e consolidar as várias matérias estudadas e vividas em estágio, de forma a conferir um maior rigor e fundamento possível. Estabeleceu-se uma estratégia em que a produção escrita da dissertação fosse acompanhada por imagens, com o intuito de complementar o texto e tornar a leitura fácil e percetível.

A presente dissertação irá alicerçar-se em três capítulos, sendo que os dois primeiros, constituem premissas para a elaboração de um raciocínio que é posto em prática no último.

O primeiro capítulo, *Atelier Barbosa & Guimarães*, constitui o ponto de partida deste estudo, objetiva-se transmitir e esclarecer assuntos sobre a identidade e as dinâmicas intrínsecas ao espaço onde o estágio. Efetuou-se uma pesquisa que incide na análise iconográfica e bibliográfica, informada por livros, artigos, revistas e perspetivas pessoais, de maneira a dar a entender a filosofia e os conceitos empregues na prática da arquitetura.

O segundo capítulo, *Observar, analisar e desenhar o caso prático*, foca-se no caso prático desta dissertação, subdividindo-se em três partes. A primeira parte expõe o contexto em que o projeto se insere, apoiada sobre uma bibliografia que procura analisar a história, as características singulares do lugar e obras de arquitetura com o mesmo enquadramento: Na segunda parte, visa-se dar a conhecer a proposta do atelier Barbosa & Guimarães que desencadeou a componente prática desta dissertação. Procurou-se clarificar alguns pontos pertinentes para a seu entendimento, tais como a implantação, o programa e as linhas gerais que o definem, de forma a entender o projeto na totalidade; A terceira parte, diz respeito à participação pessoal no projeto. Reitera-se que a proposta apresentada corresponde à fase de estudo prévio, ainda em desenvolvimento, pelo que, os desenhos apresentados correspondem ao momento realizado em estágio, tendo evoluído e sofrido alterações com o decorrer do tempo.

Posto isto, o último capítulo consiste numa reflexão ensaística sobre esta experiência, recaindo na forma como o domínio académico e o profissional se cruzam e complementam no sentido de definir o carácter de um futuro jovem arquiteto.

01 |

1.1	Sobre os arquitetos	15
1.2	Sobre a dinâmica	20



Figura 1. Sede da Vodafone. Barbosa & Guimarães . Porto. 2009

Imagem obtida em : <https://www.barbosa-guimaraes.com/recent-projects/vodafone-headquarters-building-oporto/>

1.1- Sobre os arquitetos

Antecedendo à descrição do caso em estudo e da experiência de estágio desta dissertação, objetiva-se expor contextos e saberes específicos do atelier Barbosa & Guimarães que tornaram pertinente esta experiência. O caso prático reflete um processo criativo inspirado e influenciado por um ambiente laboral, e como tal, do mesmo modo como se pensa a arquitetura, não se executa um projeto sem conhecer as circunstâncias que o movem.

O atelier Barbosa & Guimarães é formado pelos arquitetos José António Barbosa (1967|Porto) e Pedro Guimarães (1969|Porto), com escritório estabelecido em Matosinhos desde 1994. Após se formarem em arquitetura em 1993 pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, colaboraram conjuntamente no antigo CRUARB^[01], através de um estágio. Durante o decorrer de dois anos, sob orientação do Arq. Prof. Rui Ramos Loza^[02], estiveram ambos envolvidos em alguns projetos de reabilitação. Dessa interação, estabeleceram contacto com projetos, como por exemplo, a Viela do Anjo, no Bairro da Sé e na rua de Miragaia, sendo um desafio que permitiu interagir com técnicas e soluções construtivas e assimilando a razão do desenho e do detalhe. A interação com esse momento prático, que vai desde a fase de levantamento até à fase de execução, estimula um sentido que compreende as diversas escalas do projeto, desde a sua forma até à minuciosidade de um parafuso.

“O CRUARB era constituído por um grupo de arquitetos com grande experiência em reabilitação urbana, existindo ainda um imenso arquivo de projeto, de intervenções efetuadas no centro histórico, com todo o tipo de detalhes construtivos e exemplos de reabilitação.”^[03]

Parte-se do pressuposto de que tanto a formação académica como a formação profissional movem estímulos e sensações que influenciam o modo de pensar e executar a arquitetura. A formação académica na FAUP potenciou a oportunidade de aprender diretamente com entidades revelantes da arquitetura portuguesa, como Fernando Távora (1923-2005|Porto), Álvaro Siza Vieira (1933|Matosinhos) e Eduardo Souto Moura (1952|Porto). A natureza da “Escola do Porto” transmite certas particularidade

01 CRUARB (Comissariado para a Renovação Urbana da Área Ribeira/Barredo) – Entre 1974 e 2003, em conjunto com o município, teve como objetivo resolver o problema habitacional do centro histórico da cidade do Porto, atendendo a preocupações mais salvaguardadas como questões patrimoniais, culturais, turísticas e arqueológicas.

02 Licenciado em arquitetura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1978, iniciou a sua atividade de docente como assistente em 1985 na Escola Superior Artística do Porto e, mais tarde, na Universidade de Aveiro desde 1987, onde desde outubro de 1991 é o diretor do CRUARB.

03 BARBOSA, J. e GUIMARÃES, P. (2016). *Barbosa & Guimarães Arquitetos: Works⁷ Projects⁷*. Uzina Books. Lisboa. p.14



Figura 2. Palácio da Justiça. Barbosa & Guimarães . Gouveia. 2011

Fotografia José Campos. Imagem obtida em: <https://www.barbosa-guimaraes.com/recent-projects/gouveia-law-courts/>

como introduzir o espaço como protagonista que se assume como um centro disciplinar e, seguindo este sentido, apoia-se numa abordagem conceptual com base **em formas literárias, metáforas, analogias e adjetivações.**^[04] Este tipo de ensino incide também um domínio de diferentes áreas que oscilam entre a teoria e a prática, entre intuição e o arbítrio, em que o desenho é o elemento de conexão, um método que consiste em “pensar com a mão”.

“A nossa produção arquitetónica nos primeiros anos de atividade, e ainda hoje, é fortemente marcada pela referência constante a estes professores que nos ensinaram acima de tudo ver a arquitetura de uma certa forma, a do regionalismo crítico, e nos ensinaram principalmente uma metodologia de trabalho, de busca e de inovação que passa pela importância do desenho. Távora , Siza e Souto, estão presentes na nossa arquitetura, e nem sempre no imediatismo da solução formal, ou na cópia fácil, mas antes de mais na forma de pensar a arquitetura e na forma de saber ver a arquitetura.”^[05]

Estes arquitetos abraçam o desenho como forma de expressar a arquitetura, que a partir de uma visão modernista e racionalista, procuram criar uma visão contemporânea que adapte o projeto às circunstâncias exigentes. É uma posição que orienta as intenções de projeto, em que o atelier, além de tentar inovar e introduzir a uma expressão, procura uma sensibilidade que preserve traços e valores quer sejam naturais e urbanos, com o objetivo de redesenhar e integrar o objeto da melhor forma no seu contexto.

Barbosa & Guimarães afirmam que são inspirados pela mesma identidade e visão progressista da Escola do Porto. Levantam e auxiliam-se em uma série de questões que resolvam aspetos singulares, em que, através da massa, volume e peso, tentam encontrar o sentido da sua composição, ou seja, a sua própria linguagem.^[06]

“Os arquitetos que conseguiram ter uma identidade própria, características únicas ou que conseguiram criar um vocabulário ou gramática própria são muito poucos e, sem querer ser injusto, diria que o arquiteto Siza Vieira é o único arquiteto português a conseguir esse feito, de ser o único e criar uma arquitetura com identidade, e nisso é que ele é brilhante.”^[07]

04 FIGUEIRA, Jorge (2002). *Escola do Porto. Um mapa crítico*. ed. DARQ. Coimbra. p.18

05 BARBOSA, J. e GUIMARÃES, P. (2016). *Barbosa & Guimarães Arquitetos: Works⁷ Projects⁷*. Uzina Books. Lisboa. p.7

06 *Idem*. p.21

07 *Idem*. p.27

Ao longo de 30 anos de atividade, a arquitetura tem-se constituído num jogo compositivo e contemplativo. Observam a dicotomia entre o mundo interior e exterior, no sentido de encontrar razões que enalteçam o projeto, de modo a desafiar a forma e a própria construção. Um processo que prioriza o princípio da estética, da visão e da imagem, sob forma de uma intenção plástica e geométrica, que colabora com a complexidade dos materiais e com as soluções técnicas, mas principalmente com os detalhes. Procuram, acima de tudo, produzir uma expressão contemporânea que se apoie num desenho e traçado simples e espontâneo.

“Não conseguimos conceber a arquitetura sem o cuidado do detalhe, Mies van der Rohe dizia que Deus está nos detalhes, e é verdade, são os detalhes que fazem a diferença. Para nós uma arquitetura sem detalhes não pode existir.”^[08]



Figura 3. Douro Marina. Barbosa & Guimarães . Vila Nova de Gaia. 2013

Fotografia José Campos. Imagem obtida em: <https://www.barbosa-guimaraes.com/recent-projects/douro-marina/>



Figura 4. Piscinas Municipais da Povoação. Barbosa & Guimarães . São Miguel. 2008

Fotografia João Ferrand. Imagem obtida em: <https://www.barbosa-guimaraes.com/recent-projects/povoacao-municipal-pool-s-complex/>

Cada projeto inicia, com os arquitetos José António Barbosa e Pedro Guimarães, a procuram perceber as intenções de cada cliente ou concurso. Além de assumirem as funções administrativas e políticas do atelier, definem também as linhas gerais de cada projeto, abordando questões como a implantação, forma e construção. Essa determinação tem o objetivo de orientar, consolidar e transmitir a premissa do projeto à equipa de colaboradores. No escritório, a arquitetura é essencialmente um trabalho em equipa, em que a comunicação e a interação contituem-se como essências para o seu funcionamento. Durante o decorrer do estágio, a equipa era composta por doze arquitetos que assumem diversas responsabilidades, estando divididos em duas equipas sob orientação de cada arquiteto, com o objetivo de responder às exigências dos vários projetos em curso.

Como foi referido anteriormente, o atelier dos arquitetos Barbosa & Guimarães localiza-se em Matosinhos desde 1994, e em 2009 estabelecem-se na zona de Matosinhos Sul, numa zona consolidada da cidade.

A atividade de projeto é realizada num edifício inicialmente projetado pelo Arq. Januário Godinho em 1942/43 para a indústria conserveira Dias & Araújo C^a Lda. Em 2003, houve uma intervenção por parte do Arq. Carvalho Araújo, que visava requalificar a área administrativa de forma a adaptar o espaço às novas funções para a empresa Iduna S.A. Por fim, a última intervenção deu-se em 2008/09, numa cooperação entre os Barbosa & Guimarães e RGA, pretendendo (re)desenhar um espaço que se ajustasse à nova atualidade. ^[09]

O edifício é constituído por dois pisos, em forma de U que aproveita os limites do terreno para criar um pátio exterior que dá acesso a partir da Rua Brito Capelo. No exterior, o edifício estabelece uma leitura unitária. O rés-do-chão forma um elemento contínuo através da justaposição de um conjunto de planos de vidro, que contrastam com o ritmo das fenestraçãoes existentes no piso superior. Quase como se esse plano de vidro (r/c) que cobre o pátio suportasse esse volume.

No interior, os espaços organizam-se em volta do pátio, beneficiando da relação interior/exterior. As paredes e tetos são revestidos com gesso cartonado, enquanto o chão é coberto com linóleo. O propósito do interior segue o mesmo que o exterior, em que os materiais utilizados pretendem transmitir uma uniformidade que organiza e disciplina os percursos, no sentido de instituir um carácter único.

Com uma área coberta de aproximadamente 1000 m², o edifício é partilhado com outras entidades, sendo que a polivalência e adaptabilidade do espaço é o propósito, sem motivar qualquer tipo de constrangimentos. Partilha-se o mesmo acesso, sendo que o piso superior pertence exclusivamente ao atelier. O programa é composto por Sala de Reuniões, Gabinete (2), Sala dos Colaboradores, Receção, Copa e WC, organizados da melhor forma para intensificar as dinâmicas laborais.



Figura 5. Escritório Barbosa & Guimarães arquitetos. Barbosa & Guimarães + RGA . Matosinhos. 2009

Fotografia João Ferrand. Imagem obtida em: BARBOSA, J. e GUIMARÃES, P. (2016). *Barbosa & Guimarães Arquitetos: Works? Projects?*. Uzina Books. Lisboa. p.211



Figura 6. Escritório Barbosa & Guimarães arquitetos. Barbosa & Guimarães + RGA . Matosinhos. 2009

Fotografia João Ferrand. Imagem obtida em: BARBOSA, J. e GUIMARÃES, P. (2016). *Barbosa & Guimarães Arquitetos: Works⁷ Projects⁷*. Uzina Books. Lisboa. p.211

Enquanto novo elemento no atelier, estive integrado na equipa coordenada pelo arquiteto José António Barbosa, que permitiu que esta experiência de estágio se tornasse possível.

Durante o decorrer de quatro meses, a minha participação visou desenvolver um projeto para o Douro. Devido à minha proximidade e conhecimento da região, mas também devido às exigências impostas (fase inicial do projeto), o arquiteto José António Barbosa entendeu que este projeto enquadrava melhor com as minhas vivências e interesses arquitetónicos. Assim, num primeiro momento, a minha tarefa consistiu em elaborar desenhos assistidos por computador que abrangiam o projeto na totalidade, onde havia já linhas pré-definidas.

Quanto à fase seguinte, constou em aprofundar uma área particular do projeto. Essa ação deu-me uma certa autonomia, através da qual pude aplicar todos os meus conhecimentos adquiridos em arquitetura, o que levantou diversos desafios e questões pertinentes. Assim, os próximos capítulos pretendem ser um reflexo desta interação, em que o projeto e as circunstâncias que o movem se constituem como temas desta dissertação.

02 |

Observar, analisar e desenhar o caso prático

2.1- Conhecer o território

2.1.1. A região do Douro	29
2.1.2 A transformação da Paisagem	33
2.1.3 A humanização da Paisagem	40
- Six Senses	
- Quinta do Vallado	

“A Arquitetura, assim como a arte, é fundamentalmente confrontada com questões da existência humano no espaço e tempo, expressando-se e relacionando-se com o estar do homem no mundo. A arquitetura está profundamente envolvida metafisicamente com questões próprias e do mundo, do interior e do exterior, do tempo e da duração, da vida e da morte.”^[01]

Na disciplina de arquitetura o arquiteto deve questionar-se constantemente de modo a encontrar respostas que melhor se apliquem à disciplina. Neste sentido, a participação no projeto fez-me questionar sobre o lugar e as circunstâncias que o movem.

Para quem conhece a região do Douro, esta apresenta características sensíveis e peculiares, em que a relação entre a natureza e a construção constitui uma interação permanente com o ato de projetar. Este é um dos sentidos da arquitetura, tudo tem importância no espaço, influenciando significados corroborados por um sistema de relações e observações (paisagísticas, urbanísticas, económicas, etc.) relevantes para a sua composição.^[02] Assim, neste capítulo, pretende-se observar e refletir sobre essa matéria incidindo sobre o contexto histórico, mas, principalmente, em questões sobre o lugar, e de que modo influenciam a arquitetura.

*“Arquitetura procura visualizar o **genius loci**, e a tarefa do arquiteto é criar lugares significativos, onde ajuda o homem a habitá-los.”^[03]*

01 PALLASMA, Juhani (2005). *The eye of skin: Architecture and the senses*. John Wiley & Sons. Chichester. p.16

02 TÁVORA, Fernando (2008). *Da organização do espaço*. 8ª Edição. FAUP Publicações. Porto. p.18

03 NORBERG-SCHULZ, Christian (1980). *Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture*. 1ª edição. Rizzoli. Nova Iorque. p.5



Figura 1. Fotografia de Artur Pastor. Série Vindimas. Década 50/60
Imagem obtida em: <https://arturpastor.tumblr.com/search/vindimas+douro>



Figura 2. Fotografia de Artur Pastor. Carregamento dos cestos de uvas. Série Vindimas. Década 50/60
Imagem obtida em: <https://arturpastor.tumblr.com/search/vindimas+douro>



Figura 3. Fotografia de Noel Magalhães. As pipas a serem carregadas para o Barco Rabelo. Peso da Régua
 Imagem obtida em: <https://www.publico.pt/2020/12/10/p3/fotogaleria/noel-magalhaes-403781#&gid=1&pid=9>



Figura 4. Fotografia de Noel Magalhães. Barco Rabelo no cais da Junqueira. Peso da Régua
 Imagem obtida em: <https://www.publico.pt/2020/12/10/p3/fotogaleria/noel-magalhaes-403781#&gid=1&pid=9>

2.1- A Região do Douro

“O Douro sublimado. O prodígio de uma paisagem que deixa de o ser à força de se desmedir. Não é um panorama que os olhos contemplam: é um excesso da natureza. Socacos que são passadas de homens titânicos a subir as encostas, volumes, cores e modulações que nenhum escultor, pintor ou músico podem traduzir, horizontes dilatados para além dos limiares plausíveis da visão. Um universo virginal, como se tivesse acabado de nascer, e- já eterno pela harmonia, pela serenidade, pelo silêncio que nem o rio se atreve a quebrar, ora a sumir-se furtivo por detrás dos montes, ora pasmado lá no fundo a reflectir o seu próprio assombro. Um poema geológico. A beleza absoluta.”^[04]

Miguel Torga (1907-1995) é um escritor transmontano que escreve e descreve as suas raízes. Neste excerto, retrata a supremacia e a monumentalidade da paisagem duriense, não sendo o único no panorama português. José Saramago (1922-2010) também o reconhece, ***uma vez mais pasmado diante dos vinhedos, sem dúvida é esta a oitava maravilha do mundo.***^[05]

É notável que esta paisagem, ao longo dos anos, tem sido escrita, desenhada e divulgada, pois exprime um simbolismo e uma herança histórica que ultrapassa o contexto nacional. O reconhecimento advém da vinicultura, que impulsionou e dinamizou a economia da região, num processo ilustrativo da capacidade e da determinação da força humana em transformar a fisionomia da natureza em prol do homem. Por essa razão é que o Douro é mais do que um fator económico, pois transmite um valor cultural.

Em termos históricos, estima-se que o vinho seja produzido na região há mais de dois mil anos, tendo-se iniciado a partir da época da romanização, contudo foi a partir dos meados do século XVII que o vinho começou a ganhar notoriedade nacional e internacional. O vinho do Porto, como era designado^[06], obteve bastante popularidade entre os membros da corte de Lisboa e, mais tarde, entre comerciantes estrangeiros, principalmente ingleses. Assim, a região do Douro converteu-se num dos primeiros casos de capitalismo agrícola em Portugal, onde a sua exportação entrou por diversos mercados espalhados pelo o mundo.^[07]

04 TORGA, Miguel (1982). *Diário XII*. 3ª ed. revista. Edição do Autor. Coimbra. p.175

05 SARAMAGO, José (1995). *Viagem a Portugal*. Editorial Caminho S.A. Lisboa. p.34

06 A cidade do Porto armazenava os vinhos durienses para que pudessem envelhecer e depois serem exportados, o que fez com que os vinhos adotassem o nome da cidade por razões comerciais.

07 SOUSA, Fernando (2007). *O Alto Douro: Da demarcação pombalina à classificação de património mundial*. Popularidade e Sociedade, nº13. CEPESE. Porto. p.19

A prosperidade do comércio do vinho, durante anos, dependeu de uma característica peculiar, o rio. Através dele iniciou-se uma dinâmica de transporte que aproximou a produção ao comércio, mas também do comércio à produção. Essa rota pretendia facilitar as transações comerciais com o mercado portuense, onde ***o domínio e poder, comércio e relação, são constantes do código genético das cidades, aqui reforçadas pelas facilidades que as estradas de água podiam oferecer quando as outras estradas eram menos eficientes e inconstantes.***^[08]

Essa reciprocidade entre produção e comércio fez desenvolver pequenas povoações para o interior (como Moledo, Régua, Pinhão, Tua, etc.), onde se expandiram investimentos tanto nacionais como internacionais, em prol da procura de rendimentos. Essa ação veio manifestar uma consequência profunda nos finais do século XVII e inícios do século XVIII, em que as crescentes demanda e expansão comercial levaram a que os vinhos viessem a sofrer adulterações.^[09] Obviamente que a autenticidade dos vinhos era um traço a preservar e, de forma a combater a contrafação, foi fundada a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro em 1756, pelo Marquês de Pombal ⁽¹⁶⁹⁹⁻¹⁷⁸²⁾. Com essa ação procurou-se assegurar a qualidade do produto, evitando adulterações, equilibrando a produção, o transporte e o comércio, de forma a manter ***a denominação de origem, tanto em Portugal como no estrangeiro.***^[10]

A partir de um ponto de vista económico, surgiu a delimitada região dos vinhos de Feitoria do Douro, que é uma das demarcações mais antigas do mundo. Entre 1757 e 1907, esta região sofreu sucessivas demarcações, passando de uma área relativamente pequena, compreendida entre Barqueiros e o vale do Pinhão, expandindo-se depois até à fronteira com Espanha, e sendo que, atualmente, esses limites se mantêm.

Apesar do Douro transparecer um carácter homogéneo, existem certas dissimilaridades o que levou a uma divisão da região – Baixo Corgo, Cima Corgo e Douro Superior – na qual ***muda a paisagem, muda a economia e mudam os hábitos.***^[11] No entanto, essa morfologia imprime alterações bem visíveis na paisagem, onde a proliferação da viticultura encontra a sua autenticidade e mantém uma continuidade até aos dias de hoje, abrindo caminhos para outro tipo de atividades que beneficiam dessa prática.

08 DOMINGUES, Álvaro (2015). *O Porto e o rio Douro: a construção de uma nova relação*. Porto. p.4

09 SOUSA, Fernando (2007). *O Alto Douro: Da demarcação pombalina à classificação de património mundial*. Popularedade e Sociedade, nº13. CEPESE. Porto. p.19

10 *Idem*. p18

11 PEREIRA, Gaspar M. (2005). *Memória do rio*. Em: A. Carvalho, A. Lopes e M. Wellenkamp. O rio. Panmixia. Porto. p.31



Figura 5. Fotografia Emílio Biel. Descarregamento das pipas no Cais de Gaia. Vila Nova de Gaia

Imagem obtida em: <https://visao.sapo.pt/visaoe7e/livros-e-discos/2016-12-26-o-douro-parado-no-tempo-nas-imagens-do-sec-xix-de-emilio-biel/#&gid=0&pid=7>

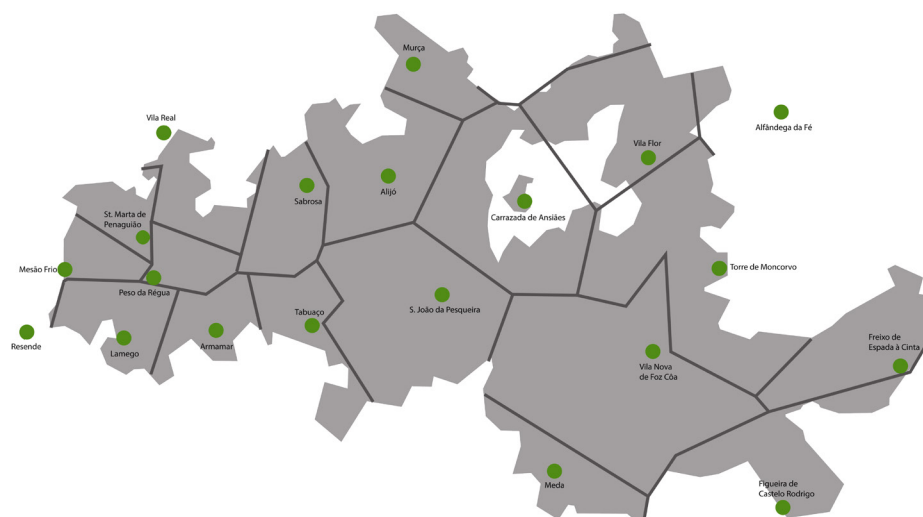


Figura 6. Mapa da Região do Douro com as delimitações do concelho
Imagem do autor



Figura 7. Mapa da Área da Classificação do Alto Douro Vinhateiro designado pela UNESCO
Imagem do autor



Figura 8. Mapa com a marcação das subregiões da Área Demarcada do Douro
Imagem do autor

2.2- A Transformação da Paisagem

“A identidade de um lugar é determinada pela sua configuração espacial do lugar e pela a sua articulação. (...) O lugar manipulado pelo homem tem de saber “o que quer ser” em relação ao ambiente natural.”^[12]

Ao longo do tempo, o desenvolvimento desta região teve sucessivas mudanças que ajudaram a construir uma identidade própria, configurando uma paisagem *sui generis*. As marcas e a determinação humana na paisagem tornam este lugar especial, ostentado por um carácter profundo de adaptação, mas também de preservação de elementos, técnicas e saberes. Essa noção permitiu que a região fosse classificada, em 2001, pela UNESCO, como paisagem cultural^[13], no sentido de exprimir conceitos de património que protejam certas características singulares.

Após essa designação, a região tem vindo a conciliar a permanência de uma paisagem antiga com uma contemporânea, onde forçosamente subsiste a necessidade de manter certas características que permitam uma (re)estruturação, uma (re)inserção e uma (re)apropriação de determinados elementos específicos. Parafraseando, Christian Norberg-Schultz, no livro *Genius Loci*, este afirma que qualquer lugar (seja natural ou urbano) visa refletir uma imagem que demonstre as suas qualidades básicas, de modo a tornar a própria atmosfera significativa e estável.^[14]

O que queremos dizer com a palavra “lugar”? Obviamente, mencionamos algo mais do que uma localização abstrata. Queremos referir um conjunto de elementos concretos referentes à substância do material- a forma, a textura e a cor. Estes elementos juntos determinam o “carácter do ambiente” que são a essência do lugar. Na generalidade, o lugar é definido por essas características ou “atmosfera”.^[15]

Afirma-se que o Douro expressa características ligadas **a um processo multissecular de adaptação de técnicas e saberes específicos de cultivo da vinha.**^[16] No entanto, esse processo não foi

12 NORBERG-SCHULZ, Christian (1980). *Genius-Loci: Towards a phenomenology of architecture*. 1ª edição. Rizzoli. Nova Iorque. p.5

13 Este é um termo designado pela UNESCO com o princípio de proteger localidades espalhadas pelo mundo, no sentido de preservar traços, quer sejam práticas ou culturas tradicionais, de forma a evitar que estas se extingam. Ver em: *whc.unesco.org*

14 NORBERG-SCHULZ, Christian (1980). *Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture*. 1ª edição. Rizzoli. Nova Iorque. p.8

15 *Idem*. p.6-8

16 AGUIAR, F. Bianchi (2000). *Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial*. Fundação Rei Afonso Henriques. Porto. p.7



Figura 9. Fotografia Casa Alvão. Quinta Nova do Rio Tordo. 1940

Imagem obtida em: FAUVERELLE, Natália (2014). As Quintas Vinhateiras: na construção do património paisagístico do Douro. Em: Atas das 2ª Conferência do Museu de Lamego. CITCEM. Lamego. p.49



Figura 10. Fotografia de Egídio Santos. Quinta Nova do Rio Tordo. 2014

Imagem obtida em: FAUVERELLE, Natália (2014). As Quintas Vinhateiras: na construção do património paisagístico do Douro. Em: Atas das 2ª Conferência do Museu de Lamego. CITCEM. Lamego. p.49

linear. Num curto espaço de tempo, desde a primeira demarcação até hoje, o território sofreu múltiplas transformações, deixando marcas profundas que desafiam o estado natural da região. Essa é uma questão ligada à humanização do território, mas também à forma como a plantação da vinha precisou de alterar as encostas durienses. Segundo Bianchi de Aguiar^[17], a vinha constitui-se como um elemento de distinção que, juntamente com os cruzamentos culturais, configuram e articulam esta paisagem humanizada.^[18]

Posto isto, pretende-se refletir sobre o contributo das vinhas na composição da paisagem, entendendo de que modo os avanços tecnológicos contribuíram para uma proliferação económica, mas também, como se foram perdendo certas técnicas e elementos imprescindíveis. Existem assim três grandes períodos de mudança - Pré-Filoxera, Pós-Filoxera e a era atual - havendo uma transição coerente entre eles, no sentido de encontrar soluções para as adversidades deparadas, principalmente a da filoxera.^[19]

A Pré-Filoxera é um período que durou até à segunda metade do século XIX (1862), em que a pedra de xisto era usada para criar muros de pedra que serviam de base para os socalcos. Sendo um material abundante na região, estes suportavam a terra de forma a criar plataformas estreitas e horizontais que permitissem a armação de uma ou duas fiadas de videira. O desenho dos muros exibia um perfil piramidal sólido e linear que tentava acompanhar as curvas de nível das encostas, com escadas a romperem verticalmente essa continuidade, gerando uma rede de percursos estreitos que permitia operar entre os diferentes patamares. Atualmente, este tipo de armação não é utilizado devido às exigências da produção, por empregar poucas fiadas em muito espaço, mas também pela vasta mão-de-obra necessária e pela praga, o que motivou a procurar outro tipo de solução.^[20]

A partir de 1880, esse sistema acabou por ser adaptado devido às debilidades que essa armação apresentava, introduzindo-se assim um novo período designado de Pós-filoxera. A caracterização desta armação passa por reduzir o número de muros utilizados, tornando-se mais baixos e largos, permitindo implementar patamares mais largos e ligeiramente inclinados. Para além de admitir um maior número de videiras, permitia a utilização de animais para revolver os solos, reduzindo a mão-de-obra e os custos de produção.^[21]

17 Tem várias obras publicadas sobre o Douro Vinhateiro e foi coordenador da candidatura do Douro a Património Mundial.

18 *Idem.* p.16

19 Trata-se de um inseto que se alimenta da raiz da videira, sendo uma praga que ameaça a plantação da vinha.

20 FAUVERELLE, Natália (2014). *As Quintas Vinhateiras: na construção do património paisagístico do Douro*. Em: Atas das 2ª Conferência do Museu de Lamego. CITCEM. Lamego. p.45

21 *Idem.* p.46

Figura 11.

Sistema utilizado até 1862 com socalcos estreitos com muros em pedra de xisto, suportando um ou duas fiadas de vinha.

Imagem obtida em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Terracos-agricolas-no-vale-do-Douro-A-e-B-com-talude-em-terra-C-e-D-com_fig2_309265175

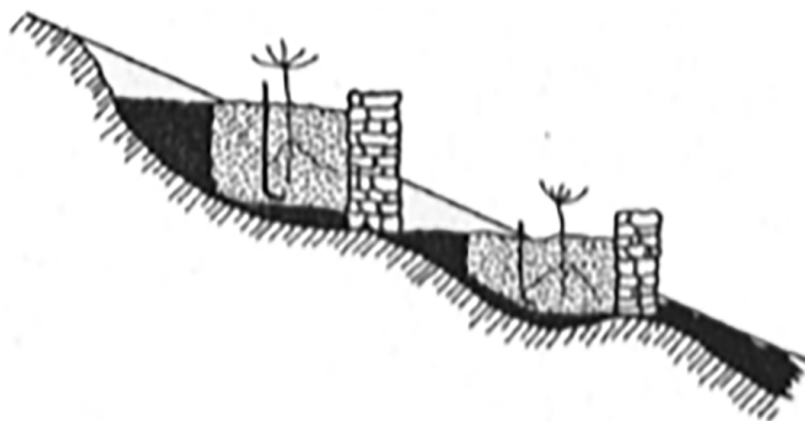


Figura 12.

Sistema utilizado desde 1880 com socalcos mais largos, sustentado por muros em pedra de xisto.

Imagem obtida em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Terracos-agricolas-no-vale-do-Douro-A-e-B-com-talude-em-terra-C-e-D-com_fig2_309265175

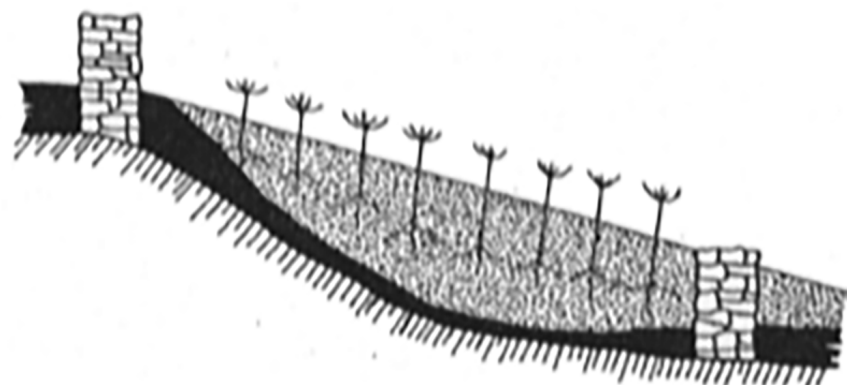


Figura 13.

Sistema utilizado entre a década de 50/60 com patamares em taludes de terra.

Imagem obtida em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Terracos-agricolas-no-vale-do-Douro-A-e-B-com-talude-em-terra-C-e-D-com_fig2_309265175

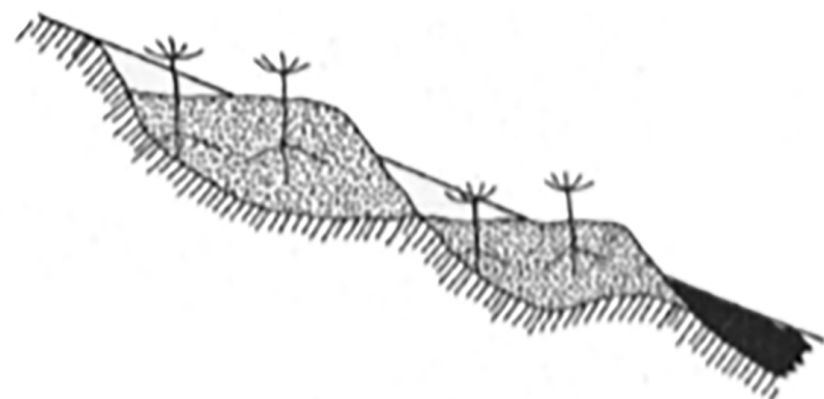
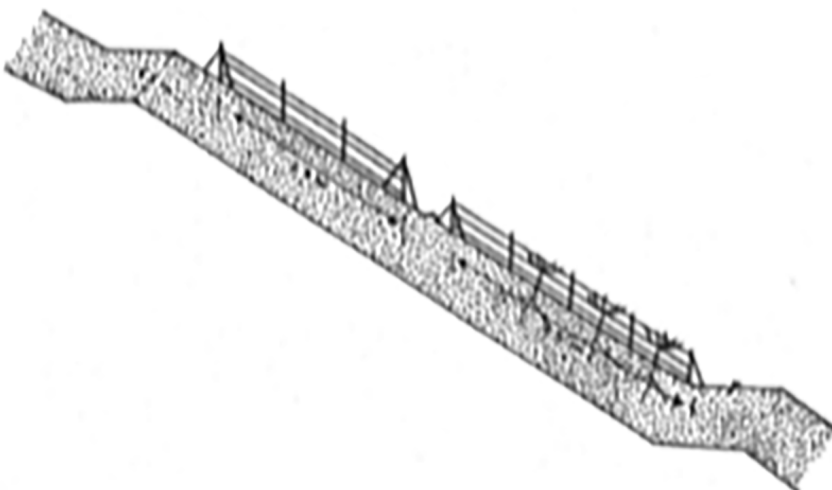


Figura 14.

Sistema utilizado apartir dos anos 80 em que a vinha é armada segundo a linha de maior declive.

Imagem obtida em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Terracos-agricolas-no-vale-do-Douro-A-e-B-com-talude-em-terra-C-e-D-com_fig2_309265175



Ambos os sistemas se apropriam de muros em xisto para erguer uma solução técnica, no entanto, vieram atribuir à paisagem uma expressão. Apesar destes dois sistemas, atualmente, não serem teoricamente rentáveis, afirmam-se como vestígios fascinantes em que as formas artificiais procuram conciliar-se com as formas naturais, sendo ainda visível em alguns pontos da região.

A partir da década de 60/70, eliminou-se por completo o muro de xisto e procurou-se assegurar uma maior produção e um baixo custo de manutenção. Introduziu-se um novo tipo de armação que utiliza a terra como um meio de suporte, permitindo uma maior manipulação do terreno com a utilização de maquinaria. Foi possível criar “caminhos” diagonais que interligam os diferentes patamares, facilitando o processo. Dentro desta nova técnica, na década de 80, desenvolveu-se a vinha ao alto, que vence declives acentuados nas encostas, plantando as fiadas perpendicularmente às curvas de nível.^[22] Considera-se que este tipo de armação seja o mais abundante atualmente na região, em que os avanços tecnológicos permitiram uma maior eficácia e aproveitamento do terreno, como ***acarretam não só alguns problemas de conservação dos sistemas tradicionais, mas também de salvaguarda das próprias encostas.***^[23]

Assim, o Douro é uma paisagem com várias vertentes, em que os diferentes tipos de armação contribuíram para a sua caracterização. Certamente que conservar certos traços paisagísticos, conciliando-os com uma vinicultura contemporânea, aparenta ser uma medida promissora. O objetivo seria ultrapassar a perda dessas particulares, sem cair num processo de descaracterização, ***mas os muros são um elemento integrante no ecossistema (...) Quando a encosta é totalmente armada em socacos com muros, ela funciona como um todo e amplifica o efeito de cada um dos muros.***^[24]

Assim, as vinhas perderam a sua geometria e a paisagem a sua coerência, um acontecimento que não corresponde a uma realidade expressa pela história, mas sim a uma realidade imposta e movida por questões económicas, sociais e urbanas.

22 *Idem.* p.47

23 *Idem.* p.48

24 FAUVERELLE, N. e ROSAS, L. (coord.)(2008). *Arquiteturas da Paisagem Vinhateira*. Fundação do Museu do Douro. Peso da Régua. p.30



Figura 15. Vinha pré-filoxera. Quinta do Súbio. Alijó

Imagem obtida em: FAUVERELLE, Natália (2014). As Quintas Vinhateiras: na construção do património paisagístico do Douro. Em: Atas das 2ª Conferência do Museu de Lamego. CITCEM. Lamego. p.44



Figura 16. Vinha pós-filoxera. Quinta de Valcovo. Vila Real

Imagem obtida em: FAUVERELLE, Natália (2014). As Quintas Vinhateiras: na construção do património paisagístico do Douro. Em: Atas das 2ª Conferência do Museu de Lamego. CITCEM. Lamego. p.46



Figura 17. Vinha em Patamar. Quinta da Soalheira. São João da Pesqueira

Imagem obtida em: FAUVERELLE, Natália (2014). As Quintas Vinhateiras: na construção do património paisagístico do Douro. Em: Atas das 2ª Conferência do Museu de Lamego. CITCEM. Lamego. p.47



Figura 18. Vinha ao alto. Quinta do Bomfim. Pinhão

Imagem obtida em: <https://www.publico.pt/2020/07/14/fugas/noticia/pedro-lemos-abre-restaurant-temporario-coracao-douro-quinta-bom-fim-1924280#&gid=1&pid=1>

A forma como a vinha personifica a paisagem é, em grande parte, uma consequência do próprio sistema. O lugar ou, neste caso, a região, evoluiu conforme as necessidades da produção do vinho e este foi um fator preponderante para a adaptação e fixação do homem.

No entanto, Norberg-Schulz defende que o lugar não é uma entidade estável. Certas características que tornam o lugar e a sua atmosfera notável tendem a moldar-se às circunstâncias que o compõem; e o tempo é o elemento que organiza todo esse processo. Assim, a humanização do território depende essencialmente da época, sendo um critério que intervém nas suas funções.

*“A estrutura do lugar não é um estado fixo. Como regra, o lugar muda, e algumas vezes rapidamente. Isto não significa, necessariamente, que o *genius loci* muda ou se perde. (...) Para proteger e conservar o *genius loci*, de facto, reinterpetar a essência de um novo contexto histórico.”^[25]*

Para esclarecer melhor o princípio deste processo, Norberg-Schulz identifica três pontos essenciais para que um território seja adequadamente humanizado, são estes *observação, estruturação e simbolização*.^[26] Nos textos anteriores, este conceito de observação é abordado, e entende-se que se trata de uma ação espontânea. O autor define esta noção, de uma forma geral, como o ato de o homem tirar proveito da natureza e das suas características em prol dele mesmo. Remete para uma análise de diversos fatores morfológicos do território – clima, água, agricultura, produção, etc. – que determinam as qualidades e as vantagens para o homem fixar-se e sobreviver num determinado lugar.

Quando o homem observa um espaço que retém as condições mínimas de sobrevivência, ele procura adaptar-se e estruturar-se ao lugar. Isso significa que serão adicionadas estruturas ao território – habitacionais, viárias, institucionais, empresariais e outras – para resolver problemas inerentes à circunstância. Obviamente que estes tipos de estruturas variam consoante a cultura e as necessidades geográficas, não se tratando de uma premissa universal. No entanto, a partir do momento em que estes dois pontos se consolidam, o lugar assume uma posição, ou seja, um simbolismo ou uma valorização que torna esse lugar único. Este princípio visa observar, reunir e preservar certas características de um determinado lugar ou construção, que tornam a atmosfera daquele espaço relevante.

25 NORBERG-SCHULZ, Christian (1980). *Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture*. 1ª edição. Rizzoli. Nova Iorque. p.18

26 *Idem*. p.17-18



Figura 19. Miradouro de Santo António. Peso da Régua
Imagem obtida em: https://www.cm-pesoregua.pt/pages/569?poi_id=19

No Douro, existe ainda um certo conflito de articulação entre a estruturação do território urbano e o seu valor simbólico. A construção nas paisagens durienses tem posto em causa a sua autenticidade, porque tem havido lugar para uma individualidade de espaços e edifícios que não valorizam o valor coletivo da região.

A cidade do Peso da Régua é um exemplo notável desse repertório, passando de um cais que apoiava a rota fluvial dos vinhos, para adquirir um estatuto de cidade e de “capital de uma região”. O crescimento económico fez impulsionar o crescimento demográfico e, como consequência, foram erguidas diversas infraestruturas. Esta necessidade de ampliação produziu uma paisagem desorganizada que acontece em todo o território duriense e, partindo de um ponto de vista pessoal, muitas dessas construções transmitem uma noção pouco preocupada com as questões patrimoniais. Assistimos a dois processos diferentes de humanização, o antes e o após a classificação da UNESCO, sendo que o “antes” se valorizava e dava significância à paisagem, algo que se tem vindo a perder ao longo dos tempos. A questão que se coloca é como se preserva um espaço partindo do pressuposto de que este tem vindo a descaracterizar-se, a começar pela armação da vinha, que altera por completo as geometrias dos muros, bem como, a vasta densidade de estruturas como habitações, autoestradas, e até cabos de linha de alta tensão, que invadem a encosta e forçam a sua presença na paisagem. Ou seja, as imagens que circulam do Douro não são aquelas que se veem e que se sentem, tratando-se de um discurso ilusório que segue motivações turísticas.

“Tudo isto constitui um repertório de imagens e experiências que não se podem filtrar pelas representações que mais circulam e que são simplificações grosseiras sobre supostos tipicismo e traços característicos de paisagem.”^[27]

Após a classificação da UNESCO, o turismo, em comparação com a produção de vinho, torna-se numa vertente impulsionadora e dinamizadora na região. Usufrui dessa designação, no sentido de prosperar e evoluir economicamente e culturalmente. Assim, essa cultura ligada ao vinho tem atraído grandes produtores e entidades que veem certas atividades vinícolas como uma espécie de atração para o turista e para a região. Essa intenção abriu portas a inúmeros projetos como rotas, excursões, alojamento, (etc.), no sentido de proporcionar atividades rurais diferentes das do meio urbano. Também abriu caminho a um novo panorama, em que se aproveita o contexto histórico para realizar planos locais, regionais, nacionais e internacionais, que articulando o dualismo entre as experiências tradicionais contemporâneas. Os meios de transporte também se alteraram. Além das estruturas viárias, a via ferroviária, juntamente com os cruzeiros turísticos, estabelece uma conexão com a cidade do Porto, criando uma rede de mobilidade em que o turismo se apoia e abre portas para um público internacional.

27 DOMINGUES, Álvaro (2019). *De que é que se fala quando se fala de Paisagem?* Em: G. Pereira, M. Amorim e M. Lage (coord). Douro e Pico: Paisagens culturais património mundial. CITCEM. Porto. pp.41-52. p.49

Toda esta evolução urbana tem feito crescer a região do Douro, impulsionando a economia que, de certa forma, ajuda a manter vivas algumas tradições e saberes durienses.

“O desafio é, agora, desenhar e implementar políticas de recuperação, valorização e de proteção que conciliem os valores culturais herdados, e saibam interpretar o sentido das mudanças e a melhoria das condições de vida das populações, vistas não como uma espécie de «figurantes de um museu vivo», ou de «jardineiros da paisagem», mas como co-actores principais da construção de um território cujo valor identitário também terá que incluir o presente e um projeto de futuro.”^[28]

O Douro já aderiu à tendência do enoturismo, seguindo países como Espanha, França e Estados Unidos, que exploram as potencialidades desse setor. Creio que, nesta situação em específico, a arquitetura vem desempenhar um papel importante, não só por estar associada a projetos vínicos e hoteleiros, mas também cria uma imagem distinta, atrativa e simbólica para as quintas e entidades, ligadas à vinicultura, existem diversos projetos de arquitetos conceituados internacionalmente. Nomeadamente, no contexto internacional, o *Complexo Dominus* (1998 - Califórnia, EUA) dos arquitetos Herzog & Meuron e, no contexto nacional, a *Adega da Quinta do Portal* (2010 - Sabrosa, Portugal) do arq. Siza Vieira. Ambos galardoados com o prémio Pritzker, respetivamente, em 2001 e 1992.

A arquitetura vem assegurar uma herança intangível, transformando-a numa tangível. Essa é uma atitude notória no Douro, onde se começam a converter as quintas e palacetes históricos em hotéis, casas de campo em turismo rural e as adegas em museus. É, portanto, relevante um olhar abrangente sobre este tipo de estruturas, no modo como estas configuram e estabelecem relações com a paisagem. Esta ideia torna-se central à dissertação, porque ajuda a ter uma melhor perceção da escolha dos casos de estudo apresentados em seguida, eleitos de forma a enquadrar melhor o caso prático desenvolvido no atelier Barbosa & Guimarães.

28 DOMINGUES, Álvaro (2001). A Paisagem Revisitada. Em: Revista Finisterra, vol: XXXVI, nº52. Centro de Estudos Geográficos. Lisboa. pp.55-66. p.64



Figura 20. Vista sobre a ponte Miguel Torga (A24). Peso da Régua
Imagem do autor



Figura 21. Contraste entre as habitações e ponte com a vinha. Peso da Régua
Imagem do autor

Arquitetura	Cliente	Localização	Área	Ano
Rebello de Andrade arq.	Explore Investemens	Samodães, Lamego	23789 m ²	2012-2015

O Hotel Six Senses no Douro é um empreendimento situado numa das localizações mais emblemáticas do Douro, a Quinta do Vale Abraão. Este local foi protagonista da cultura portuguesa com a publicação do romance Vale Abraão (1991), de Agustina Bessa Luís, e pela respetiva adaptação ao cinema por Manoel Oliveira em 1993.

O projeto parte de uma reabilitação e requalificação da quinta para um hotel de luxo, onde foram feitas transformações significativas que combinam duas linguagens distintas, uma arquitetura tradicional e regional com uma arquitetura contemporânea. Os volumes existentes são agregados por uma estrutura nova que os une e cria espaços singulares com diferentes dependências e propósitos. Há uma tentativa de tornar o novo volume “invisível”, sendo coberto por vegetação e materiais como o vidro e xisto, de forma a fundir-se com a envolvente e fazer destacar as estruturas pré-existentes.^[29]

Sublinham-se ainda duas particularidades neste projeto: A primeira tem que ver com a proximidade com a cidade do Peso da Régua, de que tira partido do volume turístico e das estruturas viárias (N222). Os caminhos e os percursos que dão acesso à quinta acompanham as curvas e desníveis das encostas, permitindo observar lentamente os indícios do complexo. A segunda é relativa ao sentido de comunidade e sustentabilidade, pois o hotel organiza inúmeras atividades e experiências rurais, como vindima, degustação de vinhos, agricultura, spa, piscina, trilhos, atividades aquáticas e visuais, no sentido de criar um cenário que cativa os hóspedes durante o ano inteiro.

Não obstante, a proximidade com um centro turístico e a preocupação de um carácter sustentável não são exclusivos deste empreendimento. Cada vez mais essa é uma intenção que tem crescido no Douro, principalmente em entidades e produções vinícolas que, para além de apostarem no setor hoteleiro, veem a produção de vinho como um meio de atração.



Figura 22. Planta de implantação do Hotel Six Senses

Imagem obtida em: https://www.rebelodeandrade.com/pt/projects/six-senses-vale-do-douro_22





Figura 23. Fotografia João Morgado. Hotel Six Senses

Imagem obtida em: https://www.rebelodeandrade.com/pt/projects/six-senses-vale-do-douro_22



Figura 24. Fotografia João Morgado. Contacto entre o edifício pré-existente e o edifício novo
 Imagem obtida em: https://www.rebelodeandrade.com/pt/projects/six-senses-vale-do-douro_22



Figura 25. Fotografia João Morgado. Vista do interior dos quartos para o rio Douro
 Imagem obtida em: https://www.rebelodeandrade.com/pt/projects/six-senses-vale-do-douro_22

Convocando agora a Quinta do Vallado, esta entidade vinícola destaca-se como uma das principais produtoras de vinhos no Douro. Fundada em 1716 pela Ferreirinha^[30], é fortemente marcada por uma herança histórica e pela proximidade com a cidade do Peso da Régua, convertendo-se também numa atração turística. Assim, a quinta apresenta um dualismo que combina e concilia uma dimensão produtiva com uma turística, preservando as estruturas que contribuíram para esse reconhecimento, atribuindo-lhes um carácter contemporâneo.

As intervenções que se sucederam entre 2007 e 2012, na parte da produção e no setor turístico, são da autoria do atelier Menos é Mais, onde a sensibilidade para com a envolvente se constituiu como um tema relevante durante o processo de conceção.



Figura 26. Vista aérea da Quinta do Vallado
Imagem obtida pelo Google Earth

30 D. Antónia Adelaide Ferreira (1811-1896) foi, e é, uma das figuras mais importantes no Douro, tendo-se dedicado ao cultivo do vinho. Investiu muito na região, onde introduziu notáveis inovações na armação da vinha que combatiam a filoxera.



Figura 27. Fotografia Fernando Guerra. Quinta do Vallado
Imagem obtida em: <http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>

Arquitetura	Cliente	Localização	Área	Ano
Menos é Mais arq.	Quinta do Vallado	Vilarinho dos Freires	4142m ²	2007-2010

A adega da Quinta do Vallado, devido ao aumento do consumo e inclusive da produção, bem como, à popularidade dos vinhos, viu-se obrigada a procurar uma solução que permitisse atualizar-se. A proposta de expansão da adega visa conciliar a manutenção dos edifícios existentes, complementando-os com uma reestruturação necessária, incluindo um armazém de fermentação, armazém de barricas e receção. O volume proposto apresenta enorme massa, parcialmente enterrada no terreno, sendo revestido por xisto e por outros materiais que apresentam uma tonalidade idêntica. O interior dispõe de uma organização em patamares que remete para a topografia do terreno, e cria um percurso compreensível desde a recolha da uva até à exportação do vinho.

Este é um projeto em que o revestimento exprime diferentes manipulações e transformações em diversas direções do material estimulam e encaminham o observador. Na sua plenitude, o novo volume da adega, criado como uma grande massa com uma tonalidade homogênea, funde-se destacando também os edifícios pré-existentes, procurando uma relação entre o antigo e o contemporâneo.

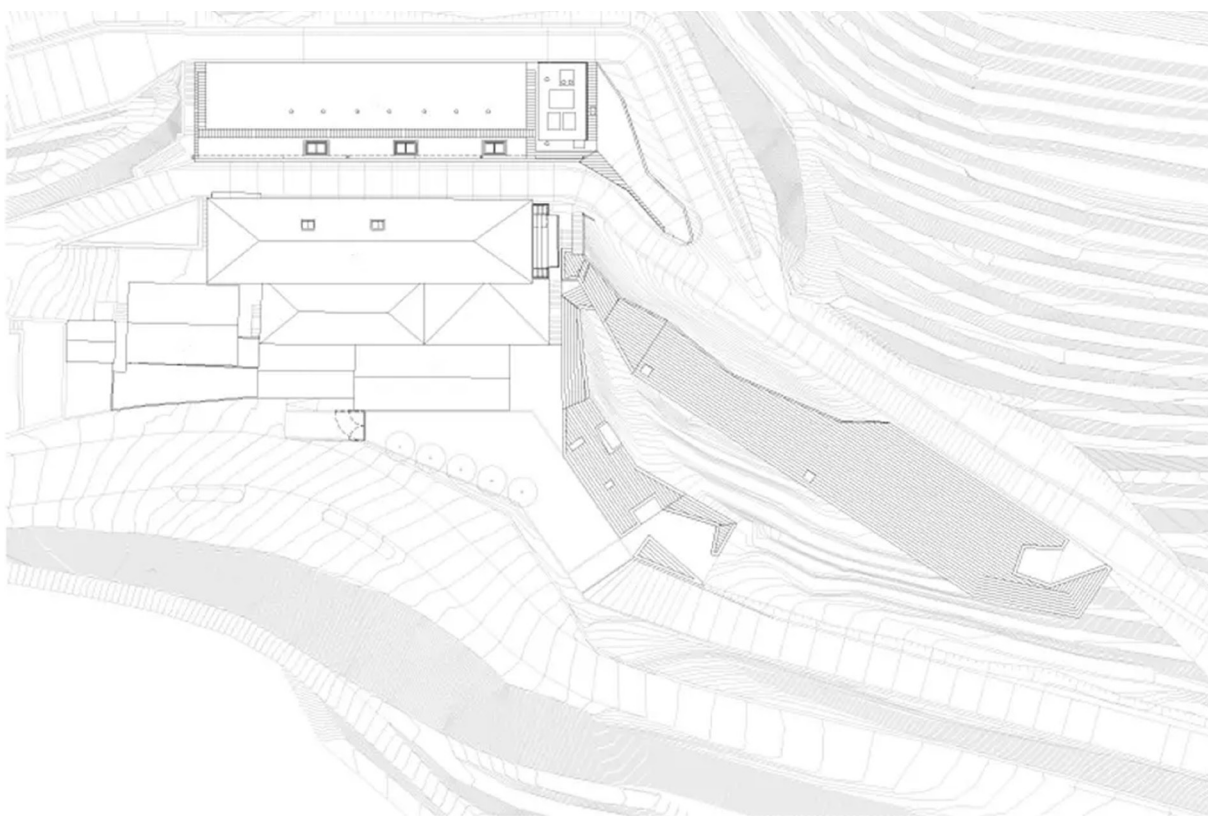


Figura 28. Planta de implantação da Adega da Quinta do Vallado
Imagem obtida em: <http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>





Figura 29. Fotografia Fernando Guerra. Adega da Quinta do Vallado
 Imagem obtida em: <http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>



Figura 30. Fotografia Fernando Guerra. Entrada para a Adega
 Imagem obtida em: <http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>

Arquitetura	Cliente	Localização	Área	Ano
Menos é Mais arq.	Quinta do Vallado	Vilarinho dos Freires	1020m ²	2007-2012

Relativamente ao Hotel da Quinta do Vallado, esta intervenção advém de uma necessidade de expansão das instalações da quinta, e partilha conceitos semelhantes à intervenção da adega. A proposta concebe um volume significativamente mais pequeno em comparação com o da adega, em que este apresenta uma ligeira torção, que procura redesenhar um espaço curvo formado pelo terreno e pela estrutura existente.

Do ponto de vista espacial, destaca-se o modo como o espaço está pensado. A organização interior distribui-se em dois pisos, havendo uma clara separação entre as áreas comuns e privadas, em que estes compartimentos se ligam diretamente à fachada por questões de luz e de proximidade com a paisagem. Esta organização, em que o edifício se dispõe sobre uma frente de fachada, é relevante para a questão do espaço interior do caso prático apresentado em seguida.



Figura 31. Fotografia Fernando Guerra. Planta de implantação do Hotel da Quinta do Vallado
Imagem obtida em: <http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>





Figura 32. Fotografia Fernando Guerra. Vista para o Hotel da Quinta do Vallado
 Imagem obtida em: <http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>



Figura 33. Fotografia Fernando Guerra. Vista do Hotel da Quinta do Vallado
 Imagem obtida em: <http://ultimasreportagens.com/ultimas.php>

2.2- Conhecer o projeto. *Blend in Douro*

2.2.1. Contexto	58
2.2.2. Implantação	60
2.2.3. Programa	64

Quando me concentro num local ou lugar específico no qual vou desenhar o edifício, eu tento decifrar a sua profundidade, a sua forma, a sua história e as suas qualidades sensuais, onde imagens de outros lugares começam a invadir esse processo preciso de observação.^[31]

O ato de pensar o projeto possui diversas singularidades que variam de arquiteto para arquiteto, no entanto, esse processo, para além de ser fundamentado a partir de um gesto criativo, orienta um conjunto de temáticas que procuram conhecer e explorar as condicionantes e potencialidades de cada lugar. Esse é um método que a Faculdade de Arquitetura (FAUP) procurou estimular durante os anos da minha formação e, como consequência desses ensinamentos, os temas abordados anteriormente têm o propósito de definir um princípio de conceção para o caso de estudo.

A partir deste momento, pretende-se expor o momento prático desta dissertação, onde se viabiliza uma proposta de um empreendimento turístico, intitulado *Blend in Douro*, que consiste em reabilitar uma zona reservada^[32]. Este capítulo organiza-se em duas partes com o objetivo de clarificar o seu propósito. Assim, numa primeira parte, há a intenção de apresentar o projeto da autoria dos Barbosa & Guimarães, apresentando questões que abordam a sua generalidade. Depois, pretende-se expor uma zona do projeto, dedicada ao tema da habitação (turística), no qual se fundamentou a experiência e a prática do estágio.

31 ZUMTHOR, Peter (2006). *Thinking architecture*. 2ªed. Birkhäuser Architecture. Basileia. p.41-42

32 De acordo com o PDM (15905/artigo 59.º), a zona reservada tem a natureza de área *non aedificandi*. “Constitui exceção ao disposto no n.º1 a reconstrução/alteração de edifícios existentes, devidamente enquadrados na paisagem e no meio ambiente, para fins turísticos e habitacionais, a autorizar, caso a caso, e desde que devidamente justificados face ao programa do empreendimento pretendido e salvaguardadas as situações de risco de inundação.”

Este empreendimento localizar-se-á na periferia da cidade do Peso da Régua, numa zona caracterizada pela imagem típica dos vales durienses. A proposta assume um plano de reabilitação urbana marcada pelas ruínas de uma antiga fábrica metalúrgica, a Milnorte, que operou na região durante o período da década de 70 até à década de 80. Em 2006, por iniciativa da Câmara Municipal do Peso da Régua, desmantelaram-se dezanove edificações que cobriam uma área total de 25 253m². No entanto, os vestígios deixados ameaçam a autenticidade e a classificação desta paisagem cultural.

Assim, os Barbosa & Guimarães idealizam uma proposta que articula a arquitetura com questões culturais e paisagísticas impostas, possibilitando uma dicotomia entre a construção e o lugar. As linhas do projeto são movidas por uma estratégia em conjunto com a CMPR, com a finalidade de transformar o espaço cedido numa atração turística que potencialize as albufeiras e crie novas atividades no território, em que o PDM^[33] constitui uma diretriz.

Este projeto advém de interesses público e privados com a intenção de promover uma instalação que se direcione para o setor turístico e hoteleiro, de forma a explorar as particularidades desta região, mas também promover o crescimento económico e laboral.

33 Em 2017, a CMPR adaptou o PDM de forma a incorporar as normas do POARC (Plano de Ornamento das Albufeiras da Régua e Carrapatelo). Ver em: <https://www.cm-pesoregua.pt/pages/686>



Figura 34. Comparação do terreno antes e depois da desmantelação da fábrica Milnorte.
Imagem obtida pelo Google Earth



O terreno da proposta estabelece uma relação próxima com as margens do rio Douro, localizando-se, aproximadamente, a 7km da cidade do Peso da Régua. O plano previsto encontra-se, para além do rio, limitado por duas entidades importantes: a oeste, pela Barragem de Bagaúste (EDP) e a Leste por uma das propriedades mais antigas da região, a Quinta da Dona Matilde. O terreno engloba também duas infraestruturas importantes, a estrada nacional N313-1, uma via paralela à famosa N222, e a linha ferroviária que conecta o Porto ao Pocinho, a qual inclui um apeadeiro. Trata-se de uma área consideravelmente extensa, com uma dimensão total de 107 941m².

Do ponto de vista formal, os B&G aproveitam estas duas infraestruturas para desenvolver uma estratégia de implantação que ajuda a organizar o extenso programa. Assim, a linha ferroviária é uma trincheira que divide o terreno horizontalmente em duas zonas. A norte da linha, pretende-se localizar estruturas mais privadas, como “casas turísticas”, onde a conexão entre as mesmas tira partido das vias existentes. A sul da linha, localizar-se-ão os edifícios coletivos, por razões de proximidade com o rio e pela posição do apeadeiro.

Assim, surge o interesse do atelier em viabilizar uma proposta que integre da melhor forma possível e harmoniosa estes novos equipamentos ligados ao setor turístico e hoteleiro.

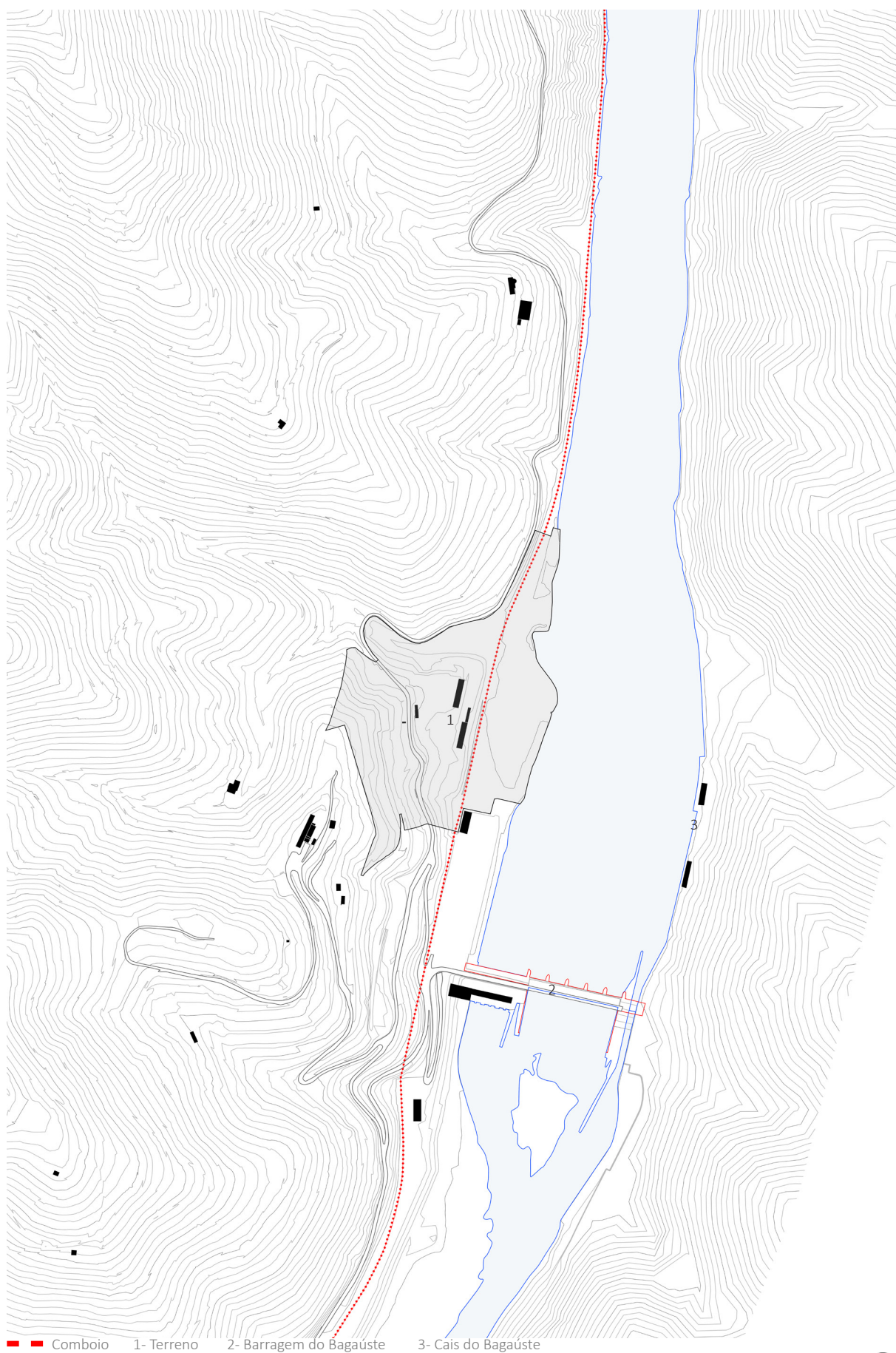


Figura 35. Planta com a área de intervenção
Imagem do autor



I- Estruturas de acessibilidade

O acesso ao local é relativamente fácil. A proposta tem a intenção de estar preparada para receber três tipos de transporte – automóvel, ferroviário e marítimo – criando um acesso possível a partir da área metropolitana do Porto.

A região do Douro possui uma excelente estrutura viária, tirando partido de autoestradas (A24) e estradas nacionais (N222) para chegar ao destino, sendo que a distância para com o Porto implica, mais ou menos, 1h 20 min de carro e 2h de comboio. Quanto às estruturas marítimas, o rio apresenta bastante atividade neste setor, assim, o plano visa incluir uma marina de forma a aproveitar essa dinâmica.

II- Infraestruturas vinícolas e hoteleiras

A produção vinícola é o fator que transforma esta região numa atração turística. Assim, este novo empreendimento hoteleiro procura aproximar os hóspedes dessa atividade, tirando partido da sua proximidade com entidades e quintas de renome. Certas propriedades têm um simbolismo histórico no Douro que permite (re)descobrir o passado, sendo o caso da Quinta da Dona Matilde, Quinta do Seixo (*Sandeman*), Quinta do Vallado, Quinta do Tedo, Quinta de La Rosa, Quinta Vale de Abraão (*Six Senses*), etc.

III- Proximidade com o rio Douro

Para além da questão da acessibilidade via marítima, o projeto intende gerar uma dinâmica mais centralizada e estável, estabelecendo uma relação com as infraestruturas que lhe são próximas – a Barragem de Bagaúste e o Cais de Bagaúste^[34] – no sentido de fortalecer um ambiente e atividades aquáticas e fluviais.

34 Um projeto da autoria do atelier Belém Lima Arquitetos (2013) junto à via N222, composto por dois edifícios que servem de apoio ao cais, como um armazém para equipamento de remo e outro que funciona como um bar/cafetaria, de forma a sustentar toda essa atividade.

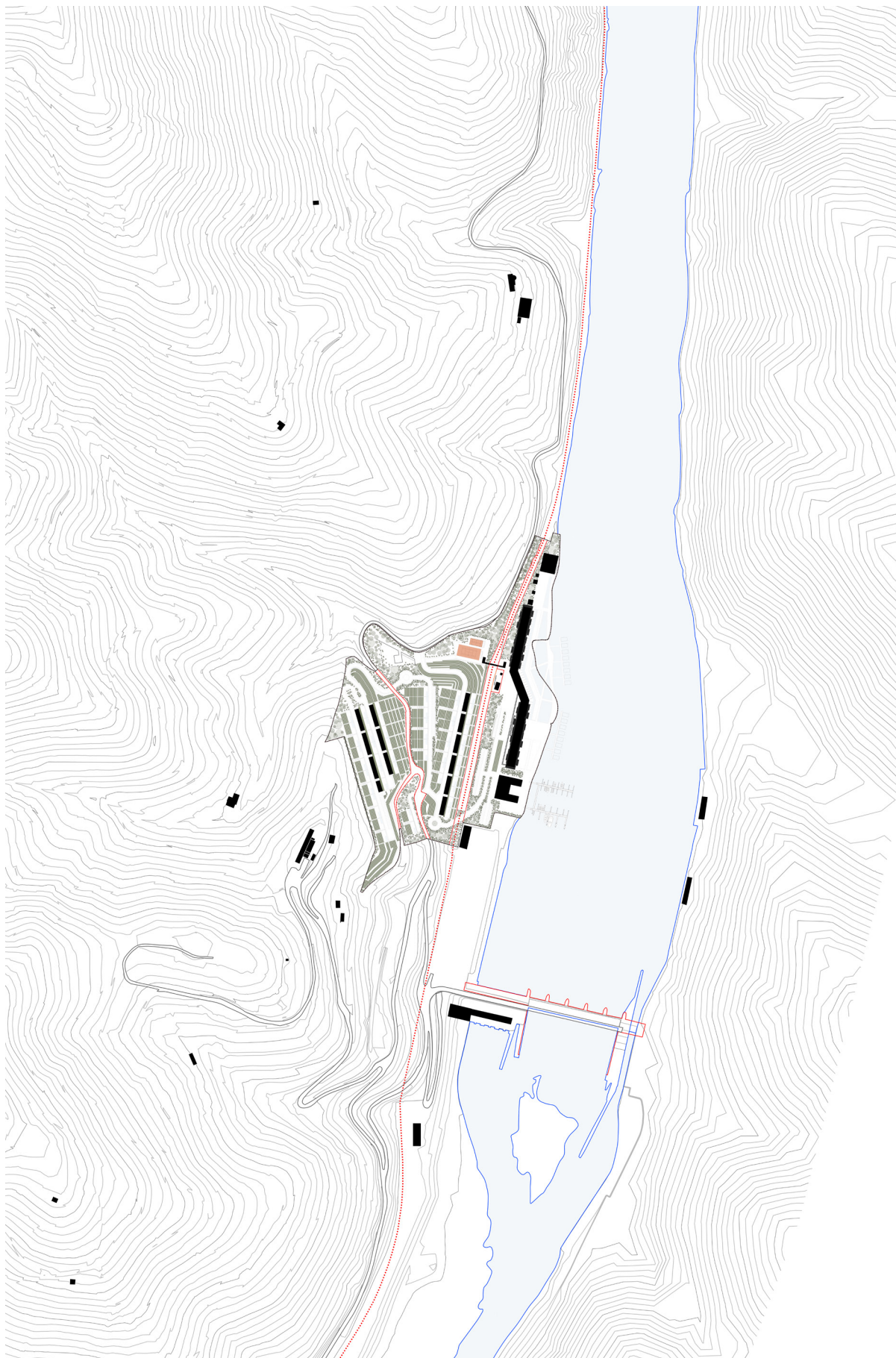


Figura 36. Planta de implantação da proposta

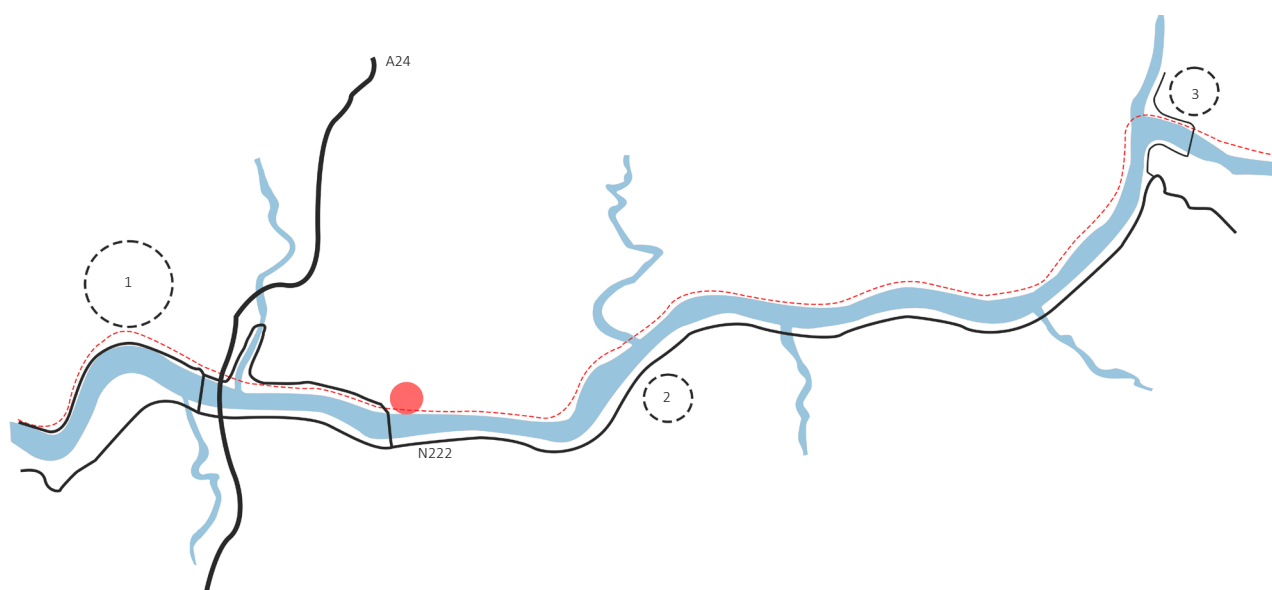
Imagem do autor



Face aos exemplos apresentados anteriormente, a visão dos Barbosa & Guimarães segue o mesmo propósito, procurando combinar uma visão contemporânea com a paisagem arcaica, de forma a estabelecer uma nova identidade no lugar.

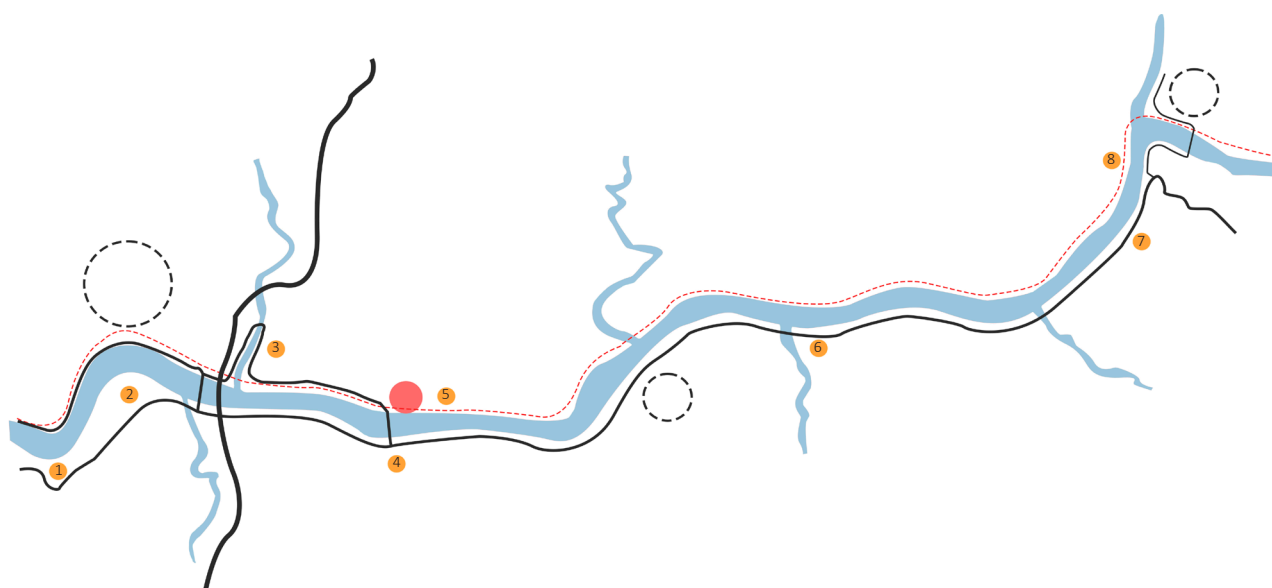
O desenho da proposta estende-se sobre um eixo paralelo ao rio (nascente-poente), onde se estabelecem os edifícios principais, assumindo uma volumetria que se destaca na paisagem, contrapondo com a dimensão da Barragem e da central hidroelétrica. Do ponto de vista da integração destes elementos na paisagem, procura-se uma continuidade volumétrica que ajude a potencializar as margens e a enquadrar a proposta, num meio em que o artificial contrasta com o natural.

Pretende-se agora clarificar, de forma sucinta, o programa da proposta, partindo de um relatório fornecido pelo atelier.



Comboio 1- Peso da Régua 2- Folgosa 3- Pinhão

Figura 37. Esquema com as estruturas viárias
Imagem do autor



1- Six Senses 2- Qt. da Pacheca 3- Qt. do Vallado 4- Qt. do Sol 5- Qt. da Dona Maria 6- Qt. do Tedo 7- Qt. do Seixo 8- Qt. de La Rosa

Figura 38. Esquema com a localização das estruturas vinícolas
Imagem do autor

1- Hotel

O hotel é o volume com mais destaque no complexo. Esta edificação tende a adotar uma imagem leve e abstrata, devido ao vidro e aos elementos horizontais que sobressaem do corpo da fachada. A sua geometria retangular cobre uma área de 8180m², distribuindo-se ao longo de um máximo de quatro pisos, três acima e um abaixo do solo, servindo este último maioritariamente para suprir as necessidades do estacionamento e das áreas técnicas.

Ao nível da rua, ou seja, no piso 0, o espaço é flexível, destinando-se dois tipos de programa. Na ala ponte, o espaço é dedicado às áreas comuns que compõem o serviço hoteleiro – como a receção, bar, espaços de estar, etc. – que se relacionam com o exterior e o rio. A ala nascente, por sua vez, é um espaço que se destina a quartos que desenvolvem uma relação mais íntima com o rio, no qual se inclui um terraço privativo. Quanto aos pisos restantes, são dedicados a quartos, que se organizam consoante os mesmos fatores, perfazendo cerca de 80 a 100 unidades.

2- Marina

O volume da marina situa-se a ponte e apresenta uma característica semelhante ao hotel, no sentido de tentar minimizar a sua presença na paisagem. A sua implantação apresenta uma desconstrução do espaço criado, onde se erguem dois volumes idênticos com três pisos acima do solo e um abaixo, dedicado ao estacionamento e área técnica.

O edifício perfaz uma área de construção de 1735 m² e estará ligado aos serviços necessários para o funcionamento da marina, estando pensado para ser reversível, para dar lugar a possíveis eventos.

Associado à marina, está previsto um sistema flutuante de pontões com capacidade para cerca de 20 embarcações, bem como uma zona de estaleiro com uma área prevista de 1296m².

3- Edifício de Apoio / Restaurante

O edifício de apoio/ restaurantes constitui-se num só piso e destina-se a dar apoio ao espaço da piscina, com balneários e espaço para arrumação, servindo de complemento para o restaurante, perfazendo uma área total de 500 m². O desenho destas estruturas pretende ter um carácter pouco intrusivo na paisagem, mas uma expressão semelhante ao resto do conjunto, rematando e fechando, a nascente, a composição volumétrica.

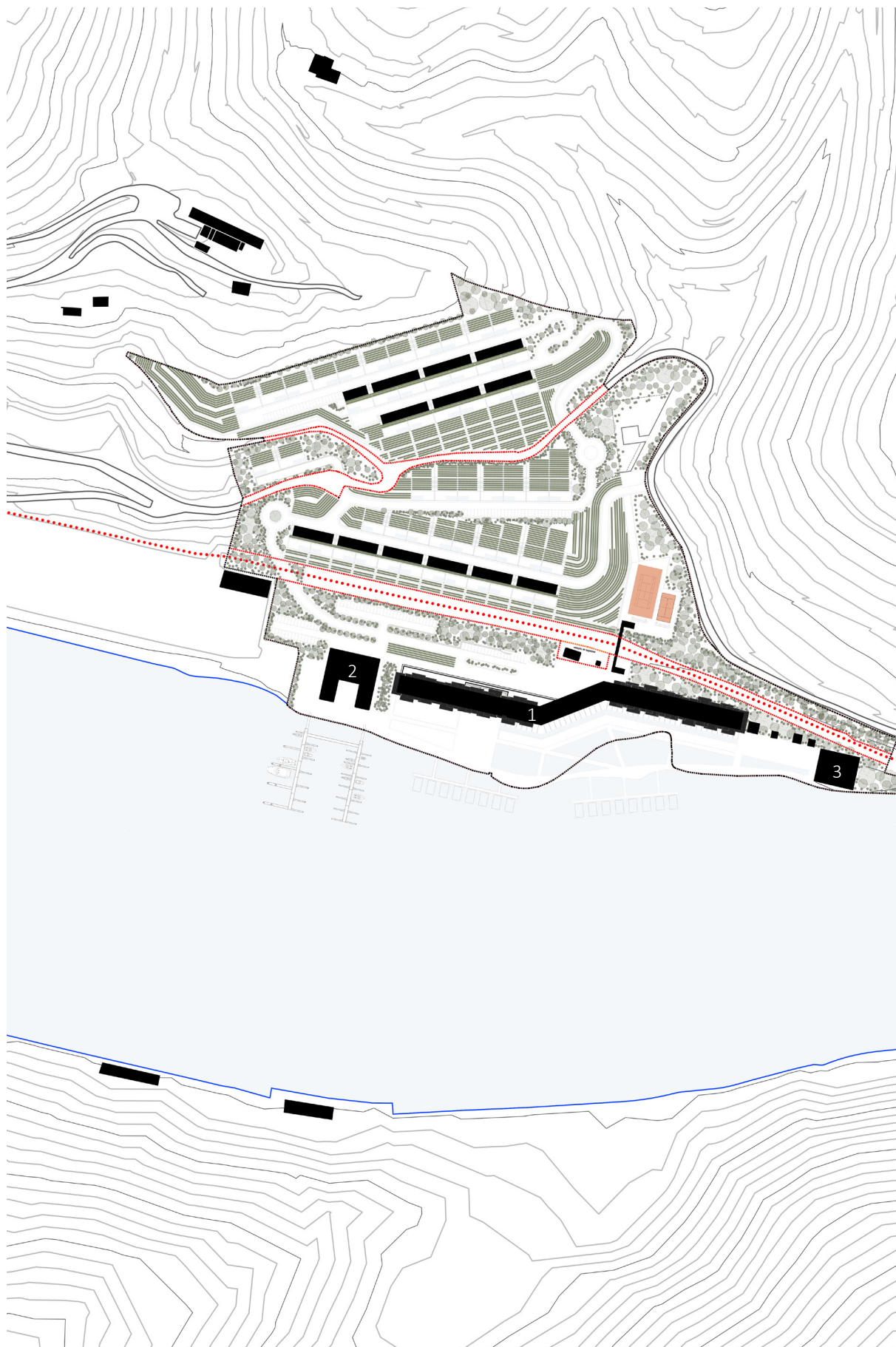


Figura 39. Planta de implantação da proposta
Imagem do autor



4- Percursos e Espaço Exterior

A rede de percursos pedonais e automóveis que integram o plano está pensada com o intuito de conectar os diferentes programas na totalidade e minimizar o impacto na paisagem, tentando torná-la impercetível.

A via EN313-1 é uma via pré-existente, na qual a estrutura viária se apoia, fazendo a ligação para a área das villas e de entrada para o restante complexo. Na generalidade, estes eixos de circulação são compostos por acessos viários de dois sentidos – com 5 a 7 metros de largura, ladeados por passeios de 1 a 5 metros de largura – e distribuem-se pelo terreno apresentando em certas zonas algum declive devido à topografia do terreno.

Quanto ao estacionamento, foram criados vários lugares junto às bermas da estrada, com 58 lugares na zona onde se localizam as casas “privadas” (villas) e 78 lugares junto ao núcleo do hotel, perfazendo um total de 134 lugares de dimensões 5x2,5m.

Quanto aos arranjos exteriores, na sua totalidade, existe um cuidado com o tratamento paisagístico, no sentido de preservar as arborizações existentes para benefício próprio.

No núcleo do hotel, ou seja, abaixo da linha ferroviária, será criado um percurso pedonal com zonas permeáveis e não permeáveis, de forma a aproximar as edificações do rio e conectar os diferentes programas e estabelecer diferentes dinâmicas. A servir de filtro entre esse conjunto e a linha ferroviária, a norte, foi criada uma linha de arborização, com o intuito de esconder esse troço. Mas também para o terreno começar a ganhar uma expressão vertical, servindo de filtro para as villas que se situam na encosta mais a norte. A vegetação nessa área é composta por vinhas, no sentido de atribuir à encosta um carácter natural e menos desenhado, fundindo-se com a envolvente e fazendo sobressair o núcleo do hotel.

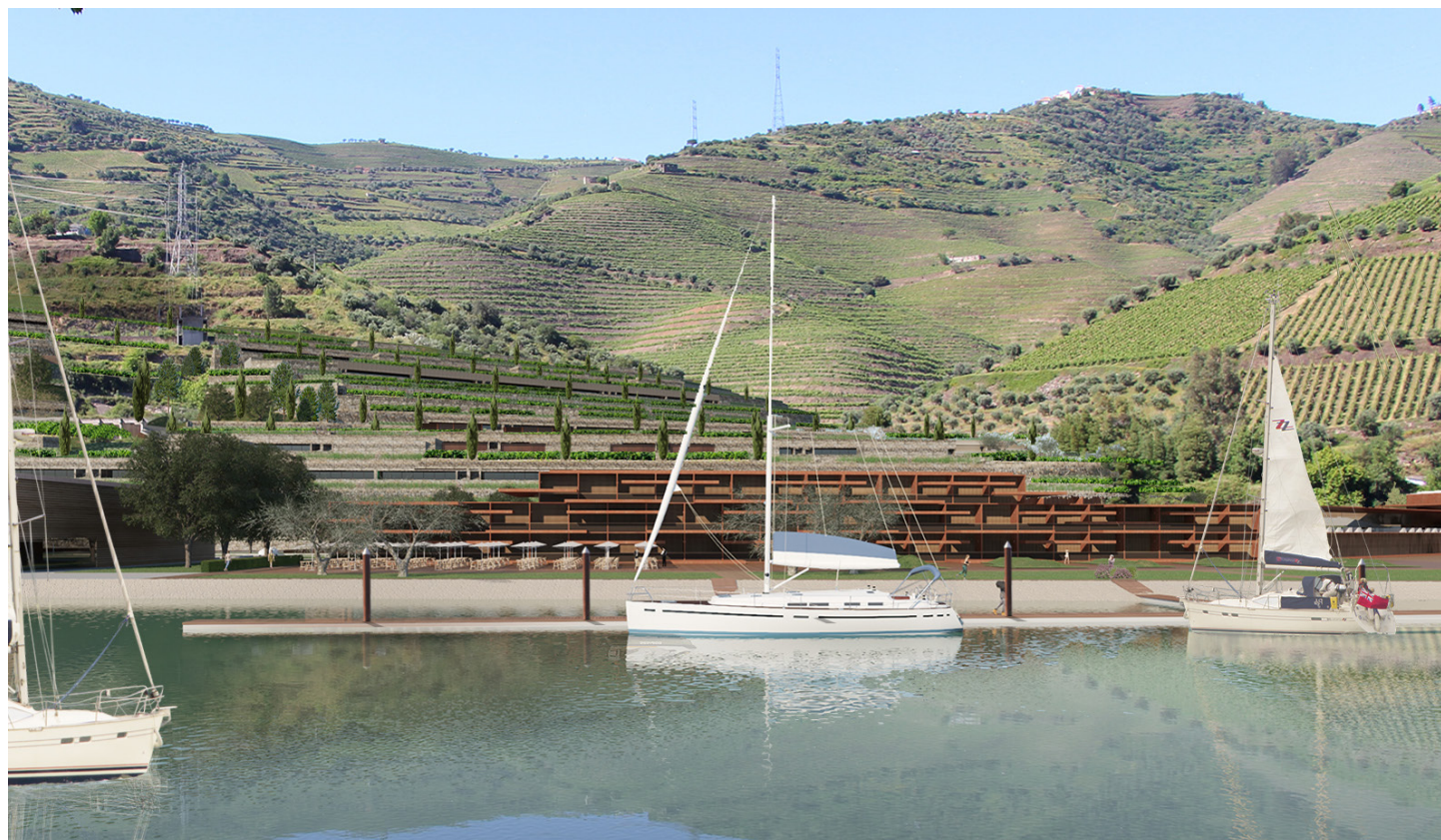


Figura 40. Vista para o hotel
Imagem do atelier Barbosa & Guimarães



Figura 41. Vista para o complexo
Imagem do atelier Barbosa & Guimarães



Figura 42. Vista para a Marina
Imagem do atelier Barbosa & Guimarães

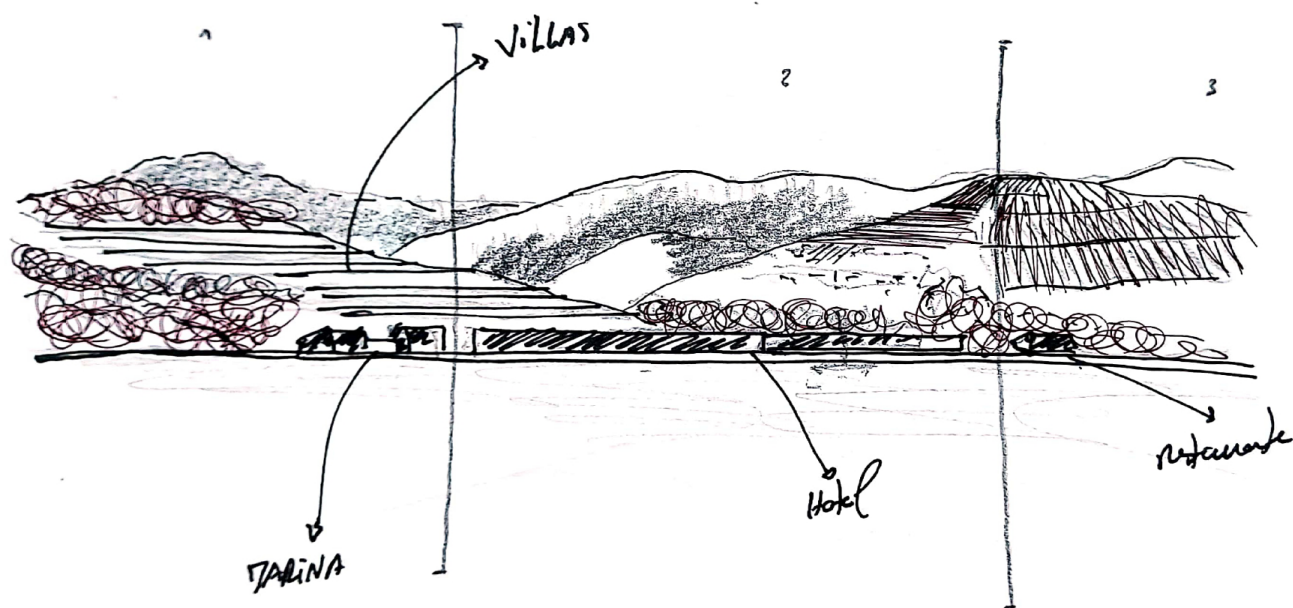


Figura 43. Equisso da proposta
Imagem do autor

2.3- Uma aproximação ao projeto

2.3.1. O socalco como premissa	74
- Espaço exterior	
- Espaço interior	
2.3.2. Proposta	86
- Produção Gráfica	

Além da elaboração de desenhos técnicos para a proposta em geral, a experiência de estágio incidiu no desenvolvimento do espaço das “casas turísticas”, ou, como o *atelier* designa, das *villas*. Este foi um desafio que difere significativamente da primeira tarefa, onde surgiu uma certa autonomia e capacidade para aplicar certas bases e conhecimentos de arquitetura.

A formação académica na FAUP incute ferramentas necessárias com o objetivo de (re) conhecer melhor o lugar e as suas particularidades, como forma de materializar a ideia de projeto. Essa sensibilidade orientou uma reflexão que procurou entender e perceber as singularidades da região Douro, no sentido de as utilizar ou não – técnicas, composições e materiais – que sustentem a conceção da proposta. Assim, a memória e a história constituem uma razão, em que a preservação e a expressão definem diretrizes influentes no processo para adaptar o projeto à circunstância em que se encontra.

“O homem por vezes pensa, as formas que ele cria, os espaços que ele organiza não são criados ou organizados em regime de liberdade total, mas antes profundamente condicionados por uma soma infinita de fatores, alguns dos quais o homem tem plena consciência e age noutros inconscientemente sobre eles.”^[35]

A questão do lugar é uma particularidade que afirma uma posição relativa na conceção do projeto, que tenta desprender-se de um absolutismo funcional e encaminhar para a valorização de vários espetros, que definam uma ideia. Sob esta reflexão, recordo um momento com o professor Francisco Vieira de Campos durante o quarto ano de projeto, que comunicava que a ideia primária deveria ser valorizada e a conceção do espaço é uma consequência dessa ideia. Assim, a ideia é a matriz e nela englobam-se todos os espetros – a forma, a função, a volumetria, a massa, etc. – e era essencial que essa composição se aproximasse o máximo possível desse princípio. Podia partir-se de um mero esquisso ou de uma sensação.

“A quem sustenta que a arquitetura deriva só da função, só da técnica ou só da construção, pode responder com outra tanta segurança: a arquitetura deriva só da ideia, só do espaço, só do instinto, do belo e do jocoso. É obvio que tudo é igualmente importante. Decisivo é sempre o espírito que faz uma ou outra palavra de ordem.”^[36]

Neste exercício prático, parte-se de uma proposta condicionada pela forma e pelo tipo de

35 TÁVORA, Fernando (2008). *Da organização do espaço*. 8ªed. FAUP Publicações. Porto. p.18

36 TAUT, Bruno (2008). *Ensaio terra quando a vejas, casa quando baste*. In: Só nós e santa tecla. Dafine editora. Porto. p.104

programa, que constituíram diretrizes no processo. Assim, a intenção para este exercício apoia-se em atribuir um significado profundo ao espaço. Uma relação entre o material e o imaterial, o objetivo e o subjetivo, no sentido de conceber uma conexão entre as formas que movem o espaço e o seu observador.

“Ao falar de arquitetura sobressai inevitavelmente e imediatamente o conceito de atmosfera, um ambiente, uma disposição do espaço construído que comunica com os observadores, habitantes, visitantes e também, com a vizinhança que os contagia.”^[37]

Sobre esta reflexão, questiono o ato que vou imprimir ao projeto. Apesar de ser um contexto que me é bastante íntimo, é impossível ser imparcial às memórias e inspirações que movem o local e que definem a minha perspetiva. É do entender do atelier e meu que exista uma preservação, um diálogo e uma integração com a paisagem, sendo uma intenção que guia todo o processo da conceção. Uma ideia pertinente para encontrar um balanço entre a natureza-objeto e o objeto-natureza, mas também entre a arquitetura tradicional e a contemporânea. Como diria o arquiteto Álvaro Siza Vieira: ***a tradição é um desafio à inovação. É feita de excertos sucessivos.***^[38]

37 ZUMTHOR, Peter (2009). *Atmosferas*. 1ªed. Editorial Gustavo Gili. Barcelona. p.6

38 SIZA, Álvaro (2009). *01 Textos*. Civilização ed. Porto. p.27

O Espaço Exterior

“Trabalhar com o terreno significa hoje, como sempre, colaborar com a sua morfologia, mas significa sobretudo utilizá-lo como matéria de composição. Matéria de composição em que este é algo mais do que um suporte. Mais do que ser fundação, o terreno pode ser hoje parte do próprio edifício. E o edifício, mais do que um objeto pousado ou encaixado no local, com mais ou menos preocupações contextualistas, é parte desse terreno, desse local e desse contexto.”^[39]

Anteriormente, observaram-se os vários tipos de armação de vinha, e como essa morfologia gera diferentes tipos de socalcos ao longo da encosta. Apesar de terem sido expostos quatro tipos de armação, a proposta explora uma armação que se encontra no limiar entre a pré-filoxera e a pós-filoxera. Esta noção constitui-se como uma referência ou uma base, em que os muros de xisto veem exprimir uma razão que os ultrapassa, incutindo um perfil sólido e linear como matéria na expressão.

Assim, as villas têm a intenção de redesenhar a encosta, o socalco e o muro, promovendo uma continuidade e, ao mesmo tempo, uma ideia de limite. Um muro define uma barreira física que revela o que deve revelar e divide o que deve dividir. Sobre esta premissa, na fachada desenrola-se uma tensão entre o interior e o exterior, **o jogo entre o indivíduo e o público, entre a privacidade e o público. É com isto que a arquitetura trabalha.**^[40] O ato de projeto focou-se nessa temática, tendo sido uma forte influência na organização e disposição do espaço (interior e exterior), no sentido de encontrar uma relação e uma transparência entre essa dualidade, assim como criar uma “imagem” que integre, da melhor forma, a proposta na paisagem e que consiga despertar um interesse no observador.

No que toca a este princípio, analisaram-se alguns exemplos de projetos durante o decorrer do estágio, de forma a definir uma diretriz para a proposta. Esta análise partiu de um interesse pessoal, onde procurou-se entender as circunstâncias que os movem, como também as estratégias utilizadas pelos arquitetos de forma a resolverem certos obstáculos.

39 RODRIGUES, Sérgio F. (2009). *A casa dos sentidos*. ARQCOOP ed. Lisboa. p.51

40 ZUMTHOR, Peter (2009). *Atmosferas*. 1ªed. Editorial Gustavo Gili. Barcelona. p.47

Arquitetura	Cliente	Localização	Programa	Ano
Manuel Botelho arq.	Eng. Paulo Pires	Lamego	Habitação- 3 pisos	2000

Com um contexto semelhante ao caso de estudo, nesta obra do arquiteto Manuel Botelho, são notáveis os pormenores do desenho que contemplam uma leitura serena e estável na paisagem. O programa da casa assenta sobre uma encosta composta por vinha, encontrando-se parcialmente enterrado, afirmando-se a cobertura como uma extensão do terreno.

A casa enfatiza um volume de carácter sólido e natural que estabelece uma relação cromática e contínua com os muros tradicionais envolventes. Com um panorama sobre margens do rio Douro e a cidade do Peso da Régua, a fachada frontal protagoniza um cenário oculto, no qual marca uma posição e faz questionar a sua intimidade. Este projeto é subtil nesse aspeto, em que a relação entre o interior e o exterior ocorre entre os alçados a nascente e poente, demonstrando uma preferência pelas vistas e libertando o alçado frontal de qualquer tipo de rutura.^[41]

Além de o acesso à casa ser um percurso sinuoso entre vinhas, o mesmo se pode dizer do pátio central. Apesar de este organizar o espaço interior, onde divide as áreas comuns dos quartos, penetra o volume em forma de “escadaria”, estabelecendo uma relação recíproca entre o topo da encosta e a sala de estar. Sobre esse eixo transversal, aqui o arquiteto implementa um conceito de transparência, em que direciona para o pátio e convida o observador a ir para o exterior. Essa é uma evidencia que os alçados escondem e não querem revelar, tratando-se de um espaço íntimo e reservado que não procura uma ostentação, mas sim uma privacidade.

“Tenho um castelo, vivo neste castelo e perante o exterior mostra esta fachada. A fachada diz: sou, posso, quero, seja o que for que quieram dizer o dono de obra e o arquiteto em conjunto. E a fachada diz também: mas não vos mostro tudo. Certas coisas estão lá dentro e não vos dizem respeito. É assim com o castelo, mas também é assim num apartamento dentro da cidade. Marcamos posição. Observamos.”^[42]

Diria que esta é uma perspetiva intrínseca de um arquiteto que procura desenhar o espaço em função do lugar e enaltecer particularidades que seduzem o observador. É perceptível o vínculo entre a construção e o sítio, onde a materialidade formula um processo criterioso que reveste e enquadra esse

41 REIS, Jorge (2018). *Manuel Botelho Casas*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto. p.128

42 ZUMTHOR, Peter (2009). *Atmosferas*. 1ªed. Editorial Gustavo Gili. Barcelona. p.48

novo corpo na paisagem, sendo um reflexo do espectro do lugar.

“Cada corpo tem uma identidade própria. Escolher um material para revestir ou dar forma a um elemento é caracterizado o corpo, é eleger uma expressão que o define e o demarca como algo específico.”^[43]

Recordo o decorrer das aulas de Projeto do primeiro ano, sobre as palestras do prof. Arquiteto Manuel Botelho. Procurou sempre comunicar que o espaço não é circunscrito ao estudo interno do edifício e alertava também para a importância que a arquitetura desempenhava igualmente no espaço externo. Mencionou este projeto como um exemplo desse princípio, em que não via a casa como uma fronteira, mas sim como uma transparência entre o interior e o exterior, no sentido em que as aberturas procuram seduzir o observador, como se se tratasse de “quadros” que captam as proporções desejadas da paisagem. Sob ***uma visão panorâmica, a janela se transforma num ecrã e o exterior se emoldura numa perspetiva cinematográfica.***^[44]

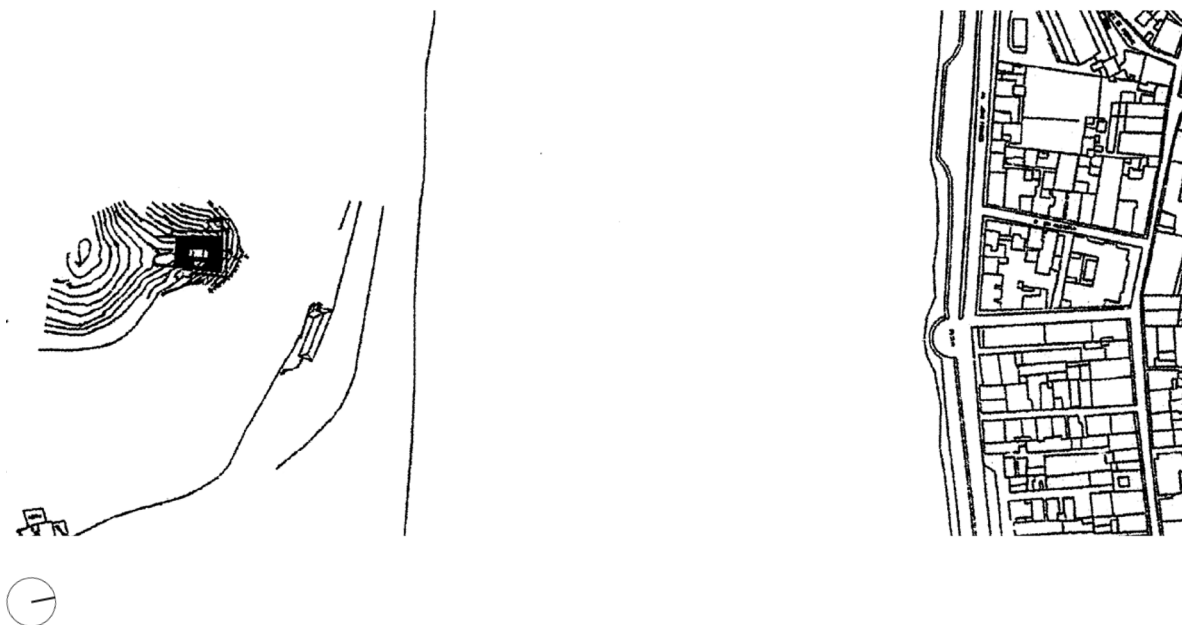


Figura 44. Planta de implantação da Casa Dr. Paulo Pires

Imagem do obtida em: FONSECA, Rodrigo (2018). *Contributos para o reconhecimento da obra de Manuel Botelho : identificação, mapeamento e registo*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto. p.186

43 RODRIGUES, Sérgio F. (2009). *A casa dos sentidos*. ARQCOOP ed. Lisboa. p.59

44 *Idem*. p.24



Figura 45. Vista da zona da piscina

Imagem do obtida em: FONSECA, Rodrigo (2018). *Contributos para o reconhecimento da obra de Manuel Botelho : identificação, mapeamento e registo*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto. p.182



Figura 46. Vista sobre o pátio central

Imagem do obtida em: FONSECA, Rodrigo (2018). *Contributos para o reconhecimento da obra de Manuel Botelho : identificação, mapeamento e registo*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto. p.182

Outros dois exemplos que se consideram relevantes para o espaço e expressão exterior do caso de estudo são as obras do arquiteto Eduardo Souto de Moura, a Casa em Baião (1990-1993) e Casa em Moledo (1991-1998). Ambos os projetos contêm o programa de habitação unifamiliar e consolidam o conceito de ruína, que pode ser entendida como uma sensibilidade entre a arquitetura e a natureza. Conceitos significativos para consolidar o caso prático.

“Recuperar uma ruína para a casa de fim de semana com dimensões mínimas foi o pedido do cliente. Consolidar a ruína como jardim fechado e fazer a casa ao lado foi a base do projeto.”^[45]

O conceito da ruína é importante para a Casa em Baião, pois é entendida como um elemento que define os limites. Semelhante à casa anterior, Casa Dr. Paulo Pires, procura manter um diálogo com o lugar, remetendo para um desenho simples e linear que procura entrelaçar-se com a envolvente.

A implantação redesenha um socalco pré-existente, desmontando o muro de suporte de granito da ruína, em que, sobre essa mesma linha, ergue uma caixa em betão com um panorama sobre o rio Douro. O programa da habitação desenrola-se nesse volume, onde todos os compartimentos se colam na fachada, formando um plano contínuo em vidro. A caixilharia desse plano vai desde o chão até ao limite superior, escondendo a laje da cobertura, no sentido de não a fazer sobressair e dar continuidade à relação entre o interior e exterior.

A Casa em Moledo **é o redesenho de uma outra casa, por analogia ao sítio, programa e material. À semelhança da Casa em Baião^[46]**, recria novamente os socalcos, no sentido de aproveitar a totalidade do terreno, de forma a criar percursos que aproximem a nova construção à ruína (no ponto mais alto). Ao contrário do projeto anterior, não foi atribuída à ruína nenhum programa ou uma funcionalidade específica, funcionando antes como um remate, um objeto escultórico que mantém um aspeto de abandono.

A casa é transparente, no sentido de que a cobertura funciona como elemento independente que enfatiza a condição de “capa”, repousando sobre as paredes. Transmite uma sensação de que o exterior entra para o interior, em que os compartimentos se colam na fachada frontal, criando um plano em vidro com vista para a paisagem.

45 MOURA, Eduardo Souto (2006). *Vinte e duas casas. VI bienal internacional de arquitetura de São Paulo*. Ordem dos Arquitetos. Lisboa. p.61

46 *Idem*. p.69

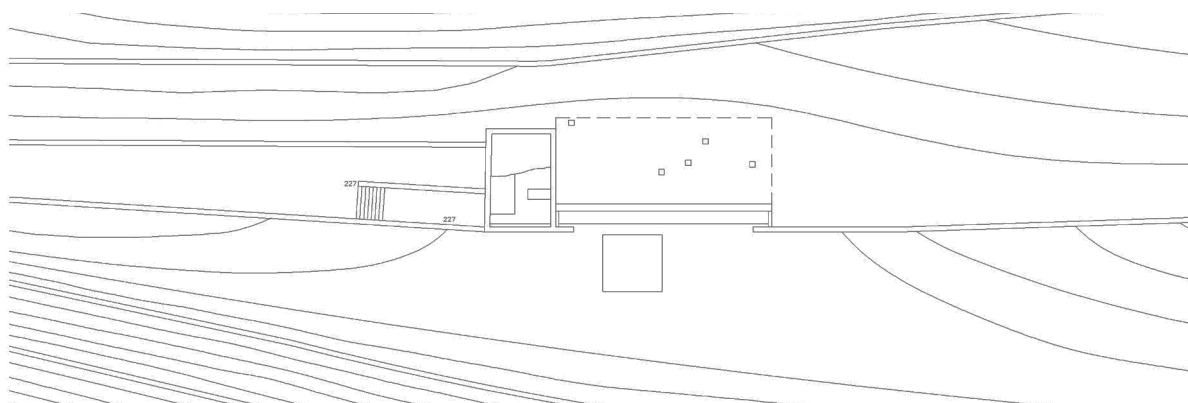


Figura 47. Planta de implantação da Casa em Baião

Imagem do obtida em: SILVA, Alexandra (2019). *Intervir no preexistente: A ruína na obra de Eduardo Souto de Moura*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto. p.120



Figura 48. A relação entre a ruína e o plano envidraçado da casa

Imagem do obtida em: SILVA, Alexandra (2019). *Intervir no preexistente: A ruína na obra de Eduardo Souto de Moura*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto. p.122



Figura 49. Vista da cobertura ajardinada e das paredes da ruína

Imagem do obtida em: SILVA, Alexandra (2019). *Intervir no preexistente: A ruína na obra de Eduardo Souto de Moura*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto. p.122



Arquitetura

Eduardo Souto Moura
arq.

Cliente

António Reis

Localização

Cristelo

Programa

Habitação- 1 piso

Ano

1998



Arquitetura

Eduardo Souto Moura
arq.

Cliente

Jorge Neto

Localização

Baião

Programa

Habitação- 1 piso

Área de Construção

120m²

Área do Terreno

21000m²

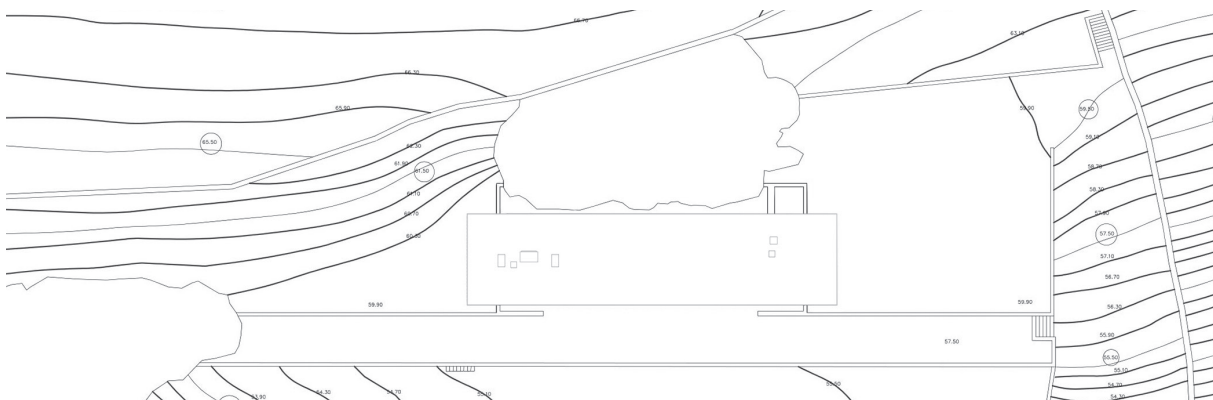


Figura 50. Planta de implantação da Casa em Moledo

Imagem do obtida em: SILVA, Alexandra (2019). *Intervir no preexistente: A ruína na obra de Eduardo Souto de Moura*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto. p.124



Figura 51. Vista da Casa em Moledo inserida no socalco

Imagem do obtida em: <https://www.atlasofplaces.com/architecture/casa-en-moledo/>



Figura 52. Vista da cobertura da Casa em Moledo

Imagem do obtida em: <https://www.atlasofplaces.com/architecture/casa-en-moledo/>

“Construir um muro é pensar um limite, percebendo o que este é ou quer ser. Um limite físico, um limite psicológico, social ou outro. Desenhar um limite é uma das formas da organização do espaço. É marcar a fronteira e nomear algo para cá e para lá dessa fronteira.”^[47]

Sob essa premissa, a circunstância dita a forma e é evidente que a forma compreende um limite que vem determinar a relação entre o espaço interior e o exterior, atribuindo uma continuidade ou descontinuidade, uma forma e uma função. A ideia de (re)construir o socalco limita o espaço e a sua organização, ou, como Távora refere, a expressão **«ocupar o espaço»**.^[48]

Das soluções anteriormente mencionadas, a Casa em Baião e a Casa em Moledo são casos deste programa, em que o espaço interior é uma consequência do espaço exterior. Ambos apresentam características semelhantes interiormente, existindo uma separação clara entre os espaços de carácter comum e os espaços de carácter mais privado, sendo a ligação entre os mesmos feita por através de um corredor na zona posterior.

No entanto, a ideia de um plano contínuo no exterior prevalece para o interior, sendo este um ato projetual que manipula e conjuga diferentes materiais que formam distintas perspetivas. Escolher um material significa revestir o corpo, dar forma à superfície, sobrepor camadas e eleger uma expressão que o caracterize e defina, no sentido de encontrar uma harmonia e encaminhar e seduzir o observador

“Colocamos as coisas de forma concreta, primeiro mentalmente depois na realidade. E vemos como reagem umas com as outras. E todos sabemos que reagem umas com as outras! Materiais soam em conjunto e irradiam, e é desta composição que nasce algo único. Os materiais são infinitos – imaginem uma pedra que podem serrar, limar, furar, cortar e polir, e ela será sempre diferente. E depois pensem nesta mesma pedra em grandes quantidades muito pequenas ou em quantidades enormes, será outra vez diferente. E a seguir exponham-na à luz, ela será mais uma vez diferente. Apenas um material e já tem mil possibilidades.”^[49]

A materialidade é muito idêntica. Ambos utilizam madeira no chão e reboco no teto, mas diferenciam-se no revestimento de certas paredes. Aqui nota-se a forma como o material é tratado e

47 SILVA, Alexandra (2019). *A ruína na obra de Eduardo Souto de Moura*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto. p.127

48 RODRIGUES, Sérgio F. (2009) *A casa dos sentidos*. ARQCOOP ed. Lisboa. p.65

49 ZUMTHOR, Peter (2009). *Atmosferas*. 1ªed. Editorial Gustavo Gili. Barcelona. p.24

exposto, pois a pedra usada na fachada adquire diferentes proporções. Na Casa em Baião, a composição da parede de pedra da sala configura uma impressão mais rústica do que a Casa em Moledo, sendo um exemplo claro de que o mesmo material com particularidades desiguais transmite sensações diferentes.

A sensibilidade da implantação, a relação com o lugar, a organização interior e a questão da materialidade, são questões relevantes que estas obras tratam. Representam uma lógica, uma ideia e uma expressão que consegue dar corpo à arquitetura. Por vezes, esconde-se coisas, por vezes mostra-se, procurando uma harmonia e uma atmosfera que torne o espaço único. Posto isto, dada a similaridade dos contextos e a premissa do “muro”, foi necessário entender estes exemplos, tanto da perspetiva do exterior como do interior, no sentido de estimular um processo criativo que orientasse o desenho do caso de estudo.

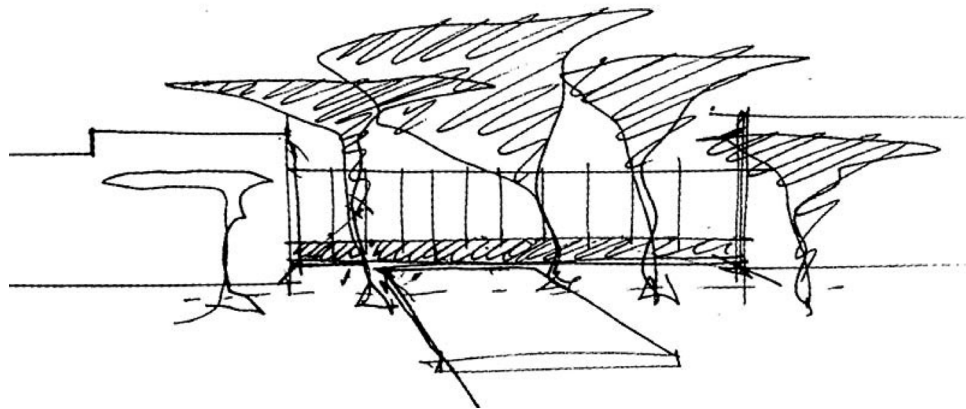


Figura 53. Esquisso da Casa em Baião

Imagem do autor e obtida em: SILVA, Alexandra (2019). *Intervir no preexistente: A ruína na obra de Eduardo Souto de Moura*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto. p.119

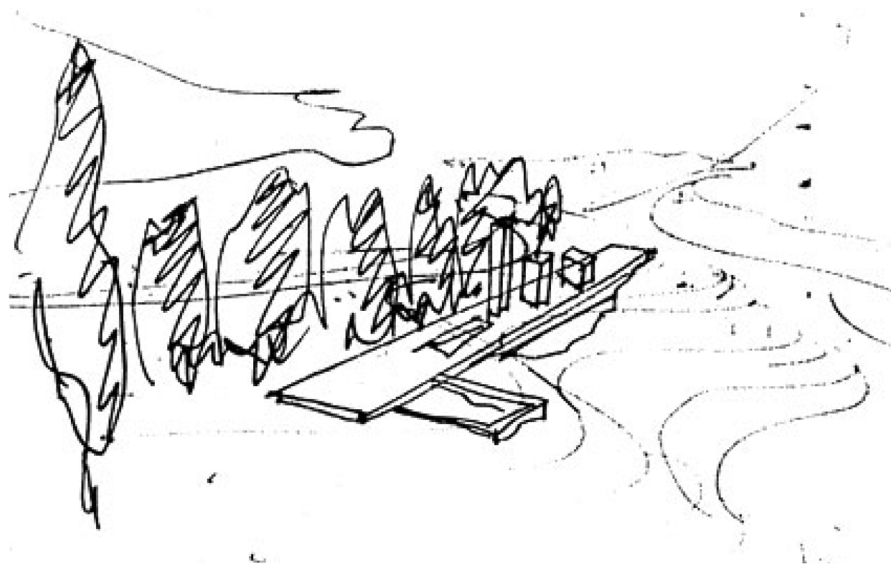


Figura 54. Esquisso da Casa em Moledo

Imagem do autor e obtida em: SILVA, Alexandra (2019). *Intervir no preexistente: A ruína na obra de Eduardo Souto de Moura*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto. p.119

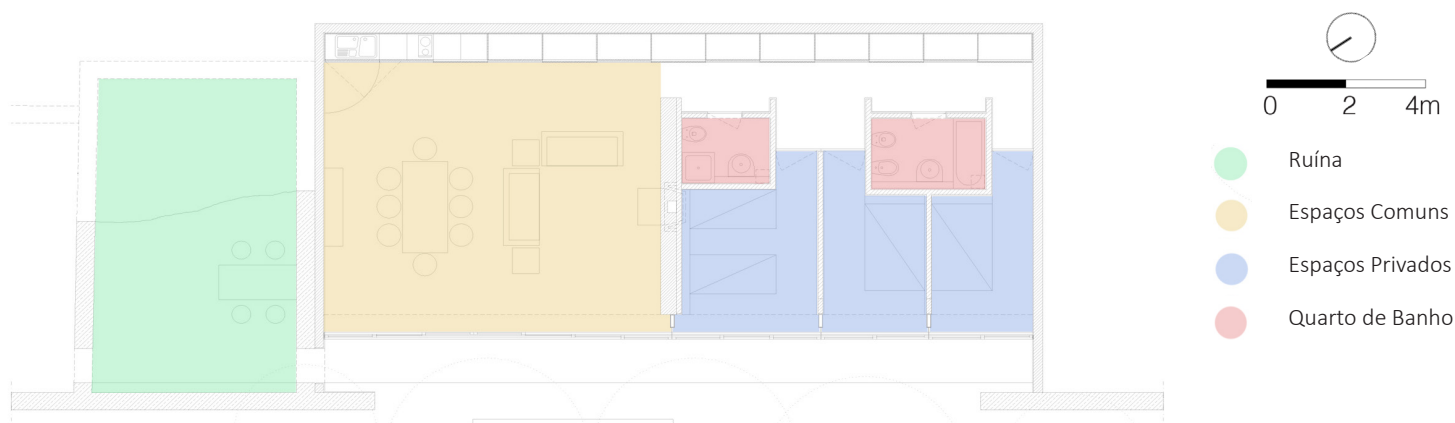


Figura 55. Planta do piso térreo da casa em Baião

Imagem do autor e obtida em: SILVA, Alexandra (2019). *Intervir no preexistente: A ruína na obra de Eduardo Souto de Moura*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto. p.120



Figura 56. Vista da sala com acesso aos quartos da casa em Baião

Imagem do obtida em: <https://viagensnomeusofa.blogspot.com/2011/03/eduardo-souto-moura-pritzker-2011.html>



Figura 57. Janela exterior dos espaços comuns

Imagem do obtida em: <https://viagensnomeusofa.blogspot.com/2011/03/eduardo-souto-moura-pritzker-2011.html>



Figura 58. Vista do interior para o exterior

Imagem do obtida em: <https://viagensnomeusofa.blogspot.com/2011/03/eduardo-souto-moura-pritzker-2011.html>

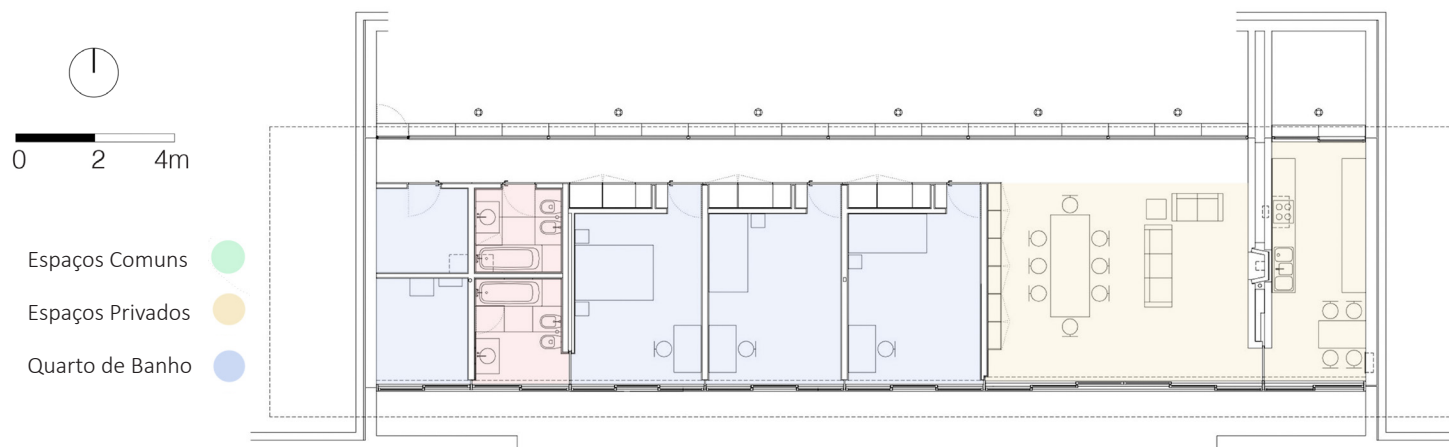


Figura 59. Planta do piso térreo da Casa em Moledo

Imagem do autor e obtida em: SILVA, Alexandra (2019). *Intervir no preexistente: A ruína na obra de Eduardo Souto de Moura*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto. p.124

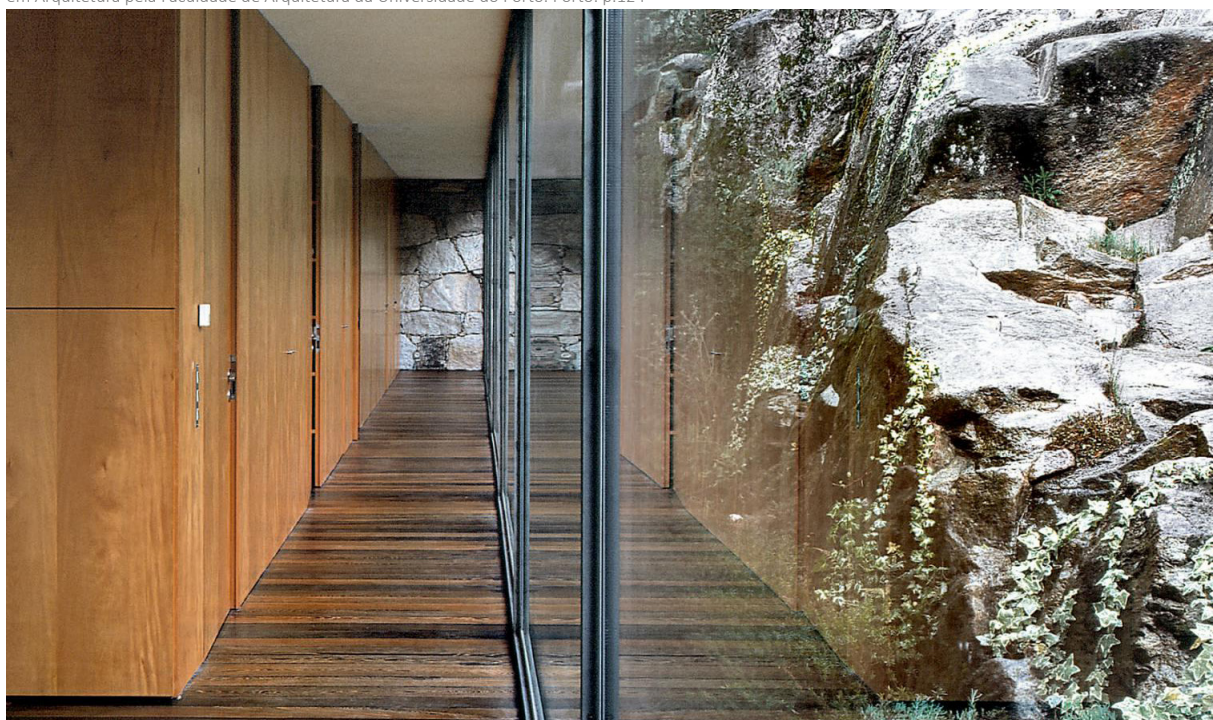


Figura 60. Vista do corredor de acesso aos quartos

Imagem obtida em: <https://arquitecturaviva.com/works/casa-en-moledo-0>



Figura 61. Vista para a parede que faz a divisão entre a sala e a cozinha

Imagem obtida em: <https://arquitecturaviva.com/works/casa-en-moledo-0>





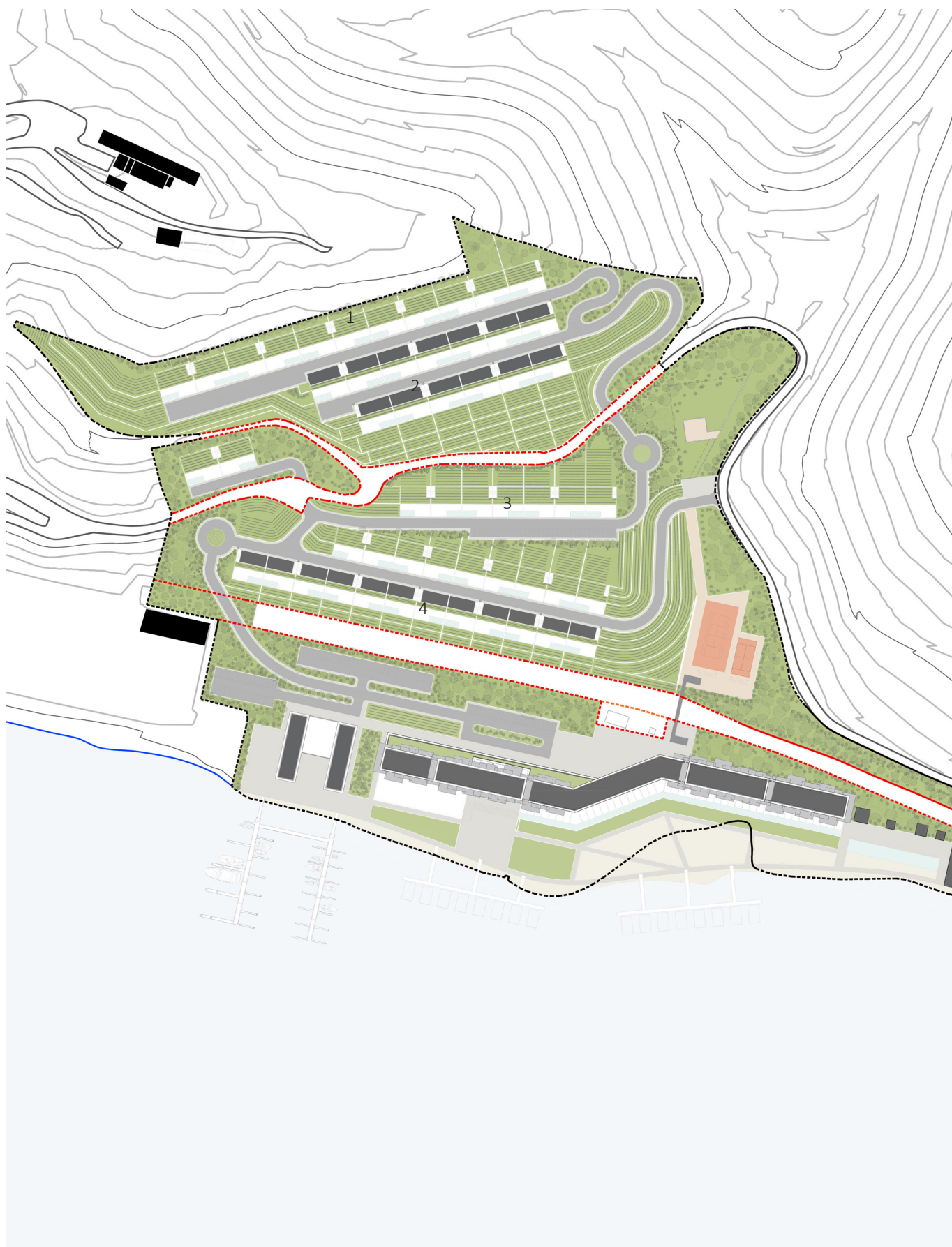
Figura 62. *Resort Douro.* Ideia conceptual do atelier Barbosa & Guimarães
Imagem fornecida pelo atelier Barbos & Guimarães

As obras anteriormente mencionadas manifestam características semelhantes ao caso *Blend in Douro*, do atelier Barbosa & Guimarães. Durante o projeto, reconheceram-se certas características da região do Douro que se tornaram essenciais para a composição das *villas*^[50], indo de encontro à ideia de preservação da identidade duriense.

A ideia do socalco é aplicada na proposta para as *villas*, procurando reestruturar, valorizar e definir a implantação da proposta no terreno. Partiu de uma proposta conceptual desenvolvida, em parte, por mim guiado pelas linhas orientadoras do arquiteto José António Barbosa. Considera-se que as *villas* têm um enquadramento que respeita a designação de paisagem cultural, tentando adaptarem-se e integrarem-se com a envolvente e determinando assim uma forma e composição concordante com o lugar. Relativamente ao terreno, compreende uma área extensa com aproximadamente cinco hectares, tirando partido do rio Douro e das vias existentes, nomeadamente a *N313-1*, importante para a rede de acessos que interliga o diversificado programa.

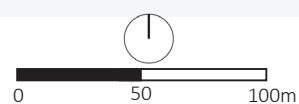
O plano das *villas* engloba um total de 47 unidades, organizando-se em duas tipologias (Tipo A e B), em que ambas têm um programa semelhante- uma sala de estar, uma cozinha, dois ou três quartos (dependendo da dimensão do lote), lavandaria/anexo e uma piscina. A diferença entre as duas tipologias consiste na inclusão de uma garagem, apenas no Tipo A. Estão projetadas cerca de 25 *villas* do Tipo A, com uma área de construção compreendida entre 250m² (T2) e 300m² (T3) e as restantes 32 unidades são do Tipo B, com uma área de construção que varia entre 170 m² (T2) e 200 m² (T3).

De forma a agilizar o desenvolvimento da proposta, decidiu-se optar por uma tipologia modelo, no sentido de interligar e relacionar os restantes tipos. Por razões de adaptação ao terreno, o Tipo A mostrou-se ser o mais favorável e, devido à dimensão do programa, optou-se pela tipologia T3. O módulo é formado por duas unidades de habitação que estabelecem entre si uma simetria, permitindo uma sequência serena e de continuidade ao longo da encosta. Com uma dimensão de 40x17m, são ocupados pela construção da unidade, sendo que os volumes se conformam junto ao limite posterior do terreno, abrindo-se para sul, conseguindo uma boa exposição solar e usufruindo de uma vista panorâmica sobre o rio Douro.



1- Tipo B (T3) 2- Tipo A (T3) 3- Tipo B (T2) 4- Tipo A (T2)

Figura 63. Planta com a localização das villas
Imagem do autor



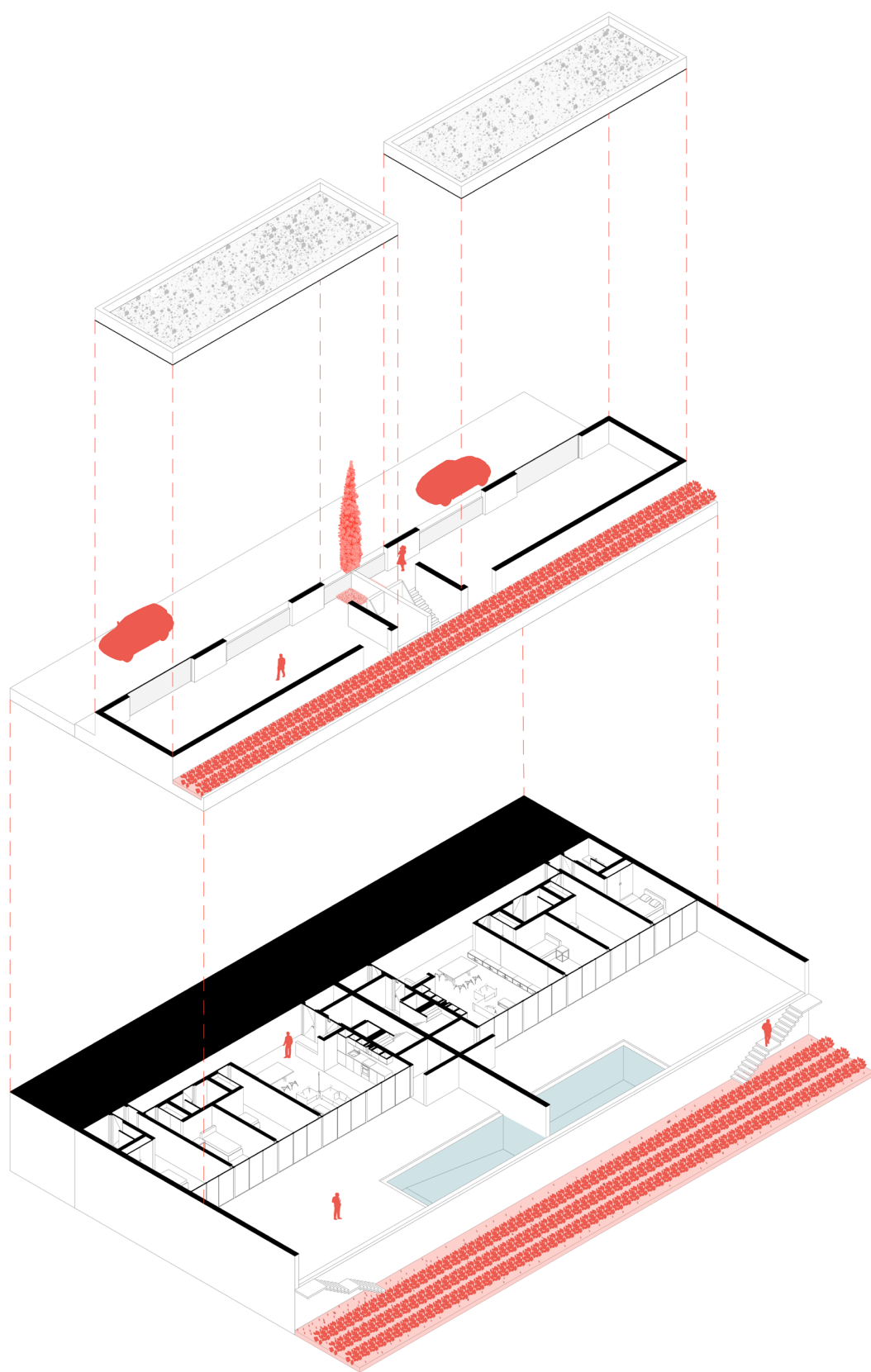


Figura 64. Axonometria do Módulo
Imagem do autor



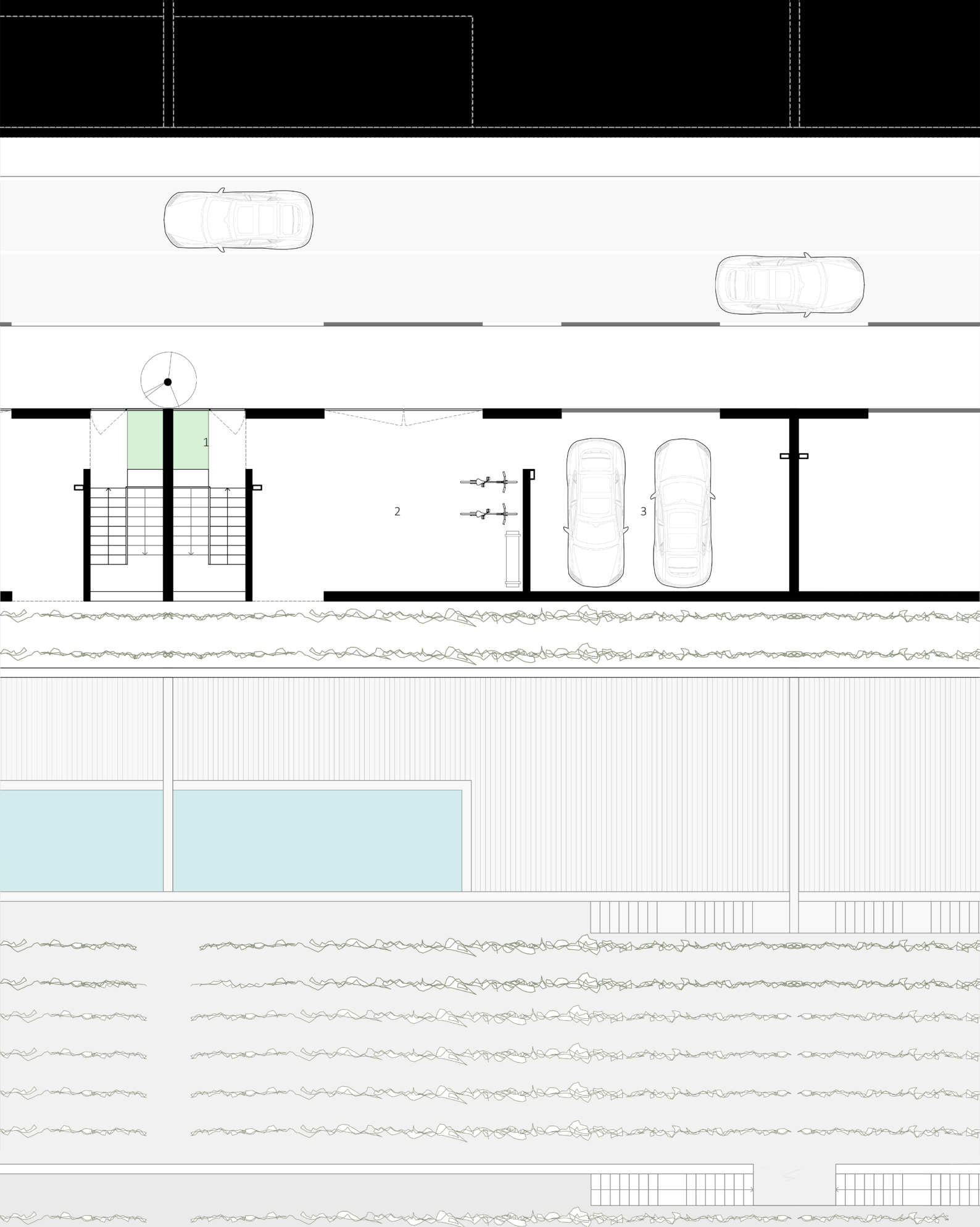
Figura 65. Vista Exterior. Alçado Frontal
Imagem do autor

Relativamente ao volume das *villas*, desenvolve-se em “escada”, formando patamares que se inspiram nos muros da vinha tradicional [fig.15/16], de forma a camuflando-se na paisagem. Esta dinâmica de patamares interliga os três momentos diferentes pisos: o acesso, o interior e o exterior. Assim, o acesso às *villas*, ocorre ao nível da rua e inclui uma garagem, e a sua volumetria vai-se articulando com as restantes unidades, transmitindo uma ideia contínua semelhante, à do muro. O corpo da garagem é revestido com pedra de xisto, apresentando um remate em betão branco na parte superior da fachada. No sentido de fortalecer a premissa do muro, o alçado posterior (virado para norte) abre-se para a rua, com portadas revestidas em madeira, permitindo um vínculo entre o domínio público e privado, libertando o alçado frontal (virado para sul) de quaisquer aberturas. Torna-se necessário referir que essa continuidade é parcialmente quebrada, pelo conjunto de ciprestes que pontuam o caminho encaminhando o observador ao acesso às *villas*.

O alçado frontal, tal como posterior, procura uma continuidade para com as restantes unidades. Assegura-se essa relação através de um remate em betão na zona superior, no sentido de desenhar um perfil simples e linear ao longo da encosta.



Figura 66. Vista Exterior. Alçado Posterior
Imagem do autor



1- Entrada 2- Arrumos 3- Garagem

Figura 67. Planta Piso Rés-do-chão. Cota 122.0

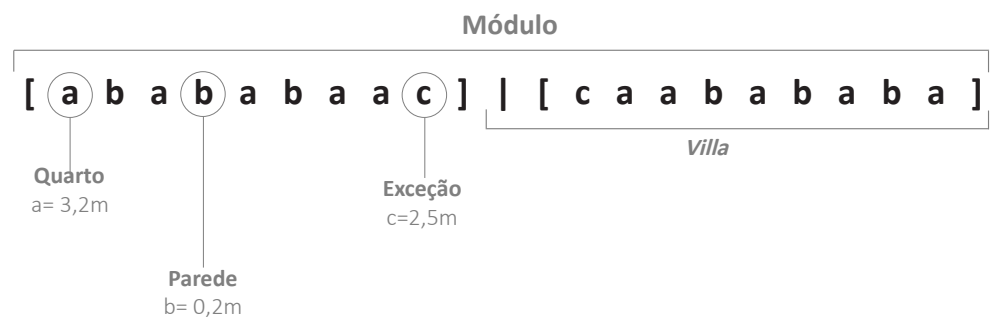
Imagem do autor



Quanto ao programa principal, este estabelece-se num nível inferior ao da rua e a articulação entre os dois pisos é feito através de uma escadaria exterior, existente em cada uma das unidades. Trata-se de um espaço aberto, com o objetivo de o fazer “respirar” a *villa*, devido às elevadas temperaturas que esta região atinge no verão, sendo uma intenção que também se tentou aplicar no espaço interior com a utilização de tons claros.

O espaço encontra-se organizado de forma a manter uma reciprocidade entre o interior e o exterior, em que os compartimentos principais se fixam junto à fachada, hierarquizando o espaço, atribuindo a cada espaço a sua designada função. Delineou-se que os espaços comuns deveriam estar junto à entrada, havendo uma separação com os espaços de carácter privado, em que a articulação entre ambos se é feita através de um corredor na parte posterior.

Em cada divisão procurou-se uma proporção ajustada, criando relações sensoriais e sinestésicas em que os quartos correspondem a metade da largura da divisão comum - sala e cozinha - sendo as área de serviço que englobam a entrada, a lavandaria e um quarto de banho, a exceção. De forma a controlar o espaço e as suas proporções, pensou-se através de um esquema rítmico, uma composição que harmoniosa entre a planta e o perfil do alçado, no sentido de encontrar um equilíbrio e harmonia entre as várias dimensões.



Este jogo de proporções, serviu, do mesmo modo, para posicionar a entrada, a lavanderia e os quartos de banho, através de um pé direito mais baixo que percorre toda a extensão do edifício. E para além de impor uma organização, define diferentes dinâmicas sob o mesmo espaço, sem recorrer a qualquer elemento de divisão.

Esse elemento fragmenta as áreas comuns em três partes, zona de refeições, depois a zona da cozinha e lazer, e por último, volta a ter novamente o pé direito mais baixo, de forma a fazer uma transição suave para o exterior. O mesmo acontece na zona dos quartos, onde junto à entrada ficam os armários, depois a zona da cama, e por último a zona da secretária, em que estes tetos mais baixos fazem claramente essa separação.



Figura 69. Vista interior. Corredor para a entrada
Imagem do autor

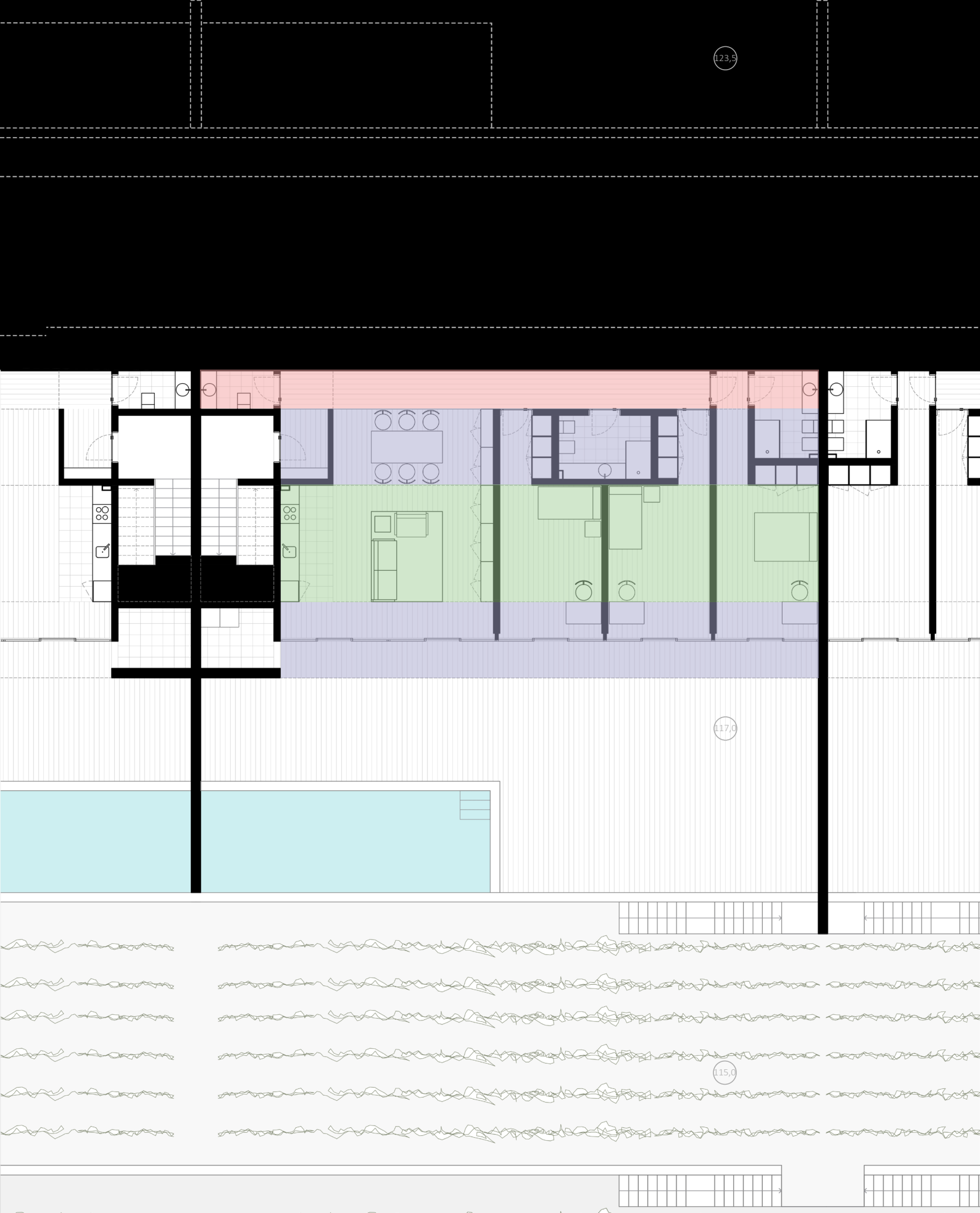


Figura 70. Planta piso-1. Esquema dos tetos
Imagem do autor





Figura 71. Vista Interior. Quarto
Imagem do autor

Quanto à materialidade no interior, pensou-se num equilíbrio entre os tons claros e os tons escuros, em que o tom branco do betão reveste, principalmente, as áreas comuns. Tem como objetivo refletir a luz para o corredor, visto que esse espaço não usufrui de qualquer luz natural. O tom escuro da madeira, como é um material que transite uma sensação mais acolhedora, marca a entrada, assim como, o acesso para os quartos, intensificando a separação para com as áreas comuns.



Figura 72. Vista Interior. Sala
Imagem do autor

Procurou-se fortalecer a interação entre o interior e exterior através da transparência na fachada, de maneira a aproveitar a paisagem, bem como, encaminhar o observador para o exterior.

O projeto divide estrategicamente a zona exterior mencionada, com as duas dinâmicas distintas: junto ao programa das *villas*, o exterior é composto por uma piscina virado para as margens do rio Douro, onde objetiva-se intensificar uma dinâmica mais sossegada e de contemplação com a natureza. A articulação com o outro piso é feita por um acesso em escada, que pretende replicar certas características da vinha tradicional combinando-as com um traço contemporâneo. Pretende-se introduzir uma dinâmica mais natural, em que diversos patamares com a vinha cobrem toda a sua extensão, assegurando uma rede de percursos abertos a todo o empreendimento. O propósito desta proposta é a relação com a envolvente. Não se pretende que as pessoas fiquem condicionadas ao espaço das *villas*, procura-se antes uma dinâmica de interação entre a paisagem e a envolvente.



Figura 73. Vista Exterior. Alçado Frontal
Imagem do autor

A horizontal beam of length 5m is shown. A pivot is located 2m from the left end. A weight of 100N is suspended from the left end, and a weight of 200N is suspended from the right end. A circular arrow above the beam indicates a counter-clockwise moment.

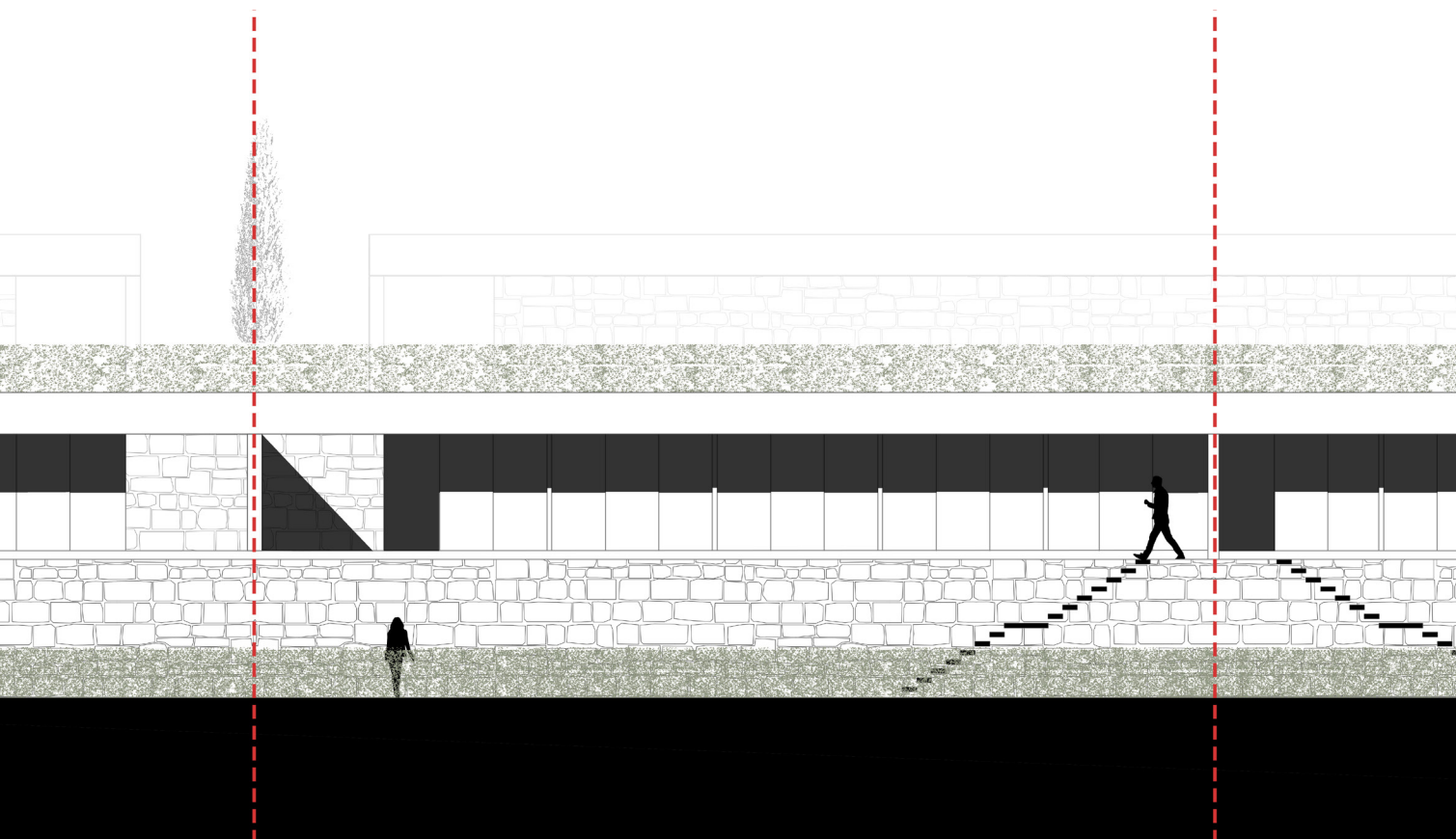


Figura 73. Alçado Frontal AA' —
Imagem do autor

0 2 5m

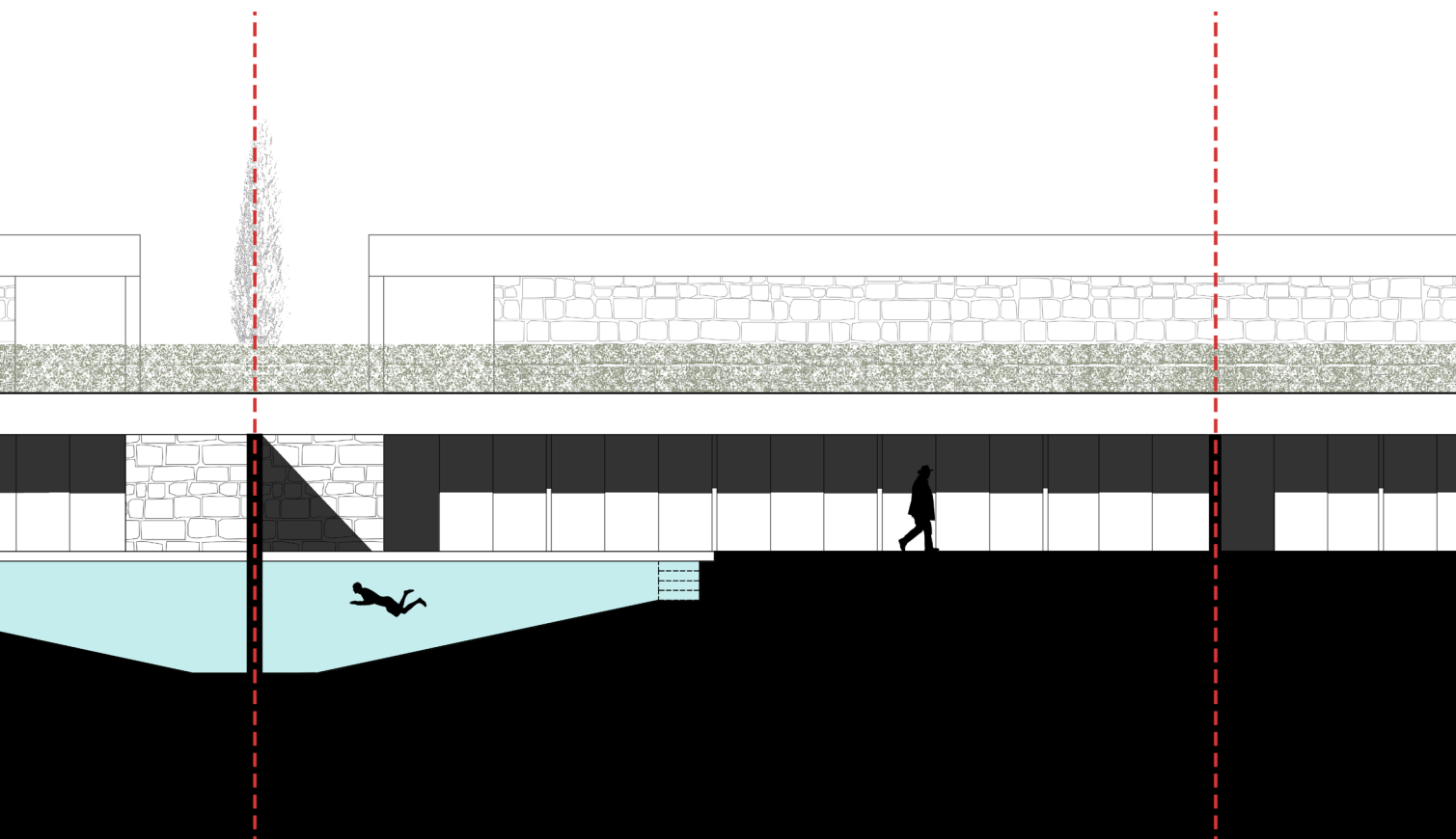


Figura 75. Corte BB' —
Imagem do autor

0 2 5m

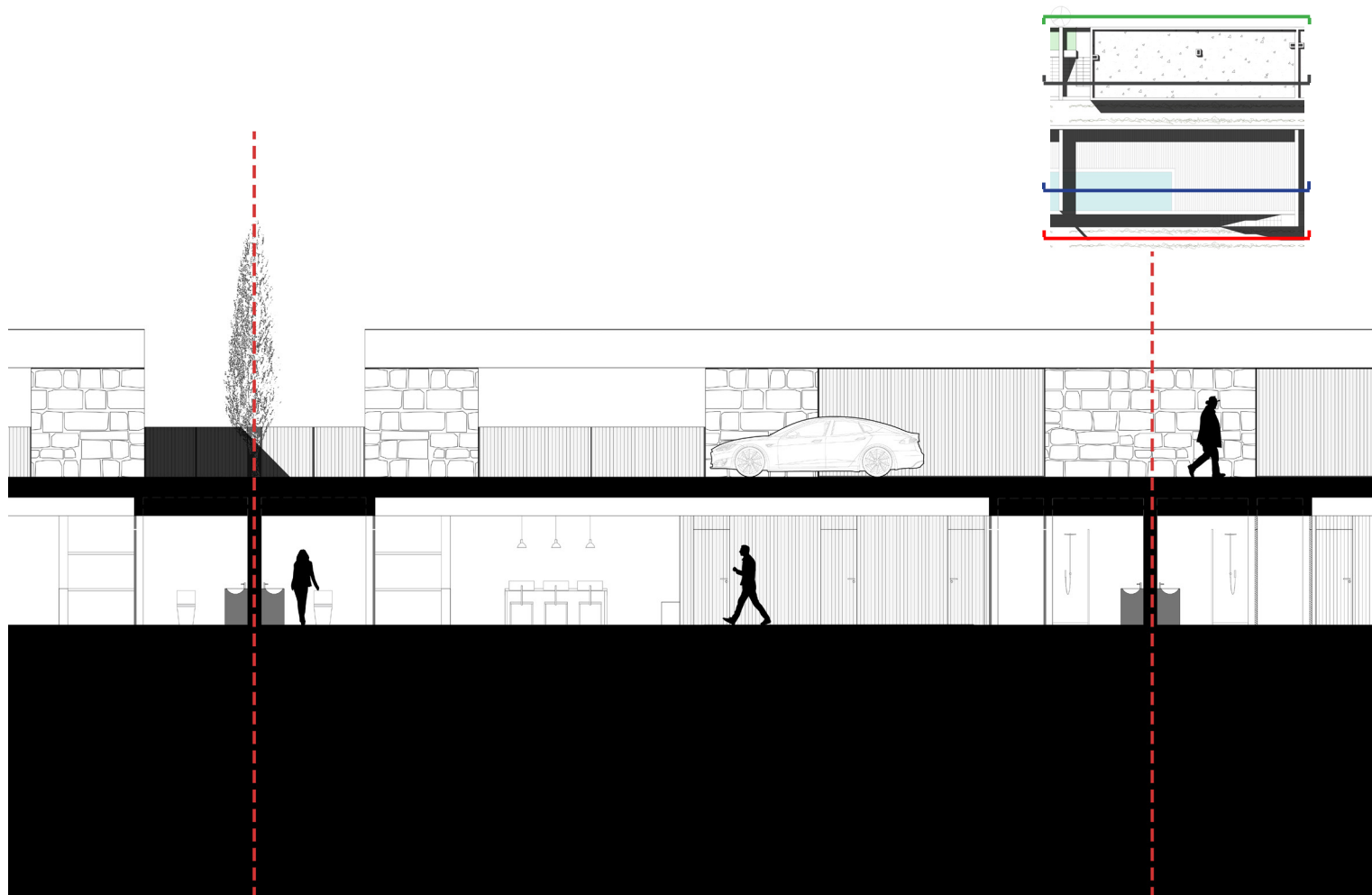


Figura 75. Alçado Tardoz CC' ———
Imagem do autor

0 2 5m

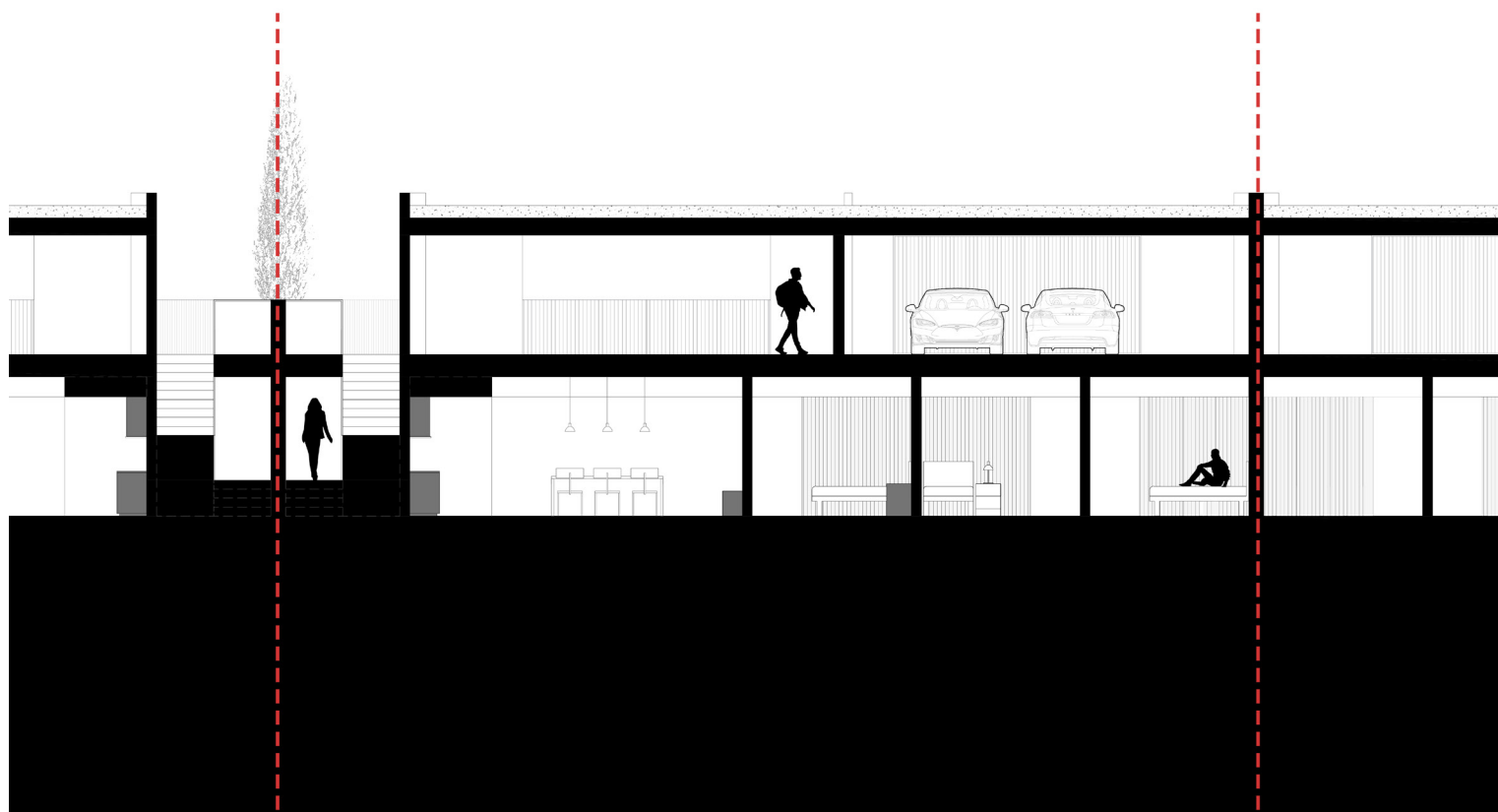


Figura 76. Corte DD' ———
Imagem do autor

0 2 5m

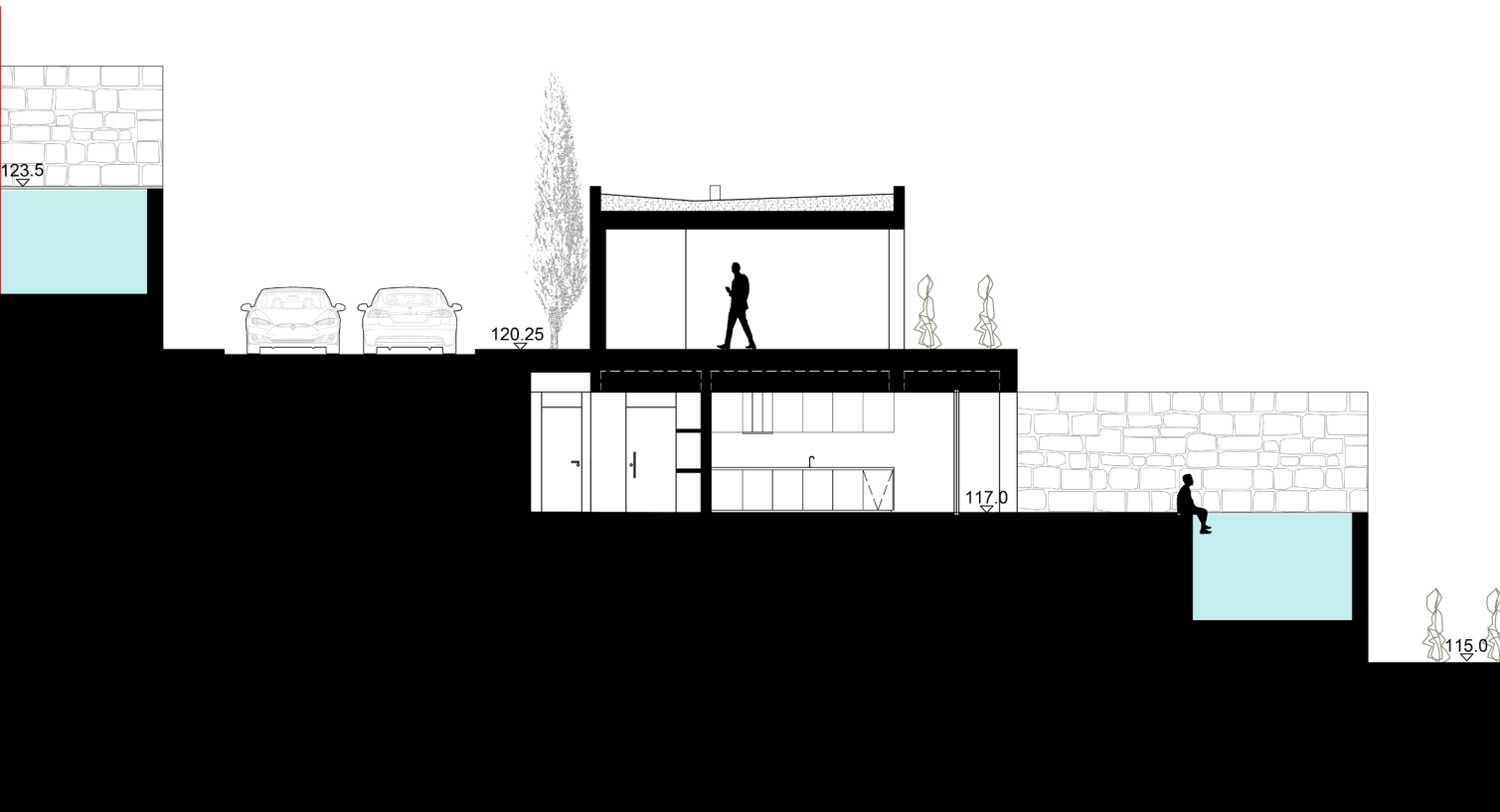


Figura 77. Corte EE' —
Imagem do autor

0 2 5m

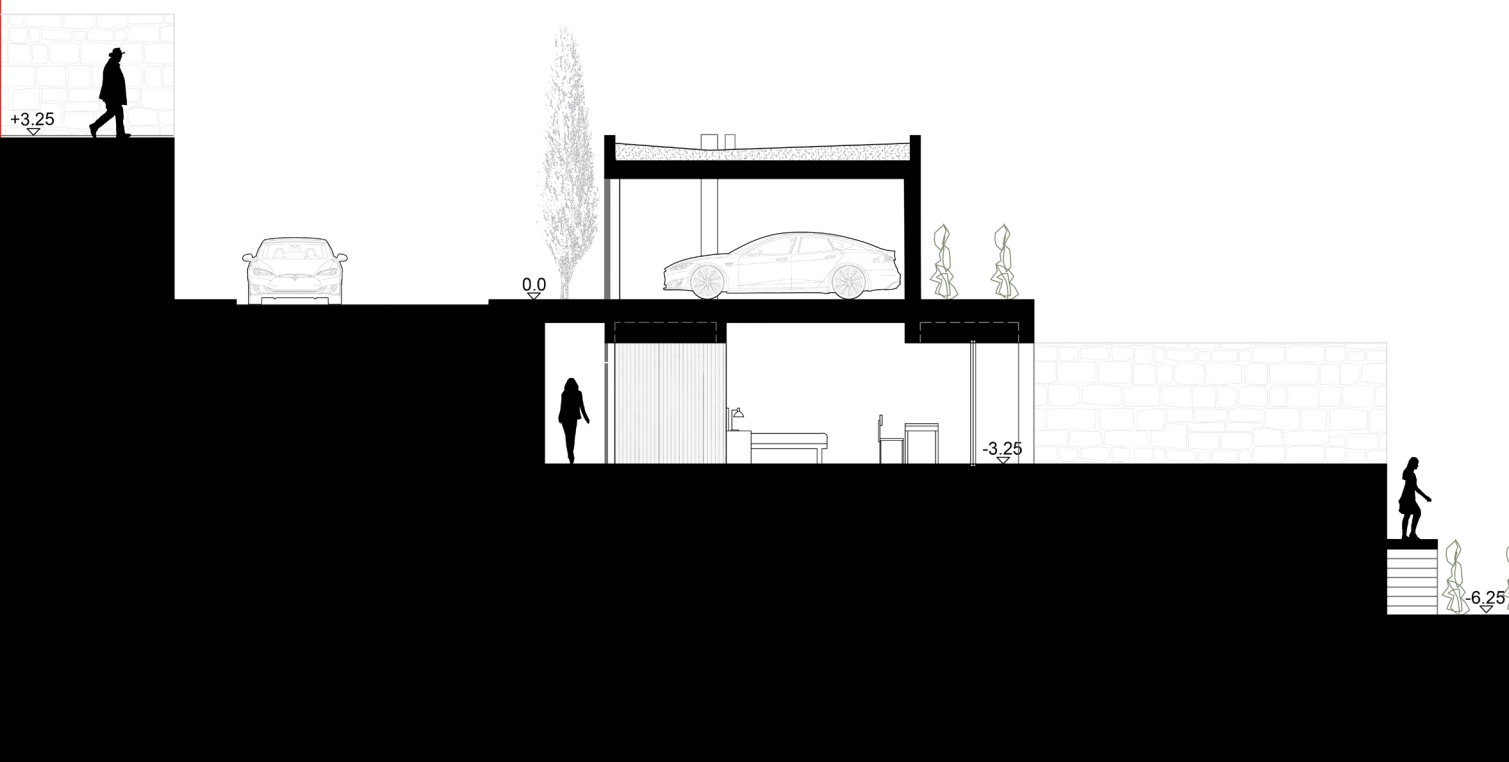


Figura 78. Corte FF' —
Imagem do autor

0 2 5m

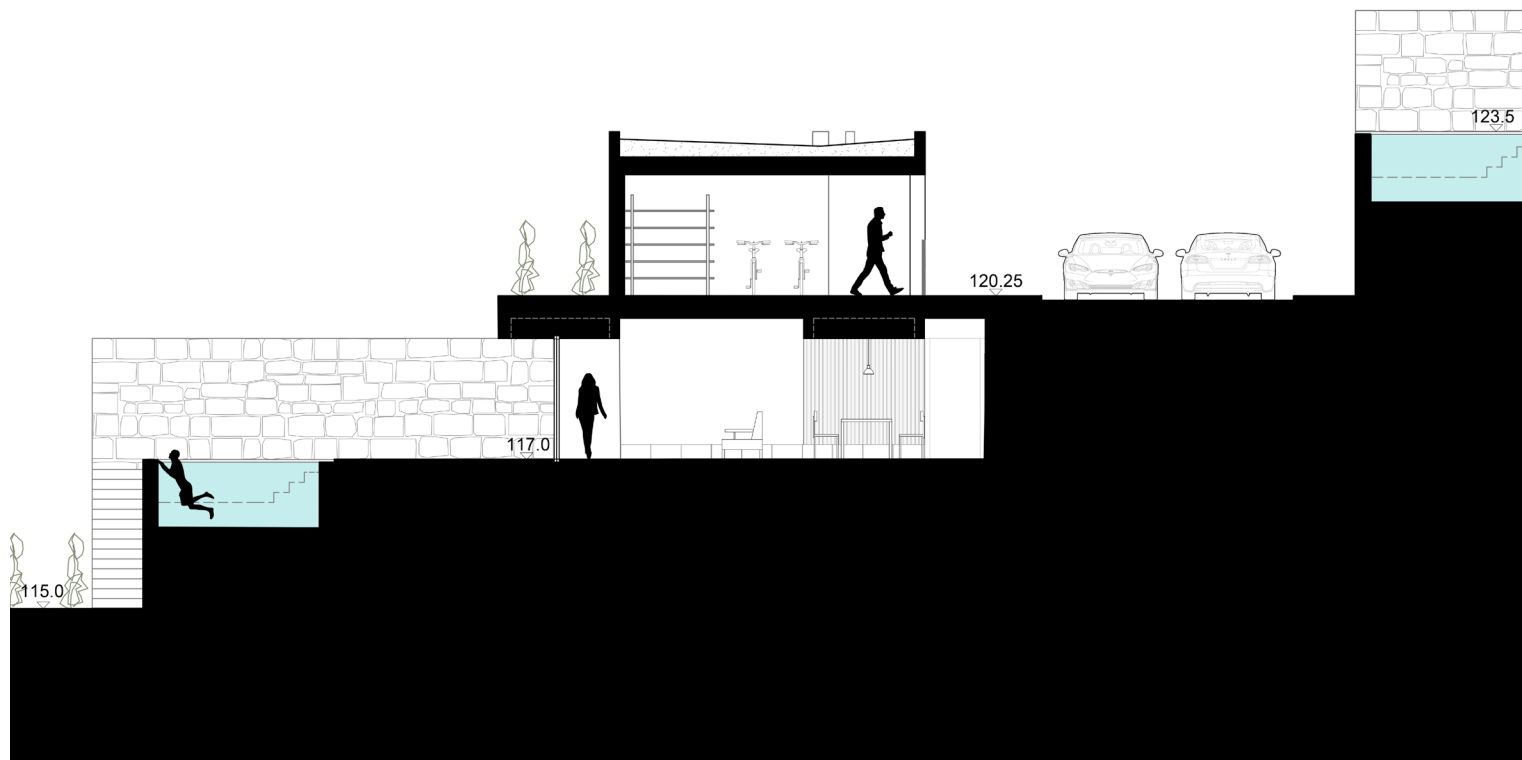
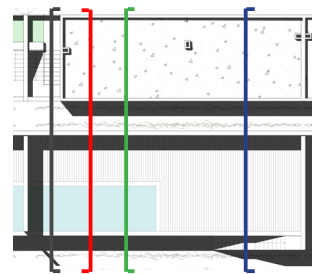


Figura 79. Corte GG' —

Imagem do autor

0 2 5m

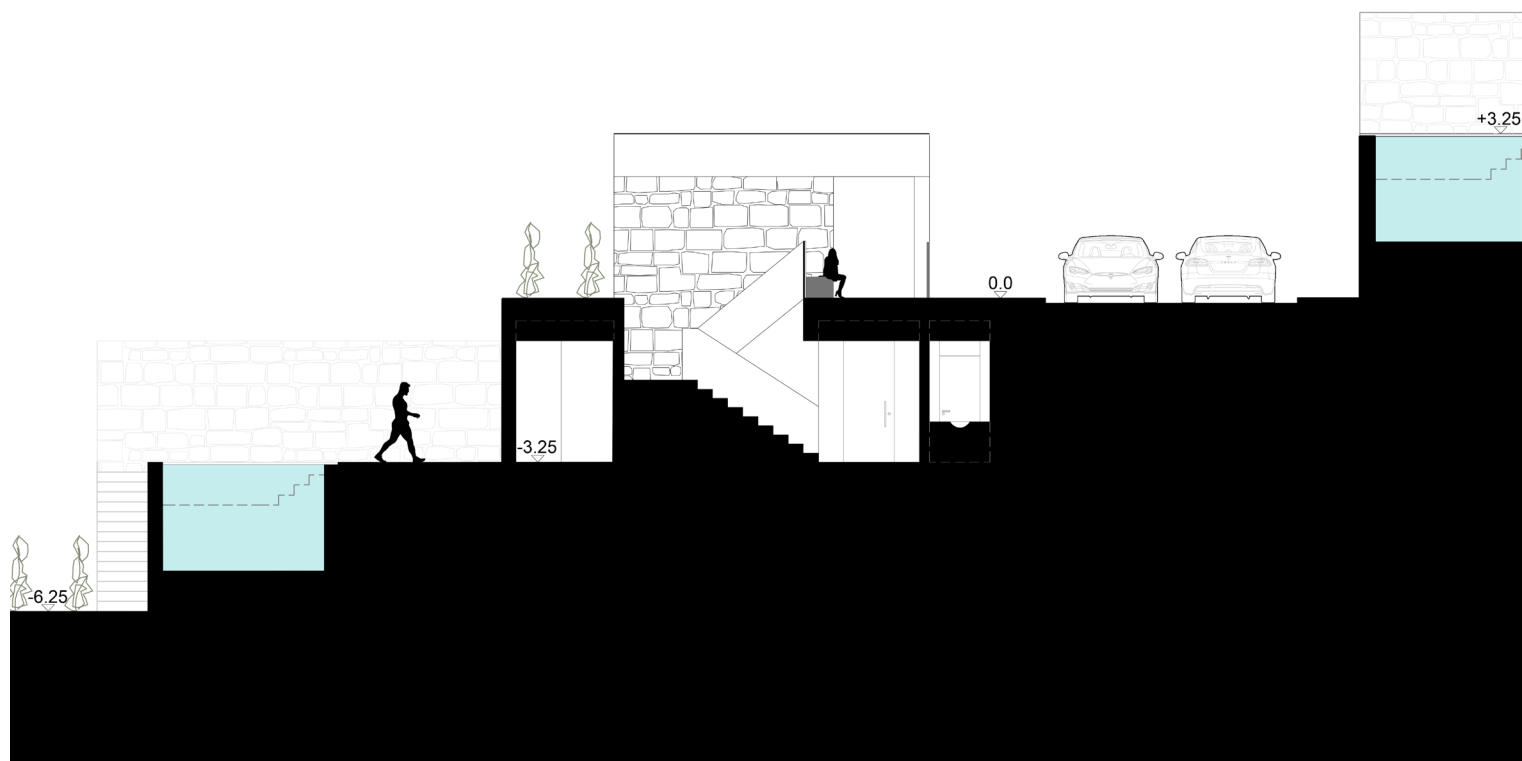


Figura 80. Corte HH' —

Imagem do autor

0 2 5m

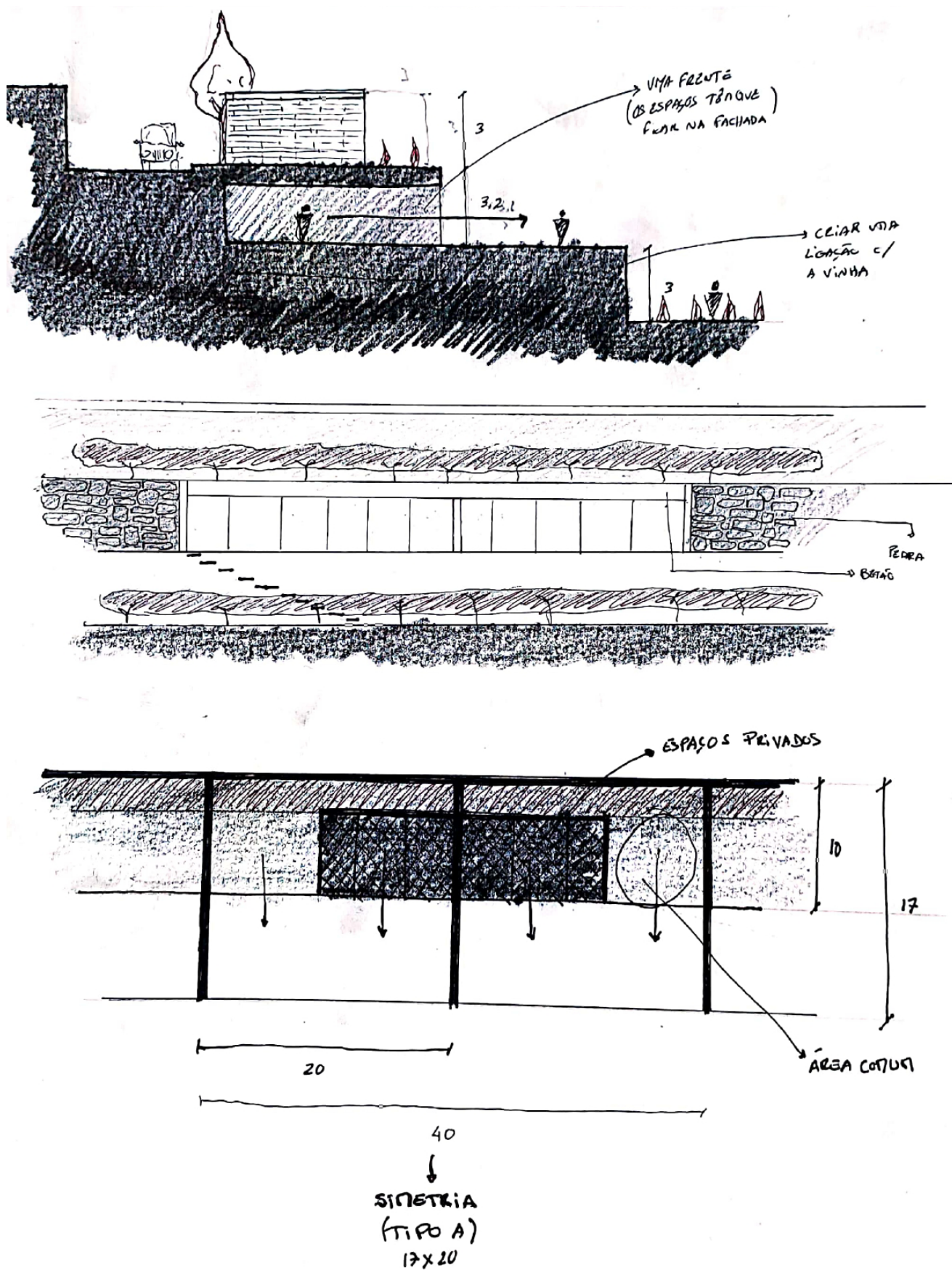


Figura 81. Desenhos da proposta
Imagem do autor

Sintetizando o percurso desta investigação, optou-se, numa primeira instância, dar a conhecer as raízes do atelier, incidindo na equipa de trabalho, no espaço e nas dinâmicas que o compõem. Como o caso prático desta dissertação é da autoria do atelier Barbosa & Guimarães, achou-se pertinente saber um pouco mais sobre as questões que motivam e inspiram a sua arquitetura, de forma a enquadrar a sua prática projetual.

Seguidamente, o trabalho centrou-se no caso prático, procurou-se, inicialmente, dar a conhecer o lugar em que a proposta se insere, no sentido de entender a sua circunstância e atmosfera. Expuseram-se as principais vicissitudes históricas, incidindo nas principais transformações e humanização da paisagem duriense, analisando algumas obras de forma a perceber é que essas construções se adaptaram às características do lugar sem o prejudicar. Após todas estas considerações, deu-se a conhecer o objeto de estudo, *Blend in Douro*, que configurou o caso prático da dissertação.

A intervenção compreende um programa amplo e de grandes dimensões e, desta forma, foram apresentadas questões de teor mais geral antes de partir para o processo mais particular da obra. As questões que moveram este processo, baseiam-se nas linhas gerais determinadas pelo o atelier Barbosa & Guimarães, estudando primeiramente o lugar e o enquadramento na paisagem.

Partindo dessa noção de paisagem, o conceito do *socalco* estipulou uma premissa e uma base de conceção no projeto. O terreno em socalco, é compreendido como um exercício que não pretende encerrar um percurso, mas que procura estimular um processo que leva a um resultado, com o objetivo que arquitetura habite e transforme a paisagem. Desta forma, o projeto apoiou-se, essencialmente, em obras/referências que integravam um contexto semelhante, e essa análise permitiu perceber certas condicionantes do espaço, da ordem e da composição. Tudo isto porque se procurava uma dimensão de vínculo entre o lugar e o objeto, no sentido de proporcionar uma arquitetura que apresente um conforto e uma intimidade, indo na mesma de encontro ao propósito turístico.

A questão da habitação tornou-se num tema importante na composição e definição do projeto. O objetivo não consistia em aproximar-se de uma casa/lar devido a destinar-se ao setor turístico, mas sim, apresentar um programa versátil, de possível conversão. O conceito de “habitar” é aqui evidenciado devido à expressão pessoal e familiar, que representa certos padrões de vida, e o desenho focou-se mais em abranger um público com interesse na cultura do vinho e nas paisagens.

Outro conceito que definiu esta proposta foi a dualidade entre o exterior e o interior, procurando encontrar um sentido de comunidade (na relação com as outras *villas*) e de privacidade. A proposta afirma-se como uma “experiência sensorial”, um equilíbrio entre o real e o poético, em que a escala da envolvente e da construção envolvem os percursos que antecipam o projeto. O exterior é uma

condição intermédia que une e encaminha o observador para um espaço transitório, em que o corpo da arquitetura se fecha sobre si, expondo-se sobre uma área que está conectada com a paisagem.

Chegando ao momento de conclusão deste trabalho, bem como, do fim de um ciclo académico que abre portas para uma nova etapa, a presente dissertação revelou-se como um objeto de estudo cativante e estimulante, na medida em que permitiu investigar e expandir conhecimentos sobre áreas que me são próximas – arquitetura e o Douro- como também puder expor e refletir sobre a experiência de estágio, possibilitado pelo atelier Barbosa & Guimarães.

Saliento que a escolha do tema desta dissertação surgiu através da oportunidade de trabalhar num projeto inserido num contexto real. Apesar das linhas gerais estarem definidas, proporcionou uma enorme liberdade projetual, desde o nível da composição, organização e materialização, tendo sido um processo evolutivo, que não partiu de um único gesto. Este exercício permitiu-me desenvolver certos conhecimentos, maturação de ideias, reflexões e reestruturações, atravessando as diferentes fases de um projeto até chegar a uma fase mais conclusiva.

A formação na FAUP proporcionou as bases necessárias para ultrapassar os obstáculos impostos, quer no processo criativo quer no processo conceptual/fase de estudo do projeto. Ensinou-me sobretudo a forma de desconstruir um problema e um pensamento, permitindo questionar e refletir sobre todo o tipo de matérias no sentido de encontrar a melhor resposta. Aprendi assim a explorar outras áreas de conhecimento que por vezes não têm uma relação tão direta com a arquitetura, ou com o projeto, mas que me estimulam um espírito crítico. Procurei também inspiração nos elementos que conformam a envolvente, utilizando a ferramenta do desenho como um elo de ligação entre a mente e o processo criativo.

Trabalhar com o desenho foi uma das ações que tentei colocar em prática durante o decorrer do estágio, nomeadamente, de forma a conseguir-me adaptar e responder às exigências do projeto e da dinâmica da equipa. No entanto, devido à multiplicidade de projetos em execução, senti, como colaborador, que o processo conceção enfatizou muito mais um lado computacional, sendo compreensível devido aos prazos de entrega impostos para com os clientes. Deparei-me ainda com a realidade de ter um cliente, percebendo as adaptações e cedências construtivas que se tinham de fazer para que o projeto fosse viável. Essa é uma ação que difere do exercício académico, que incute uma execução mais livre e independente (na mesma com prazos) devido à inexistência de um cliente específico, onde o professor orienta e questiona as perspetivas do aluno.

“Podemos argumentar que existe caos no espaço arquitetónico que resulta na ausência de meios de controle. A função do arquiteto é projetar uma percentagem muito pequena

do espaço organizado. O resto da percentagem é deixada ao critério do cliente e entidades, colaboradores, etc., que por falta de formação e conhecimento, controlam certas áreas que o próprio arquiteto não consegue controlar. Trata-se de organizar o espaço com lógica e beleza.”^[01]

Quando terminou o período do estágio, tive a oportunidade de continuar a acompanhar o projeto, tendo o mesmo sofrido transformações. Como já referido, a encomenda advém de uma iniciativa privada conjugada com uma pública, estas determinaram certas normas e obstáculos. A questão da perspectiva do cliente, a questão orçamental, a questão do património, foram matérias que condicionaram a proposta, não a permitindo avançar para outra fase e não permitindo ao arquiteto, por vezes, ter uma liberdade total em certas decisões.

Além destes condicionalismos, acredito que o projeto desenvolvido, consegue relacionar-se com a paisagem envolvente, valorizando o seu valor cultural e adaptando-se à realidade em que está inserido. Tem a capacidade de transformar e contribuir para a prosperidade da região, fortalecendo a economia interna e turística, e de se assumir como uma construção relevante no panorama regional e nacional. Além da própria arquitetura, o lugar da construção- próximo das localidades do Peso da Régua e Pinhão- favorece projeto, sendo uma zona de cultura vinícola que dispõe de uma diversificada rede de acesso. Torna-se um ponto importante ao projeto porque dinamiza o fluxo turístico, pois trata-se de um empreendimento que vai “concorrer” com outras construções existentes na proximidade.

Esta dissertação encerra assim um percurso longo e complexo, que revelou ser uma experiência enriquecedora tanto a nível académico como pessoal. Contribui para a consolidação do método de investigação construído ao longo dos anos de formação, tornando-se um mecanismo de síntese que me ajudou a conceber e a comunicar a arquitetura e as suas ideias.

- AGUIAR, F. Bianchi (2000). Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial. Fundação Rei Afonso Henriques. Porto
- BAEZA, Alberto Campo (2013). A Ideia Contruída. 5ª Edição. Caleidoscópio. Casal de Cambra
- BARBOSA, J.A. (2007). *Ateliê à Lupa: Barbosa & Guimarães*. Entrevista concebida a: Ana Rita Sevilha. Construir. O Jornal de Negócios da Indústria de construção. Porto
- BARBOSA, J. e GUIMARÃES, P. (2016). *Barbosa & Guimarães Arquitetos: Works⁷ Projects⁷*. Uzina Books. Lisboa
- DOMINGUES, Álvaro (2001). A Paisagem Revisitada. Em: Revista Finisterra, vol: XXXVI, nº52. Centro de Estudos Geográficos. Lisboa
- DOMINGUES, Álvaro (2019). De que é que se fala quando se fala de Paisagem? Em: G. Pereira, M. Amorim e M. Lage (coord). Douro e Pico: Paisagens culturais património mundial. CITCEM. Porto.
- DOMINGUES, Álvaro (2015). O Porto e o rio Douro: a construção de uma nova relação. Porto
- FAUVERELLE, Natália (2014). As Quintas Vinhateiras: na construção do património paisagístico do Douro. Em: Atas das 2ª Conferência do Museu de Lamego. CITCEM. Lamego
- FAUVERELLE, N. e ROSAS, L. (coord.)(2008). Arquiteturas da Paisagem Vinhateira. Fundação do Museu do Douro. Peso da Régua
- FIGUEIRA, Jorge (2002). *Escola do Porto. Um mapa crítico*. ed. DARQ. Coimbra
- NORBERG-SCHULZ, Christian (1980). Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture. 1ª edição. Rizzoli. Nova Iorque
- MOURA, Eduardo Souto (2006). Vinte e duas casas.VI bienal internacional de arquitetura de São Paulo. Ordem dos Arquitetos. Lisboa.
- PALLASMA, Juhani (2005). The eye of the skin: Architecture and the senses. John Wiley & Sons. Chichester
- PEREIRA, Gaspar M. (2005). Memória do rio. Em: A. Carvalho, A. Lopes e M. Wellenkamp. O rio. Panmixia. Porto.
- REIS, Jorge (2018). Manuel Botelho Casas. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto.
- RODRIGUES, Sérgio F. (2009) A casa dos sentidos. ARQCOOP ed. Lisboa.
- SARAMAGO, José (1995). Viagem a Portugal. Editorial Caminho S.A. Lisboa
- SILVA, Alexandra (2019). A ruína na obra de Eduardo Souto de Moura. Dissertação de Mestrado Inte-

grado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto.

- SIZA, Álvaro (2009). 01 Textos. Civilização ed. Porto.
- SOUSA, Fernando (2007). O Alto Douro: Da demarcação pombalina à classificação de património mundial. Popularidade e Sociedade, nº13. CEPESE. Porto
- TAUT, Bruno (2008). Ensaio terra quando a vejas, casa quando baste. In: Só nós e santa tecla. Dafine editora. Porto.
- TÁVORA, Fernando (2008). Da organização do espaço. 8ª Edição. FAUP Publicações. Porto
- TORGA, Miguel (1982). Diário XII. 3ª ed. revista. Edição do Autor. Coimbra
- ZUMTHOR, Peter (2009). Atmosferas. 1ªed. Editorial Gustavo Gili. Barcelona.
- ZUMTHOR, Peter (2006). Thinking architecture. 2ªed. Birkhäuser Architecture. Basileia.

05 |

Anexo I (Proposta)	118
- Fotos do Terreno	
- Levantamento	
- 1ª Fase da Proposta	
- 2ª Fase da Proposta	
Anexo II (Obras Estudadas)	137
- Casa Dr. Paulo Pires	
- Casa em Baião	
- Casa em Moledo	
Anexo III (Cronologia de obras/projetos do atelier Barbosa & Guimarães)	150

Fotos do Terreno



Figura 1. Vista aérea do terreno antes da desmantelação da fábrica Milnorte
Imagem obtida pelo Google Earth



Figura 2. Vista aérea do terreno pós a desmantelação da fábrica Milnorte
Imagem obtida pelo Google Earth





Figura 3. Fotografia do terreno junto à estrada Nacional N222
Imagem do autor



Figura 4. Fotografia do terreno junto à estrada nacional N313-1
Imagem fornecida pelo atelier Barbosa & Guimarães



Figura 5. Vistadas ruínas da fábrica
Imagem do autor



Figura 6. Vista das ruínas da fábrica
Imagem do autor



Figura 7. Vista do terreno para a Barragem do Bagaúste
Imagem do autor



Figura 8. Vista do terreno para a central hidroelétrica (EDP)
Imagem do atelier Barbosa & Guimarães



Figura 9. Fotografia do apeadeiro de Bagaúste
Imagem do atelier Barbosa & Guimarães

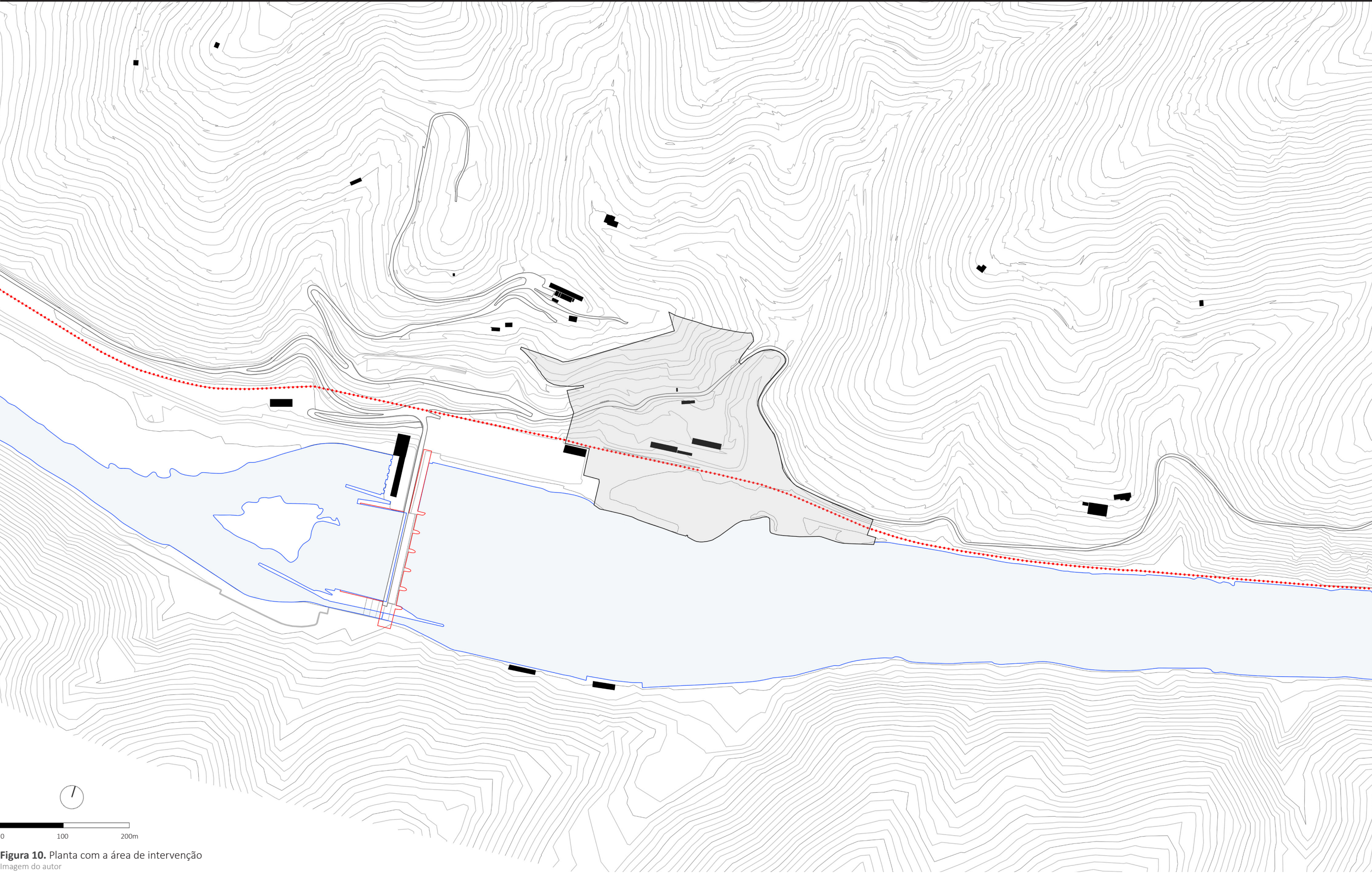


Figura 10. Planta com a área de intervenção
Imagem do autor

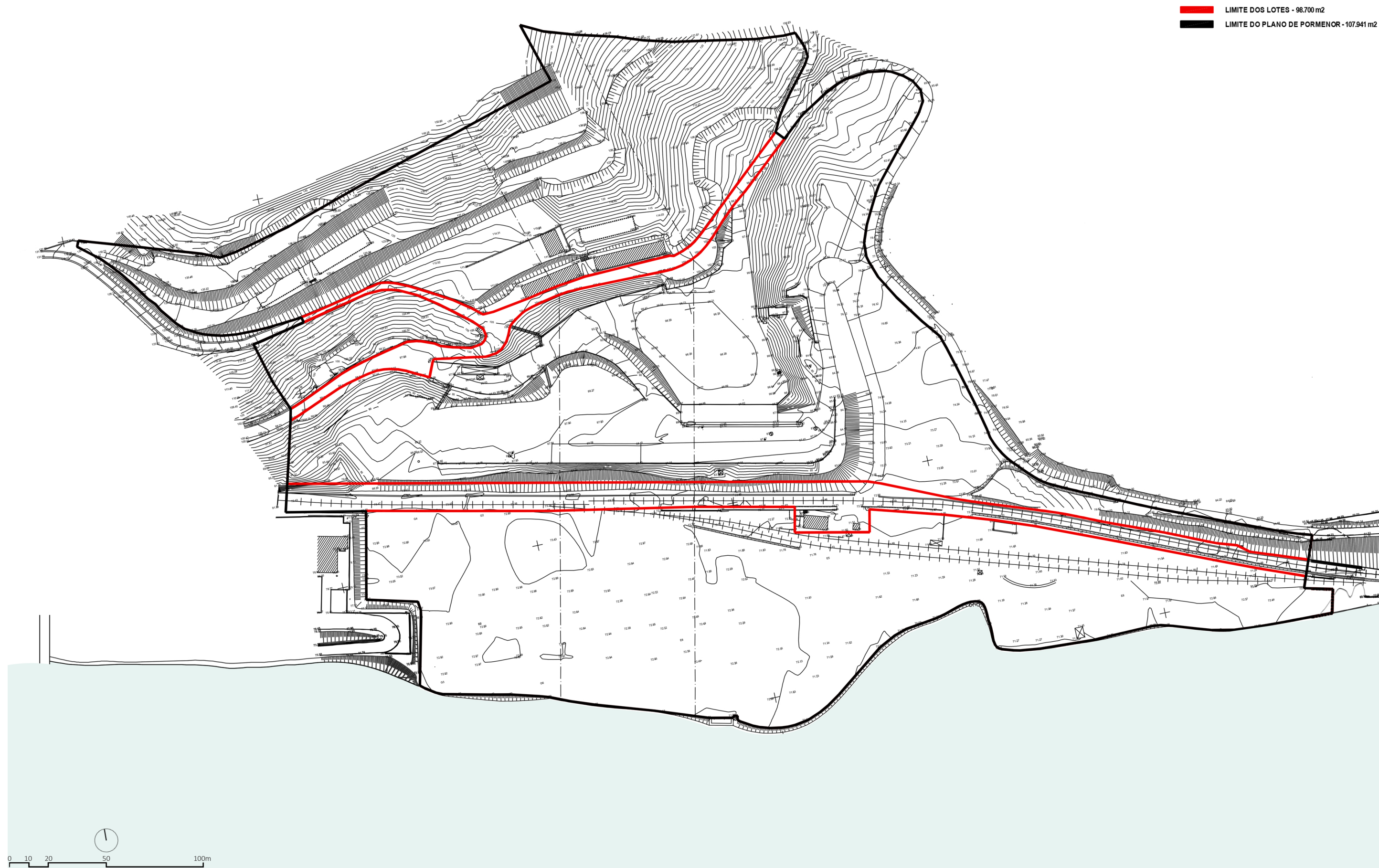


Figura 11. Levantamento topográfico
Imagem fornecida pelo atelier Barbosa & Guimarães



Figura 12. Levantamento- Alçado do rio (AA')

Imagem fornecida pelo atelier Barbosa & Guimarães



Figura 13. Levantamento- Corte Longitudinal (BB')

Imagem fornecida pelo atelier Barbosa & Guimarães

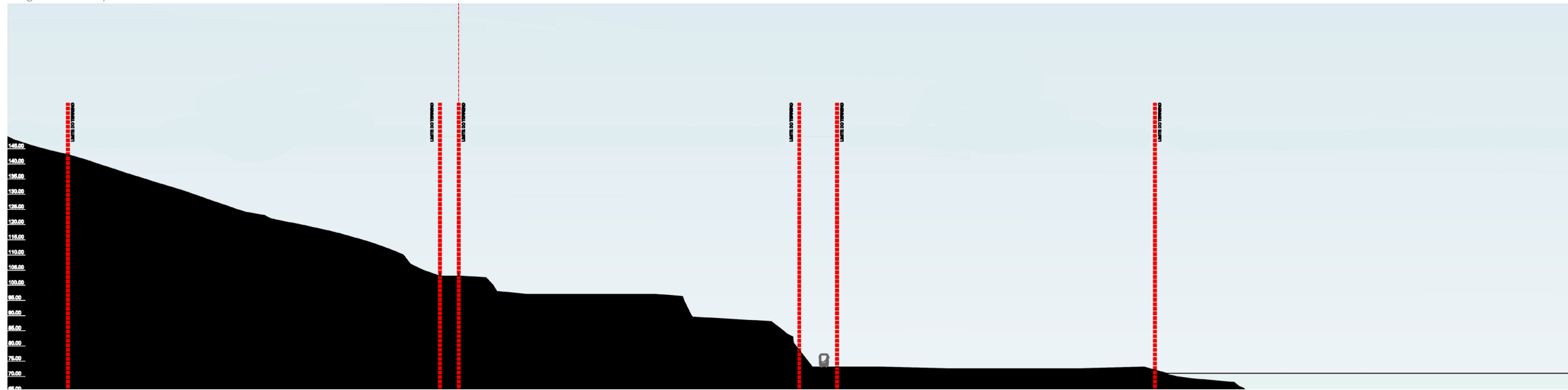
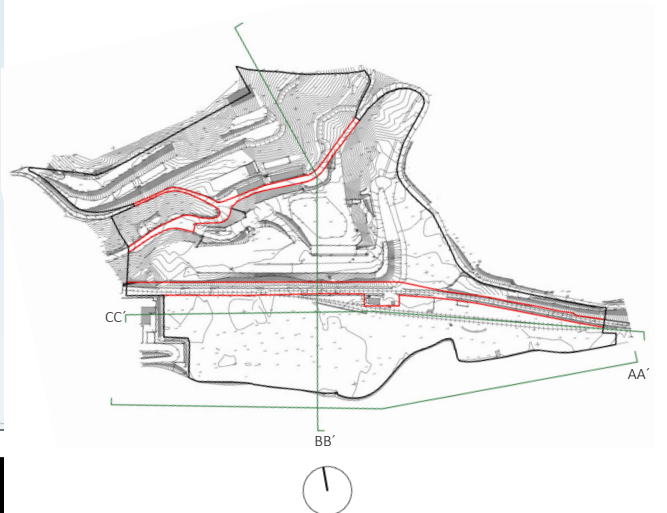
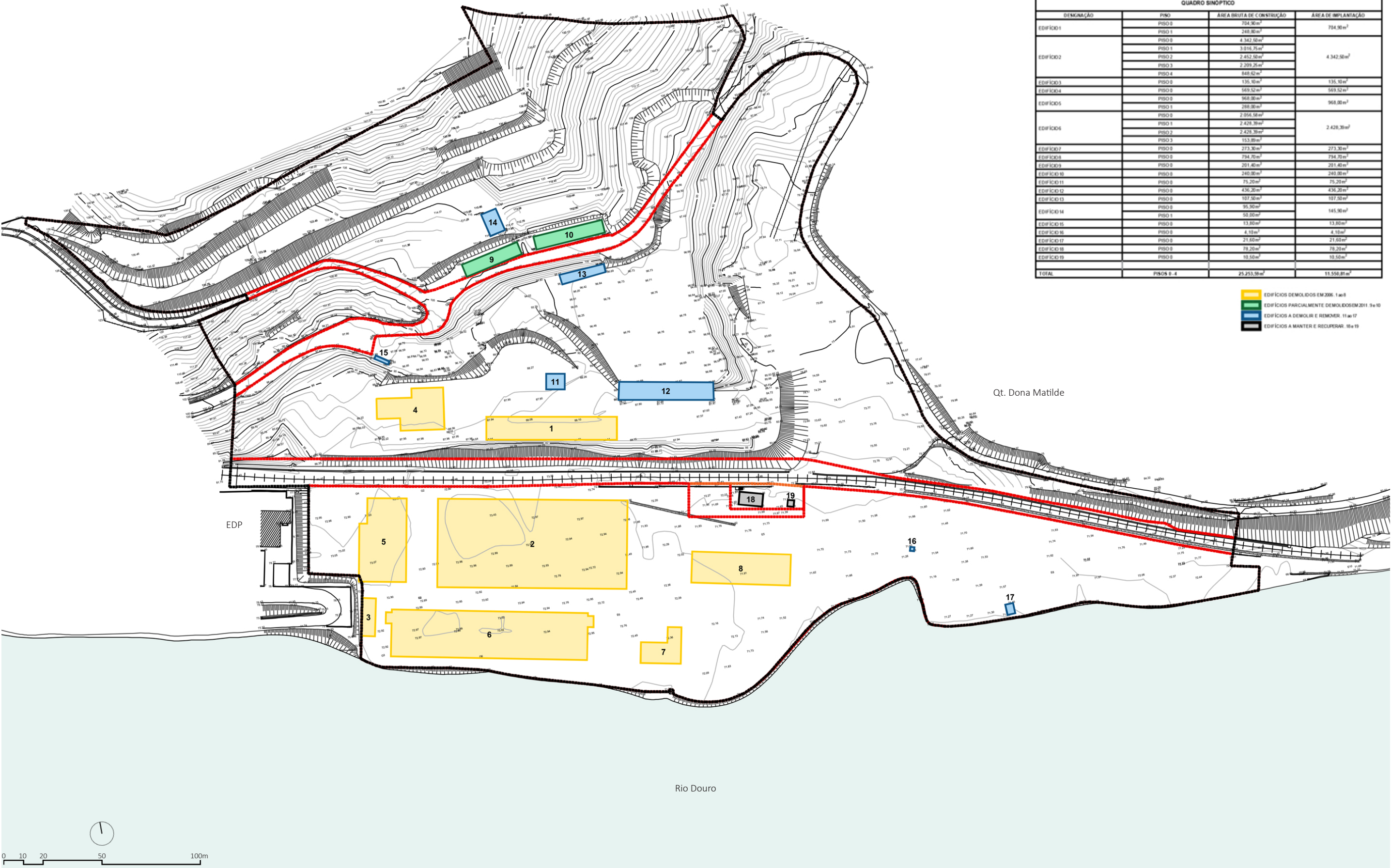


Figura 14. Levantamento- Corte Transversal (CC')

Imagem fornecida pelo atelier Barbosa & Guimarães





QUADRO SINÓPTICO			
DESCRIÇÃO	PISO	ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO	ÁREA DE IMPLANTAÇÃO
EDIFÍCIO 1	PISO 0	704,30m²	704,30m²
	PISO 1	248,80m²	
	PISO 2	4.342,50m²	
	PISO 3	3.016,75m²	
EDIFÍCIO 2	PISO 0	2.452,50m²	4.342,50m²
	PISO 1	2.299,25m²	
	PISO 2	848,62m²	
	PISO 3	135,10m²	
EDIFÍCIO 3	PISO 0	569,52m²	569,52m²
EDIFÍCIO 4	PISO 0	968,00m²	968,00m²
	PISO 1	288,00m²	
EDIFÍCIO 5	PISO 0	2.056,58m²	2.428,38m²
	PISO 1	2.428,38m²	
	PISO 2	153,88m²	
	PISO 3	273,30m²	
EDIFÍCIO 6	PISO 0	794,70m²	794,70m²
EDIFÍCIO 7	PISO 0	201,40m²	201,40m²
EDIFÍCIO 8	PISO 0	240,00m²	240,00m²
EDIFÍCIO 9	PISO 0	75,20m²	75,20m²
EDIFÍCIO 10	PISO 0	436,20m²	436,20m²
EDIFÍCIO 11	PISO 0	107,50m²	107,50m²
EDIFÍCIO 12	PISO 0	95,90m²	145,90m²
	PISO 1	50,00m²	
EDIFÍCIO 13	PISO 0	13,80m²	13,80m²
EDIFÍCIO 14	PISO 0	4,10m²	4,10m²
EDIFÍCIO 15	PISO 0	21,60m²	21,60m²
EDIFÍCIO 16	PISO 0	78,20m²	78,20m²
EDIFÍCIO 17	PISO 0	10,50m²	10,50m²
TOTAL	PISOS 0-4	25.253,59m²	11.558,81m²

- EDIFÍCIOS DEMOLIDOS EM 2006: 1 ao 8
- EDIFÍCIOS PARCIALMENTE DEMOLIDOS EM 2011: 9 a 10
- EDIFÍCIOS A DEMOLIR E RECONSTRUIR: 11 ao 17
- EDIFÍCIOS A MANTER E RECONSTRUIR: 18 e 19

Figura 15. Planta de levantamento das áreas da fábrica Milnorte
Imagem fornecida pelo atelier Barbosa & Guimarães

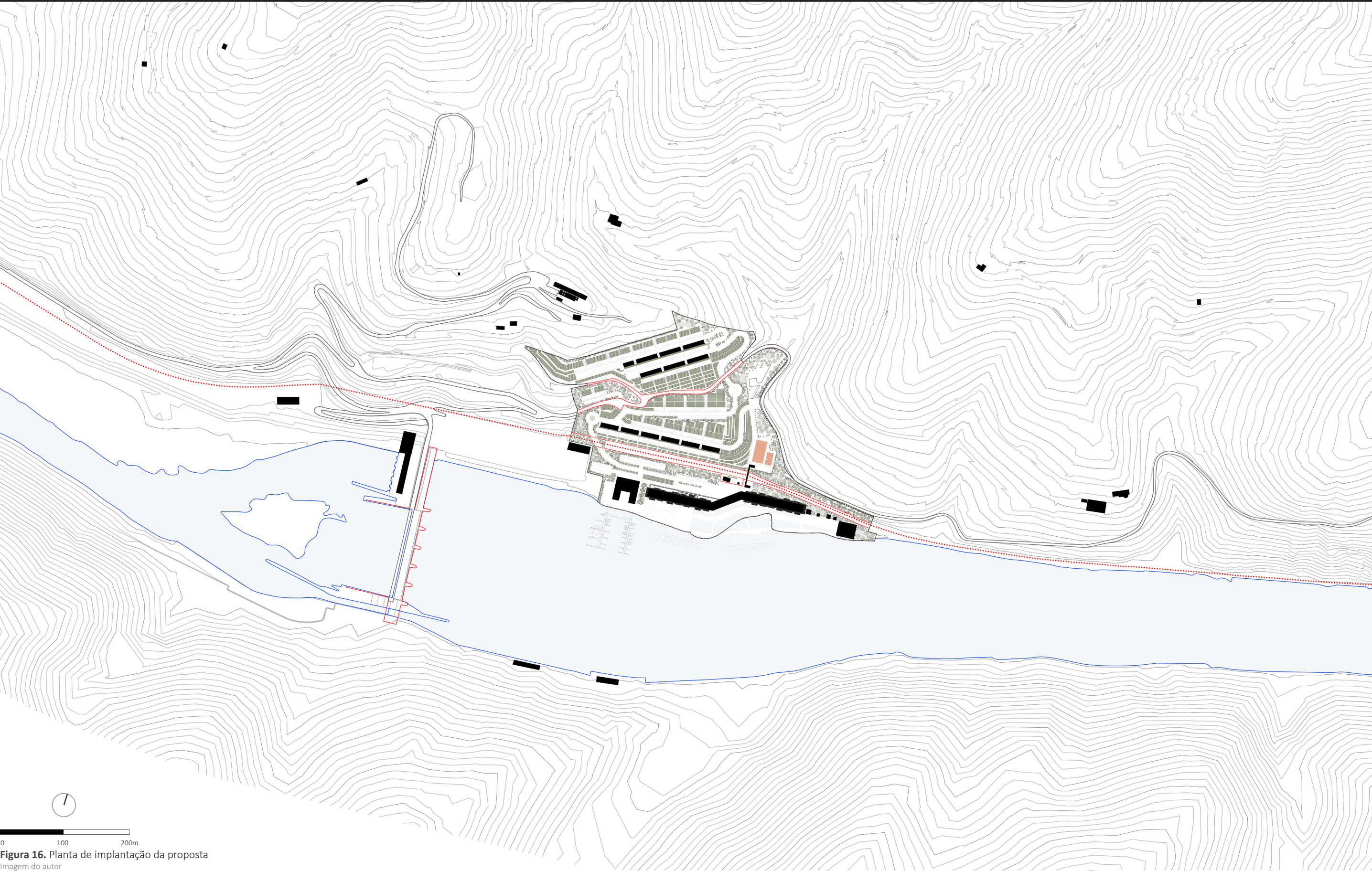


Figura 16. Planta de implantação da proposta
Imagem do autor

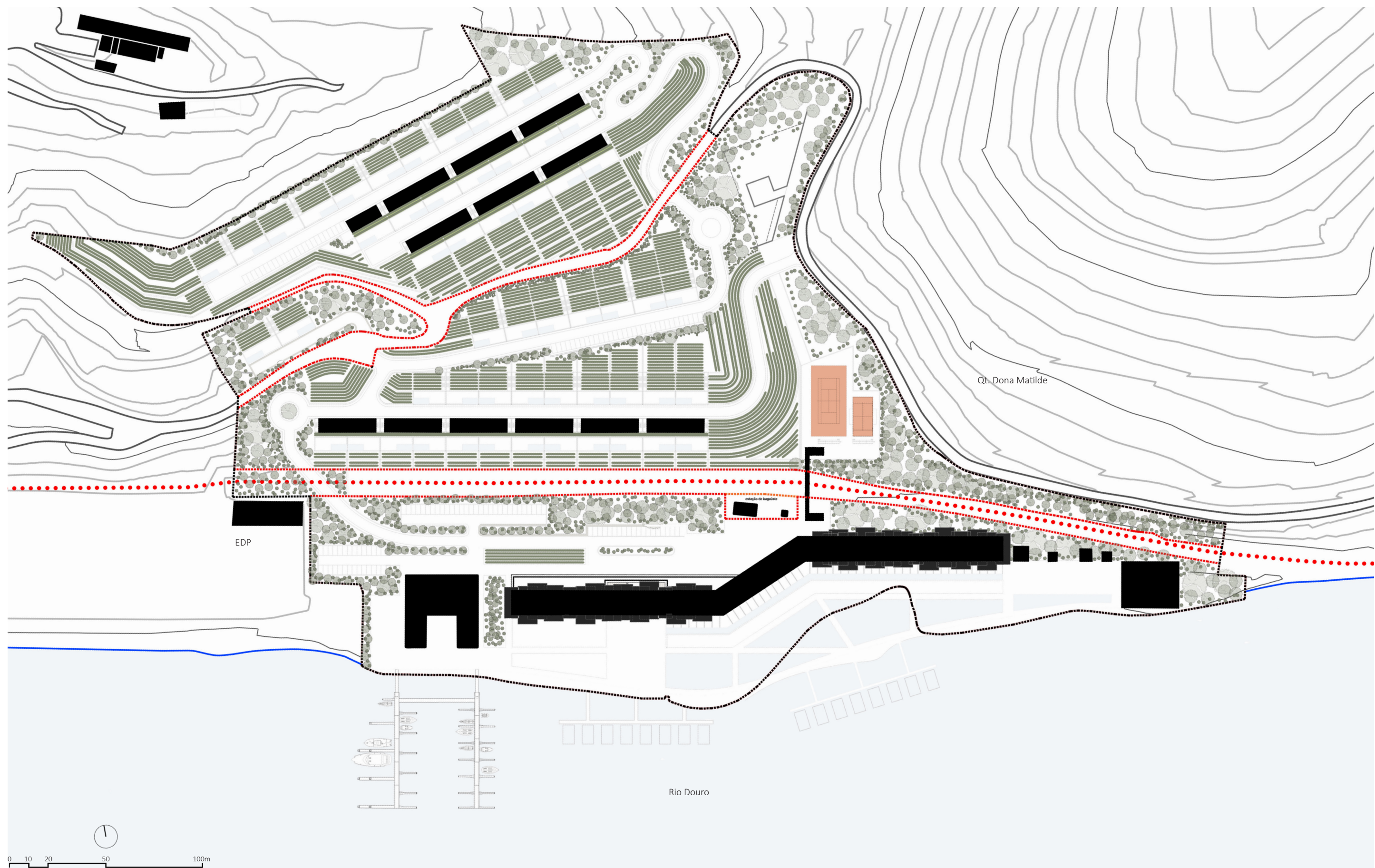


Figura 17. Planta de levantamento das áreas da fábrica Milnorte
Imagem fornecida pelo atelier Barbosa & Guimarães

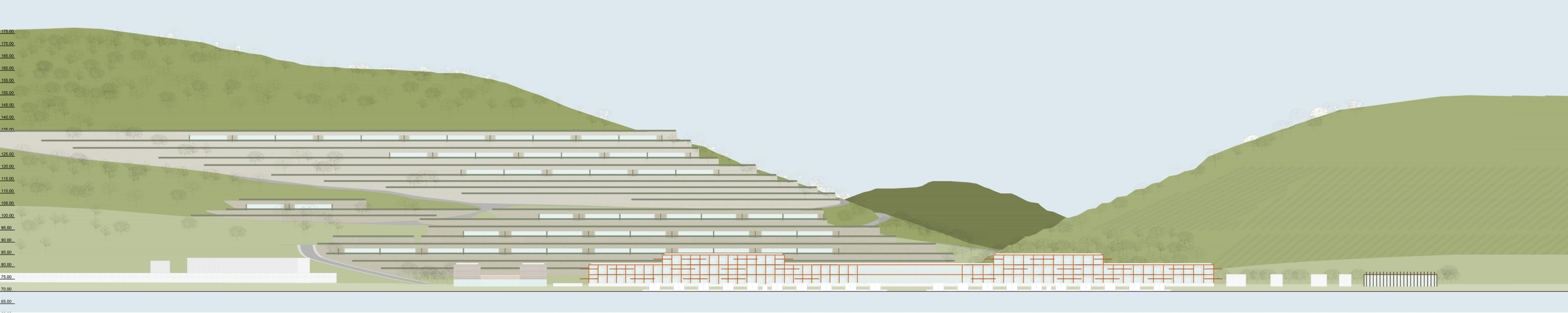


Figura 18. Alçado do rio(AA')
Imagem fornecida pelo atelier Barbosa & Guimarães

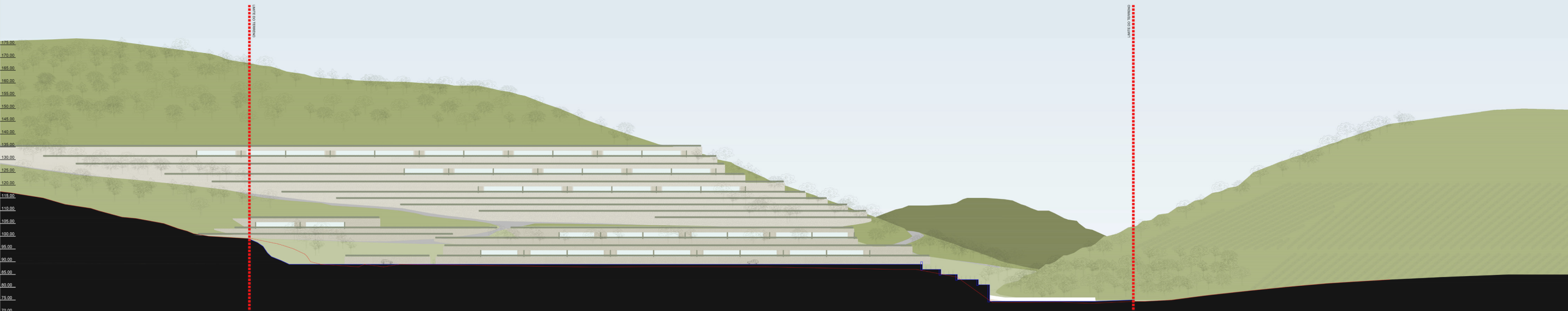


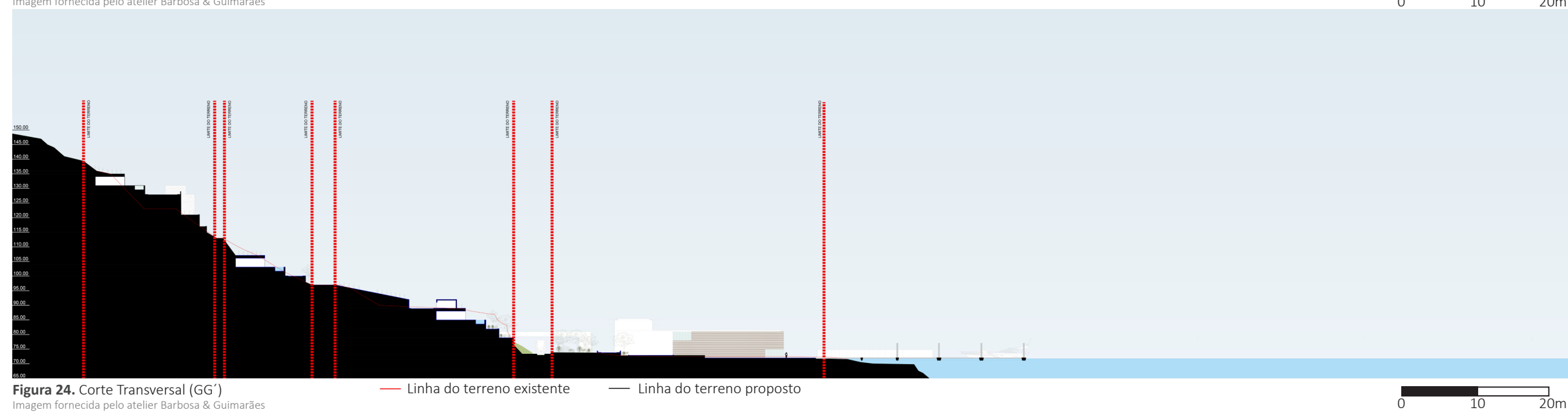
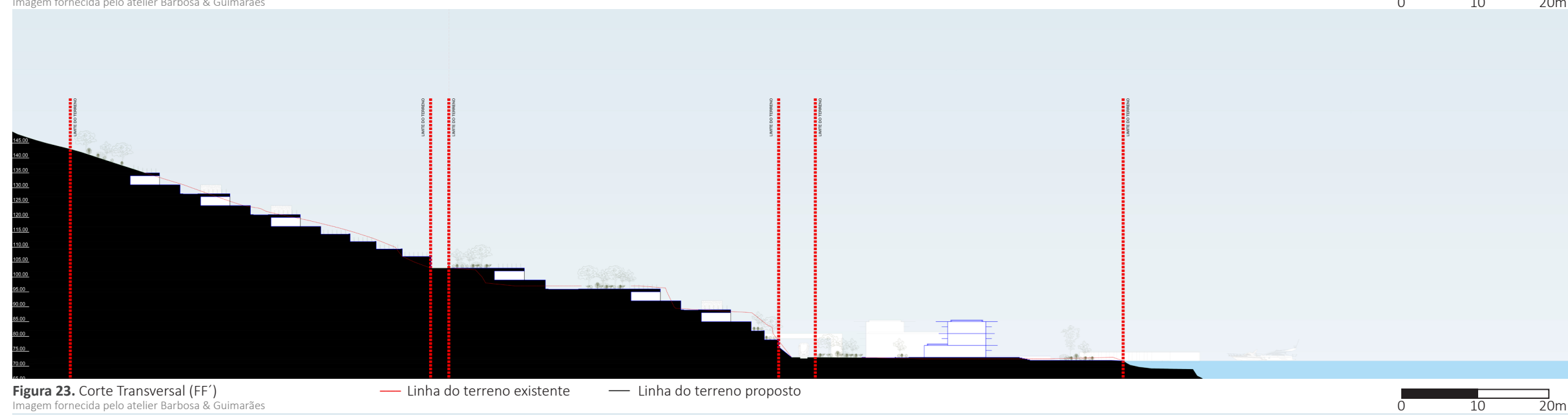
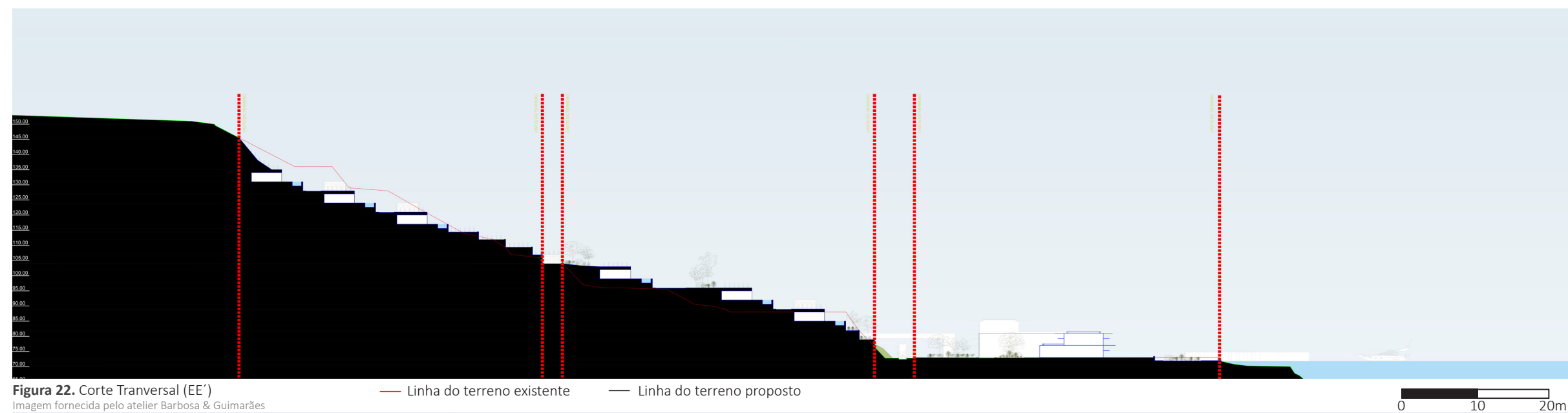
Figura 19. Corte Longitudinal (BB')
Imagem fornecida pelo atelier Barbosa & Guimarães



Figura 20. Corte Longitudinal (CC')
Imagem fornecida pelo atelier Barbosa & Guimarães



Figura 21. Corte Longitudinal (DD')
Imagem fornecida pelo atelier Barbosa & Guimarães



A segunda fase deste projeto ocorre durante um período pós estágio, onde o PDM^[01], POARC^[02] e PROZED^[03] determinaram certas condicionantes, interferindo, principalmente, no complexo do hotel e nas respetivas vias de acesso.

A ideia de dinamizar as margens para qualquer prática fica interdita a qualquer ação ou atividade que possa obstruir a livre circulação das águas, bem como alterar o relevo natural. Assim, área do complexo do hotel respeita uma linha de 50m da margem que define uma área *non aedificandi*, tendo como intenção naturalizar ao máximo. Em comparação à fase anterior, os volumes do hotel, da marina e do restaurante sofrem alterações na sua forma e dimensão, procurando respeitar essas normas e condicionantes.

QUADRO DE VALORES GLOBAIS			
ESTRUTURA FÍSICA E FUNCIONAL	ÁREA DO PLANO DE PORMENOR (App)		107.941 m ²
	ÁREA DOS LOTES		98.700 m ²
	ÁREA DE IMPLANTAÇÃO (Ai)		13.369 m ²
	ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO . PROPOSTA (Abc)		26.638 m ²
	ÁREA TOTAL DE CONSTRUÇÃO . PROPOSTA (Atc)		32.874 m ²
	ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO . SST IP (F) + ESTAÇÃO (G)		2.192 m ²
ESTRUTURA NATURAL E EQUIPAMENTOS	VERDE AJARDINADO . valorização do conjunto		11.564 m ²
	VERDE ARBORIZADO . enquadramento e filtro visual		40.495 m ²
	PISCINA		350 m ²
	TOTAL		52.409 m ²
ESTRUTURA VIÁRIA	CIRCULAÇÃO	CIRCULAÇÃO EXISTENTE EN 313-1; estrada secundária; linha de caminho de ferro	7.773 m ²
		CIRCULAÇÃO AUTOMÓVEL	10.059 m ²
		CIRCULAÇÃO AUTOMÓVEL SUBTERRÂNEA	1.940 m ²
		CIRCULAÇÃO PEDONAL	8.457 m ²
		CIRCULAÇÃO PEDONAL SUBTERRÂNEA	366 m ²
		CIRCULAÇÃO PEDONAL AÉREA	56 m ²
	ESTACIONAMENTO EXTERIOR	PÚBLICO	99
		AFETO À ESTAÇÃO	10
	GUIAS E MUROS DE SUPORTE		2.505 m ²
	TOTAL		31.156 m ²
ÍNDICES	ÍNDICE DE IMPERMEABILIZAÇÃO		0.52
	ÍNDICE DE OCUPAÇÃO DO SOLO (Ai / App)		0.12
	ÍNDICE DE CONSTRUÇÃO (Abc / App)		0.25

- 01
- Plano Diretor Municipal do Peso da Régua
- 02
- Plano de Ordenamento das Albufeiras da Régua e do Carrapatelo
- 03
- Plano Regional de Ordenamento do Território da Zona Envolvente do Douro

QUADRO DE PARCELAMENTO											
PARCELA		EDIFICABILIDADE						ESTACIONAMENTO			
Nº	ÁREA	USO	ÁREA DE IMPLANTAÇÃO	ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO	ÁREA TOTAL DE CONSTRUÇÃO	Nº PISOS		CÉRCEA	COTA DE SOLERA (CS)	PRIVADO	PÚBLICO
						ACIMACS	ABAIXOCS				
A 1.01	340 m ²	VILLA	180 m ²	215 m ²	280 m ²	2	0	6.50 m	122.50 m	4	0
A 1.02	340 m ²	VILLA	180 m ²	215 m ²	280 m ²	2	0	6.50 m	122.50 m	4	0
A 1.03	340 m ²	VILLA	180 m ²	215 m ²	280 m ²	2	0	6.50 m	122.50 m	4	0
A 1.04	340 m ²	VILLA	180 m ²	215 m ²	280 m ²	2	0	6.50 m	122.50 m	4	0
A 1.05	340 m ²	VILLA	180 m ²	215 m ²	280 m ²	2	0	6.50 m	122.50 m	4	0
A 1.06	340 m ²	VILLA	180 m ²	215 m ²	280 m ²	2	0	6.50 m	122.50 m	4	0
A 1.07	340 m ²	VILLA	180 m ²	215 m ²	280 m ²	2	0	6.50 m	122.50 m	4	0
A 1.08	340 m ²	VILLA	180 m ²	215 m ²	280 m ²	2	0	6.50 m	122.50 m	4	0
A 1.09	340 m ²	VILLA	180 m ²	215 m ²	280 m ²	2	0	6.50 m	122.50 m	4	0
A 1.10	340 m ²	VILLA	180 m ²	215 m ²	280 m ²	2	0	6.50 m	122.50 m	4	0
A 1.11	340 m ²	VILLA	180 m ²	215 m ²	280 m ²	2	0	6.50 m	122.50 m	4	0
A 1.12	340 m ²	VILLA	196 m ²	308 m ²	308 m ²	1	1	6.50 m	122.50 m	4	0
A 1.13	340 m ²	VILLA	196 m ²	308 m ²	308 m ²	1	1	6.50 m	122.50 m	4	0
A 1.14	340 m ²	VILLA	196 m ²	308 m ²	308 m ²	1	1	6.50 m	122.50 m	4	0
A 1.15	340 m ²	VILLA	196 m ²	308 m ²	308 m ²	1	1	6.50 m	122.50 m	4	0
A 1.16	340 m ²	VILLA	196 m ²	308 m ²	308 m ²	1	1	6.50 m	122.50 m	4	0
A 1.17	340 m ²	VILLA	196 m ²	308 m ²	308 m ²	1	1	6.50 m	122.50 m	4	0
A 1.18	340 m ²	VILLA	196 m ²	308 m ²	308 m ²	1	1	6.50 m	122.50 m	4	0
A 1.19	340 m ²	VILLA	196 m ²	308 m ²	308 m ²	1	1	6.50 m	116.00 m	4	0
A 1.20	340 m ²	VILLA	196 m ²	308 m ²	308 m ²	1	1	6.50 m	116.00 m	4	0
A 1.21	340 m ²	VILLA	196 m ²	308 m ²	308 m ²	1	1	6.50 m	116.00 m	4	0
A 1.22	340 m ²	VILLA	196 m ²	308 m ²	308 m ²	1	1	6.50 m	116.00 m	4	0
A 1.23	340 m ²	VILLA	196 m ²	308 m ²	308 m ²	1	1	6.50 m	116.00 m	4	0
A 1.24	340 m ²	VILLA	196 m ²	308 m ²	308 m ²	1	1	6.50 m	116.00 m	4	0
A 1.25	544 m ²	VILLA	408 m ²	315 m ²	400 m ²	2	0	6.50 m	87.50 m	4	0
TOTAL	8.704 m ²	-	4.936 m ²	6.684 m ²	7.484 m ²	-	-	-	-	100	0
A 2.01	289 m ²	VILLA	150 m ²	190 m ²	250 m ²	2	0	6.50 m	94.00 m	4	0
A 2.02	289 m ²	VILLA	150 m ²	190 m ²	250 m ²	2	0	6.50 m	94.00 m	4	0
A 2.03	289 m ²	VILLA	150 m ²	190 m ²	250 m ²	2	0	6.50 m	94.00 m	4	0
A 2.04	289 m ²	VILLA	150 m ²	190 m ²	250 m ²	2	0	6.50 m	94.00 m	4	0
A 2.05	289 m ²	VILLA	150 m ²	190 m ²	250 m ²	2	0	6.50 m	94.00 m	4	0
A 2.06	289 m ²	VILLA	150 m ²	190 m ²	250 m ²	2	0	6.50 m	94.00 m	4	0
A 2.07	289 m ²	VILLA	150 m ²	190 m ²	250 m ²	2	0	6.50 m	94.00 m	4	0
A 2.08	289 m ²	VILLA	150 m ²	190 m ²	250 m ²	2	0	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.09	289 m ²	VILLA	150 m ²	190 m ²	250 m ²	2	0	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.10	289 m ²	VILLA	150 m ²	190 m ²	250 m ²	2	0	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.11	289 m ²	VILLA	150 m ²	190 m ²	250 m ²	2	0	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.12	289 m ²	VILLA	150 m ²	190 m ²	250 m ²	2	0	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.13	289 m ²	VILLA	150 m ²	190 m ²	250 m ²	2	0	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.14	289 m ²	VILLA	150 m ²	190 m ²	250 m ²	2	0	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.15	289 m ²	VILLA	150 m ²	190 m ²	250 m ²	2	0	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.16	289 m ²	VILLA	150 m ²	190 m ²	250 m ²	2	0	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.17	289 m ²	VILLA	150 m ²	190 m ²	250 m ²	2	0	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.18	289 m ²	VILLA	166 m ²	255 m ²	255 m ²	1	1	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.19	289 m ²	VILLA	166 m ²	255 m ²	255 m ²	1	1	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.20	289 m ²	VILLA	166 m ²	255 m ²	255 m ²	1	1	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.21	289 m ²	VILLA	166 m ²	255 m ²	255 m ²	1	1	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.22	289 m ²	VILLA	166 m ²	255 m ²	255 m ²	1	1	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.23	289 m ²	VILLA	166 m ²	255 m ²	255 m ²	1	1	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.24	289 m ²	VILLA	166 m ²	255 m ²	255 m ²	1	1	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.25	289 m ²	VILLA	166 m ²	255 m ²	255 m ²	1	1	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.26	289 m ²	VILLA	166 m ²	255 m ²	255 m ²	1	1	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.27	289 m ²	VILLA	166 m ²	255 m ²	255 m ²	1	1	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.28	289 m ²	VILLA	166 m ²	255 m ²	255 m ²	1	1	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.29	289 m ²	VILLA	166 m ²	255 m ²	255 m ²	1	1	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.30	354 m ²	VILLA	190 m ²	291 m ²	291 m ²	1	1	6.50 m	87.50 m	4	0
A 2.31	332 m ²	VILLA	170 m ²	257 m ²	257 m ²	1	1	6.50 m	85.00 m	4	0
A 2.32	332 m ²	VILLA	170 m ²	257 m ²	257 m ²	1	1	6.50 m	85.00 m	4	0
TOTAL	9.399 m ²	-	5.072 m ²	7.095 m ²	8.115 m ²	-	-	-	-	128	0
B	3.525 m ²	HOTEL	2.700 m ²	10.800 m ²	14.750 m ²	4	1	16.00 m	73.00 m	100	0
C 1	466 m ²	MARINA	466 m ²	1.864 m ²	2.330 m ²	4	1	16.00 m	73.00 m	15	0
C 2	N/A	PONTÕES	-	-	-	-	-	-	73.00 m	0	0
C 3	1296 m ²	ESTALEIRO	-	-	-	-	-	-	73.00 m	0	0
D	195 m ²	APOIO	195 m ²	195 m ²	195 m ²	1	0	4.00 m	73.00 m	0	0
TOTAL	-	-	13.369 m ²	26.638 m ²	32.874 m ²	-	-	-	-	343	0

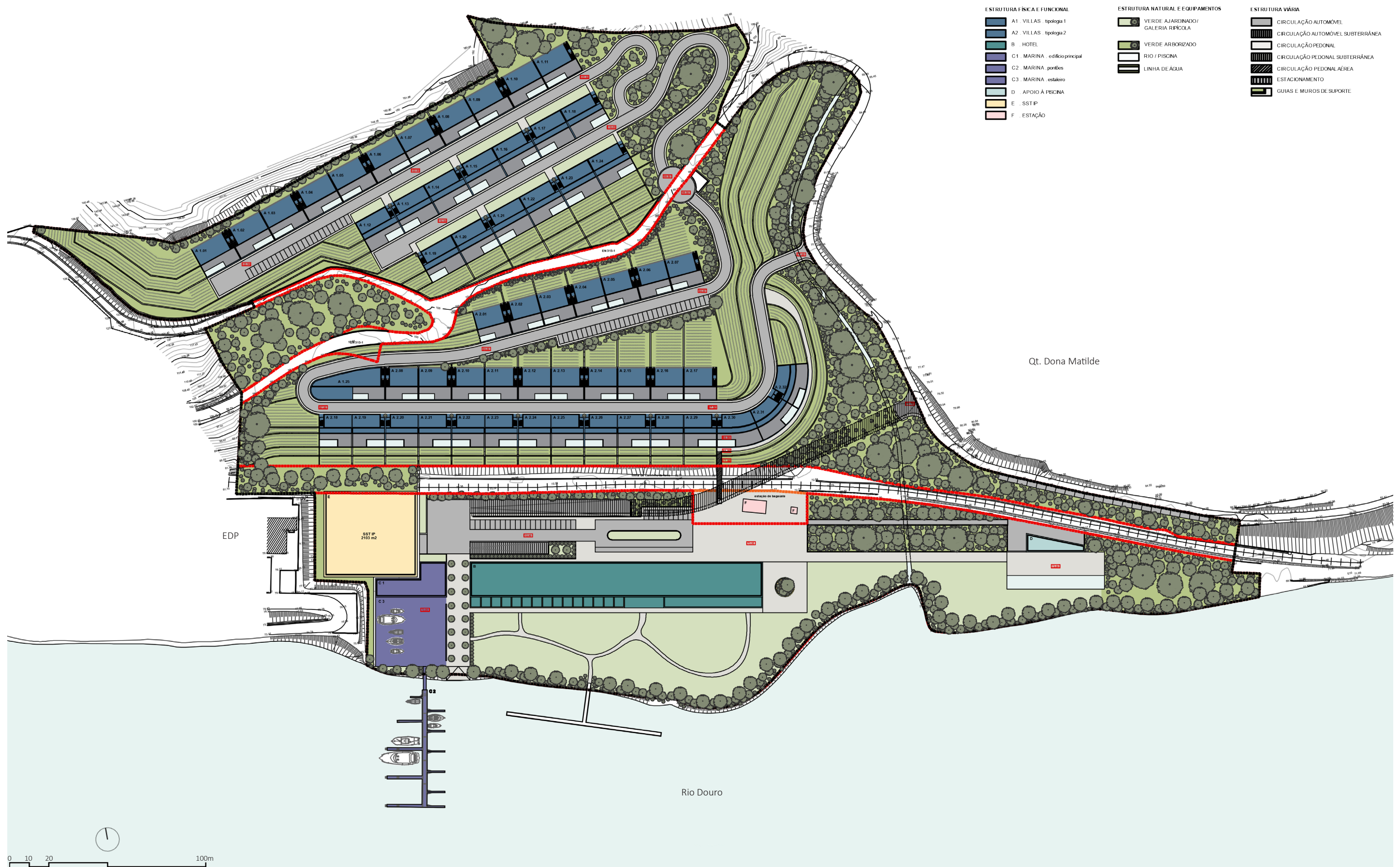


Figura 25. Planta de levantamento das áreas da fábrica Milnorte
Imagem fornecida pelo atelier Barbosa & Guimarães

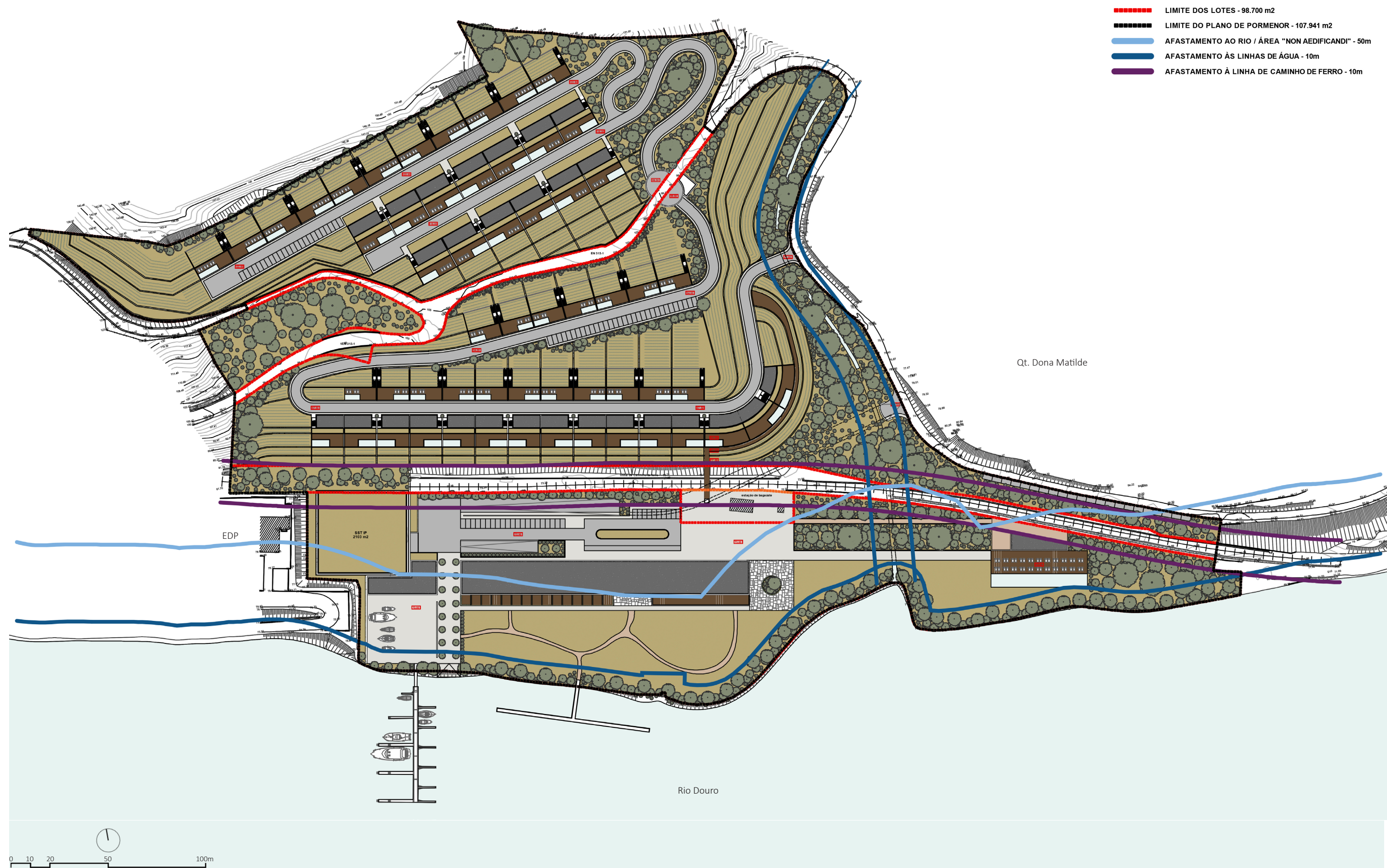
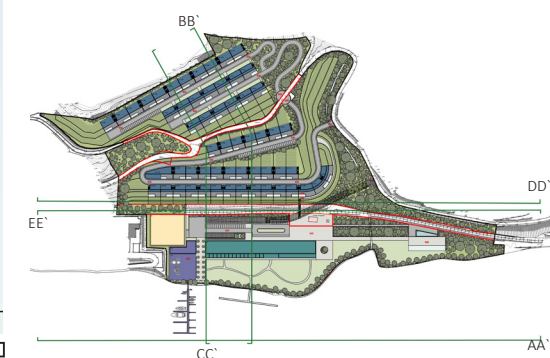
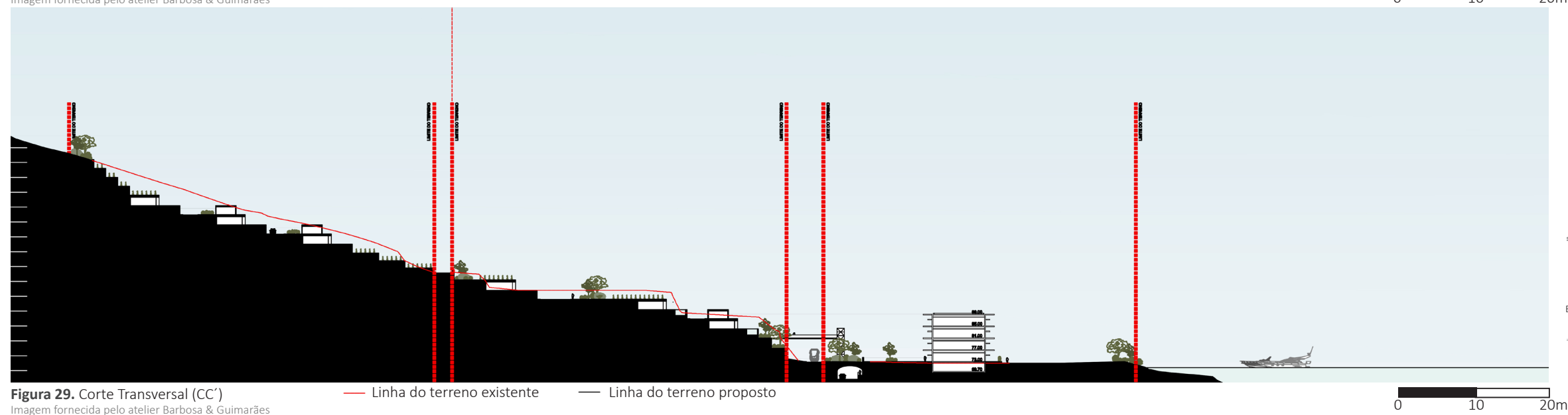
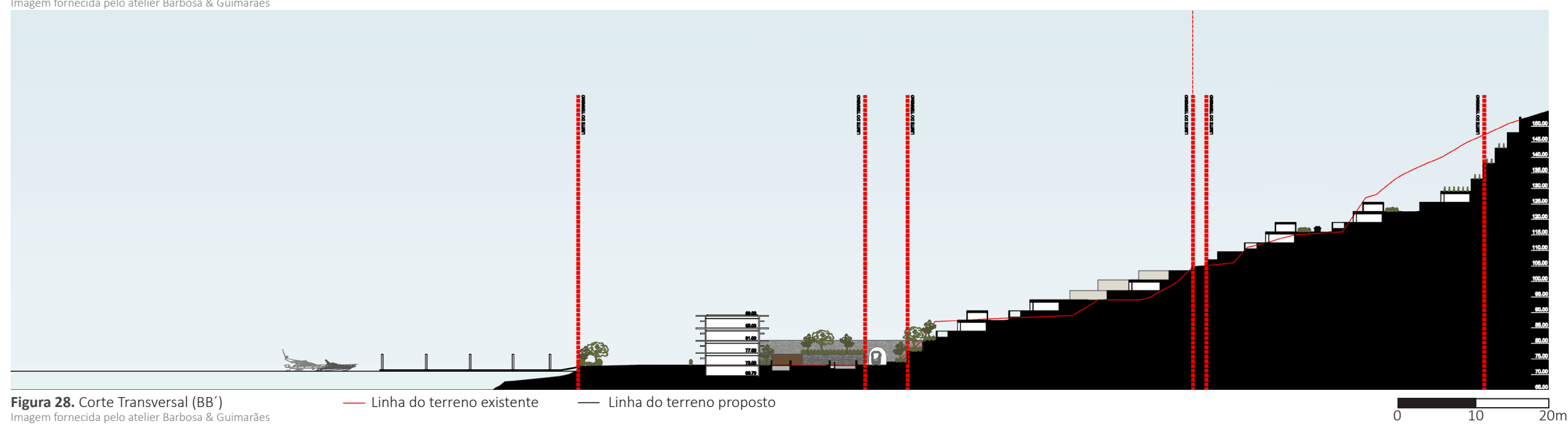
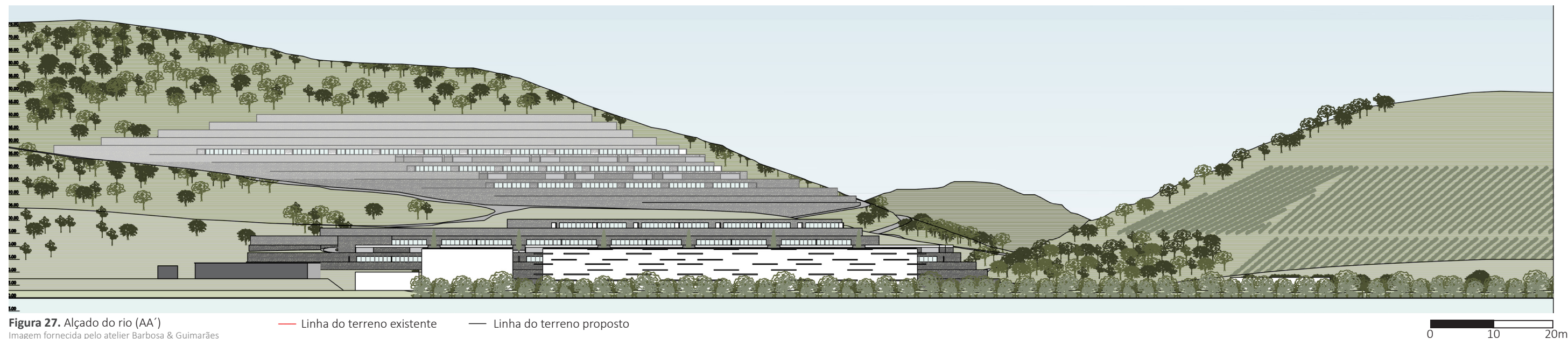


Figura 26. Planta de levantamento das áreas da fábrica Milnorte
Imagem fornecida pelo atelier Barbosa & Guimarães



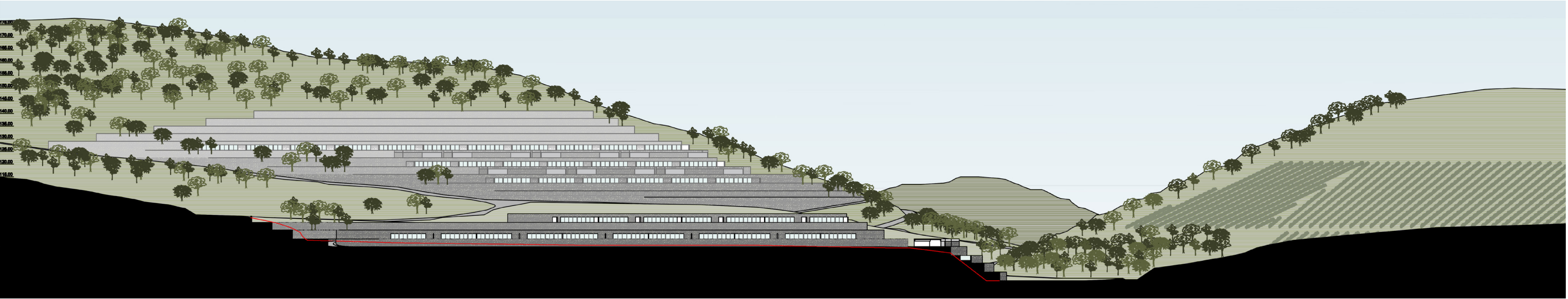


Figura 30. Corte Longitudinal (DD')

Imagem fornecida pelo atelier Barbosa & Guimarães

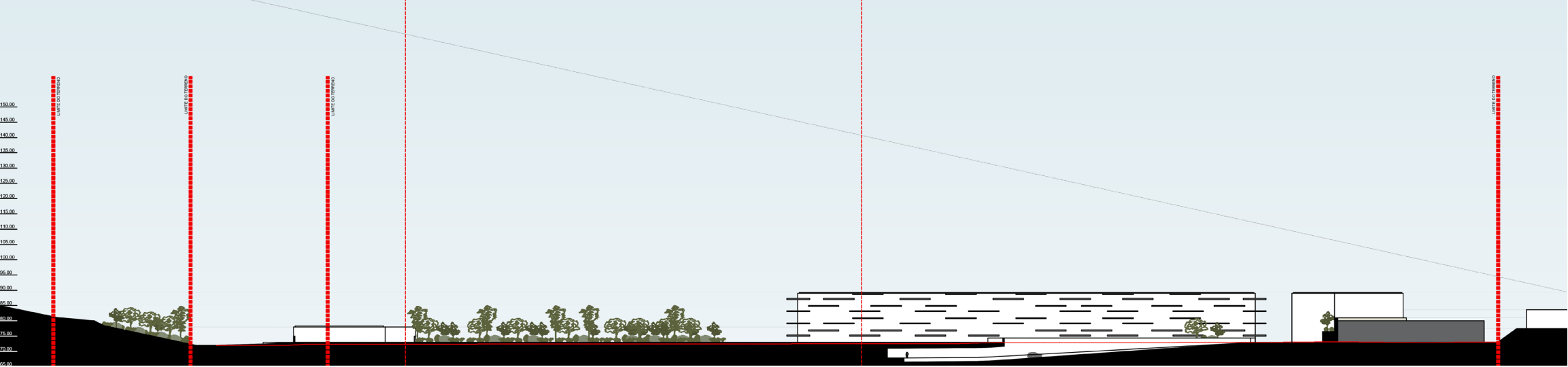


Figura 31. Corte Longitudinal (EE')

Imagem fornecida pelo atelier Barbosa & Guimarães

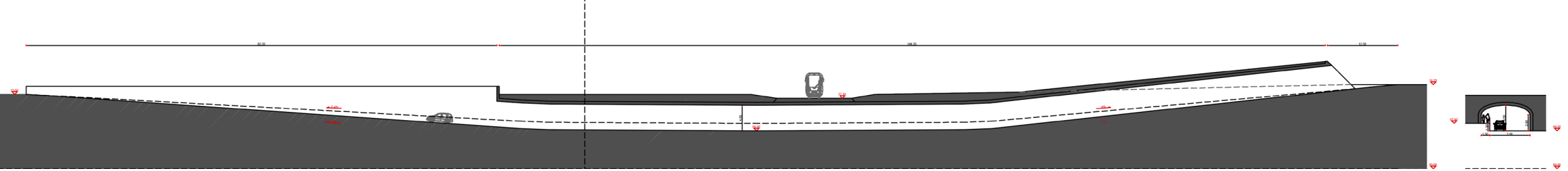


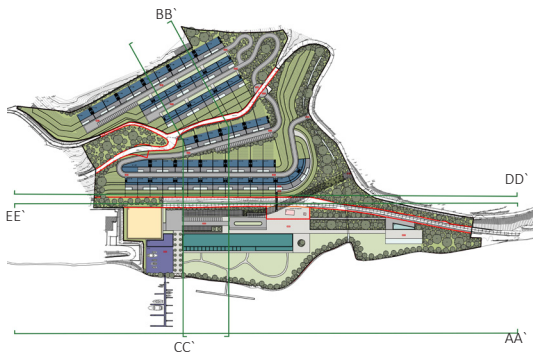
Figura 32. Estudo de ligação entre a N313-1 e o complexo do hotel

Imagem fornecida pelo atelier Barbosa & Guimarães



Figura 33. Estudo de ligação à cota alta

Imagem fornecida pelo atelier Barbosa & Guimarães





Arquitetura

Manuel Botelho arq.

Cliente

Eng. Paulo Pires

Localização

Lamego

Programa

Habitação - 3 pisos

Ano

2000

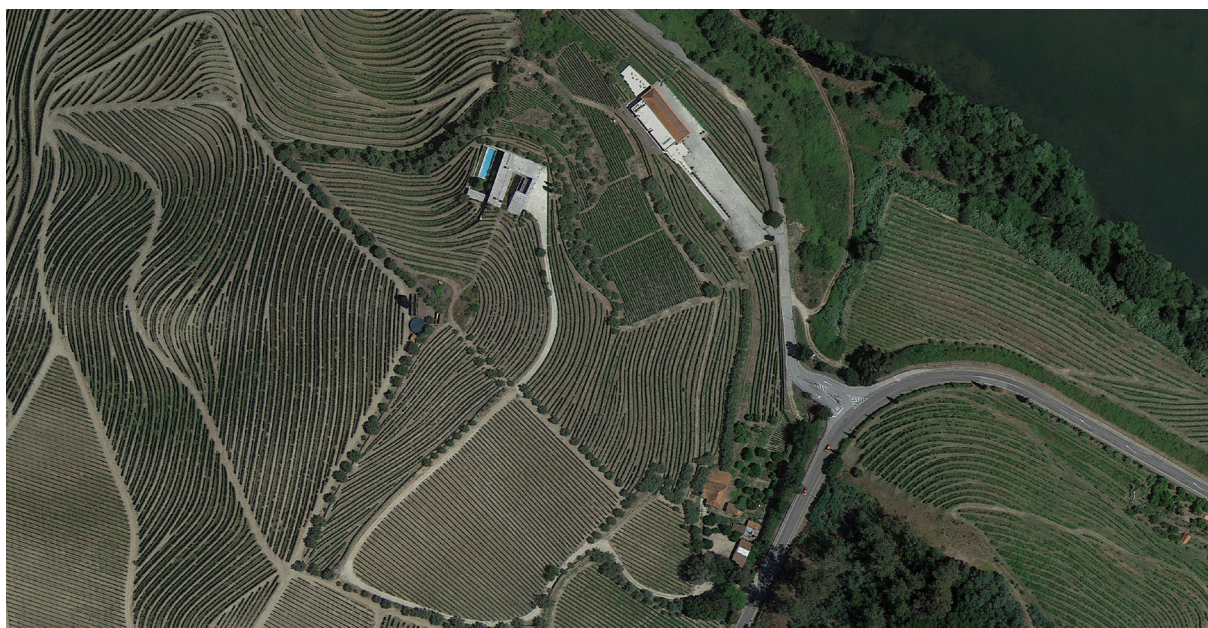


Figura 34. Vista aérea da Casa Dr. Paulo Pires
Imagem do obtida pelo Google Earth



Figura 35.
Vista sobre o alçado poente

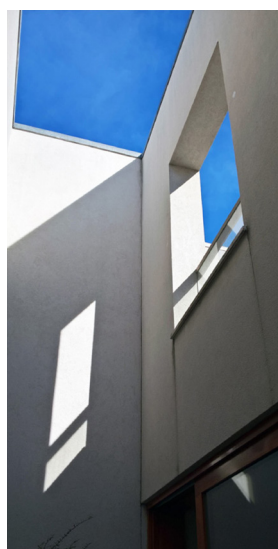
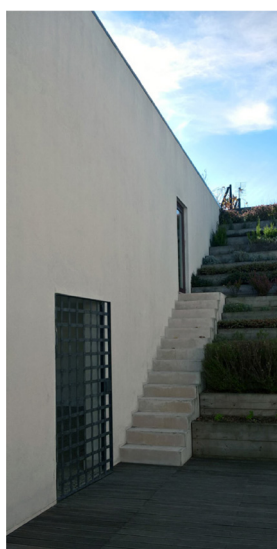


Figura 36.
Vista sobre o alçado nascente

Todas as imagens foram obtidas em: FONSECA, Rodrigo (2018). *Contributos para o reconhecimento da obra de Manuel Botelho : identificação, mapeamento e registo*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto. pp.179-187



Figura 37. Vista da sala



Figuras 38 (Esquerda).
Vista do pátio exterior

Figuras 39 (Central).
Pormenor da varanda

Figuras 40 (Direita).
Pormenor do vão da piscina

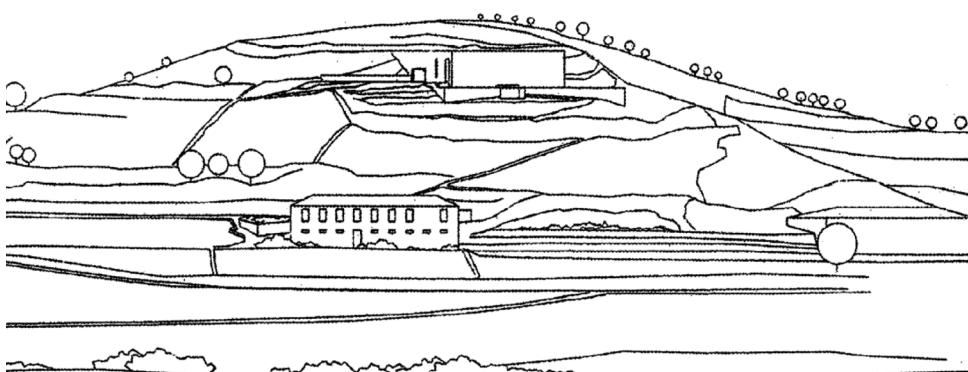


Figura 41.
Alçado Frontal



Figura 42.

Planta do Piso 1- Quartos e Salão de jogos

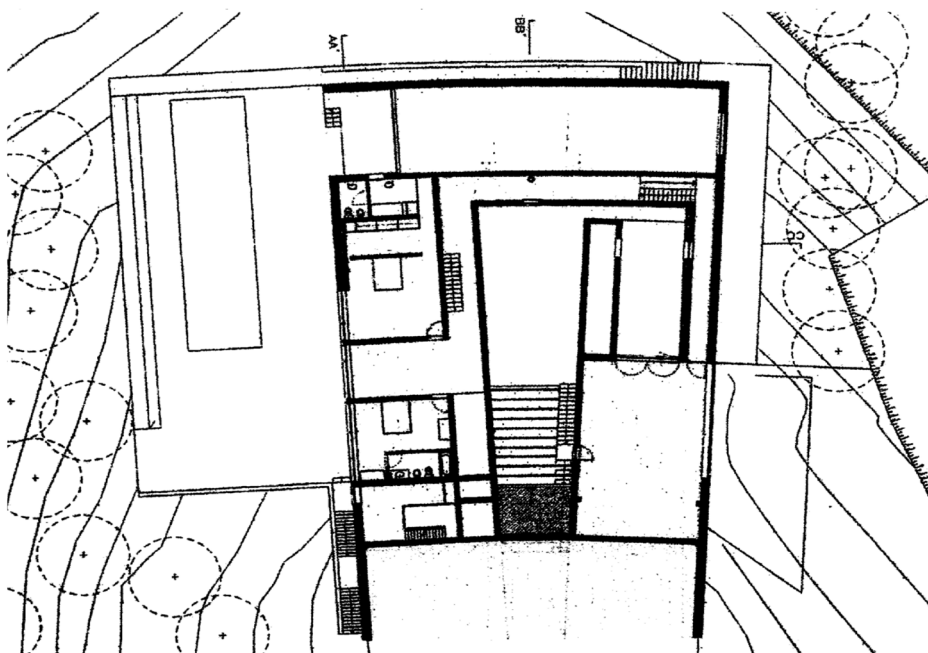


Figura 42.

Planta do Piso Térreo -
Espaços Comuns

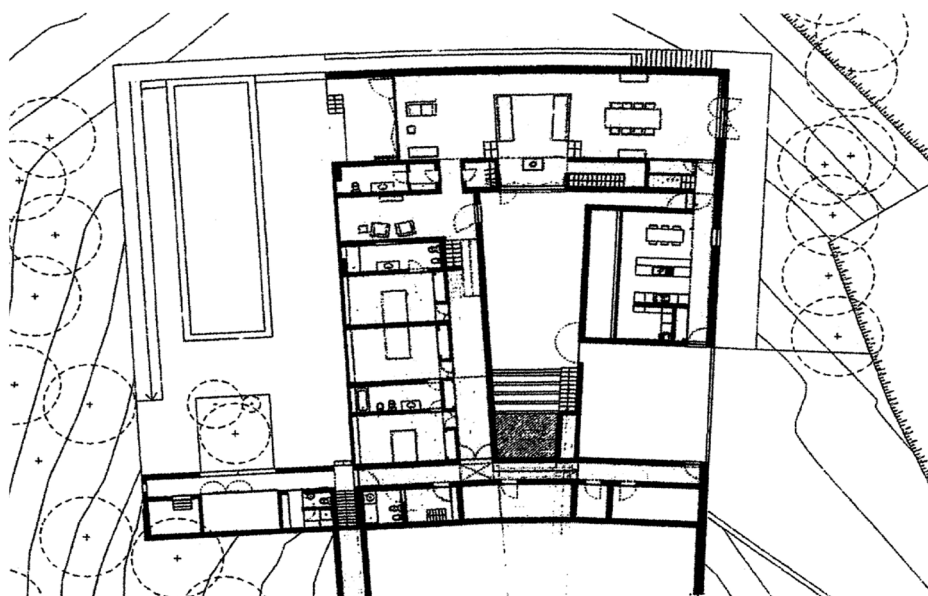
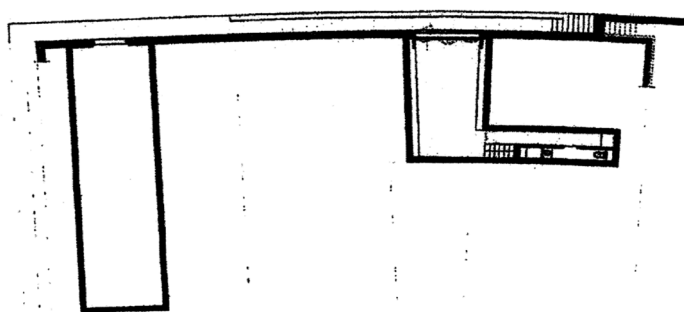


Figura 43.

Planta da Cave-Bibli-
oteca



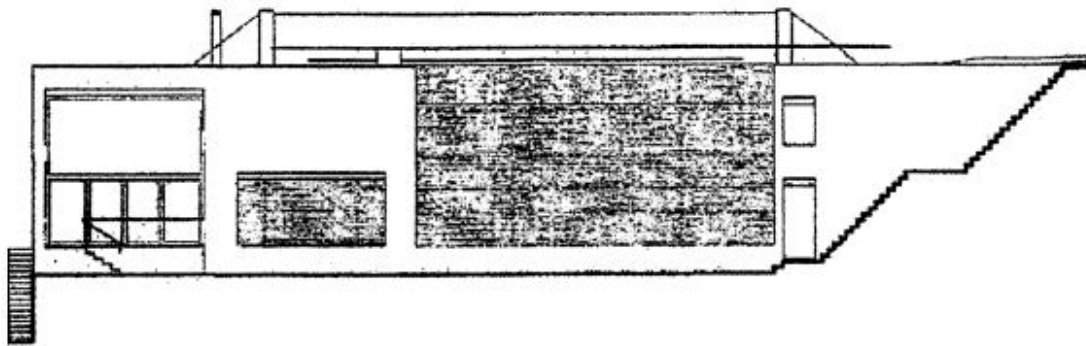


Figura 44.
Alçado Poente

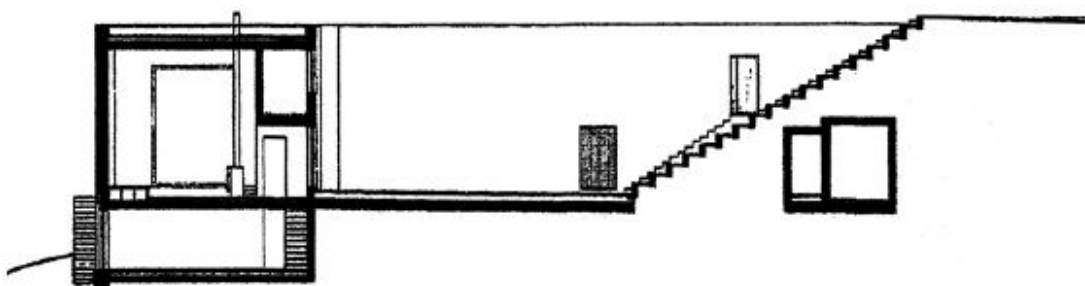


Figura 45.
Corte Longitudinal

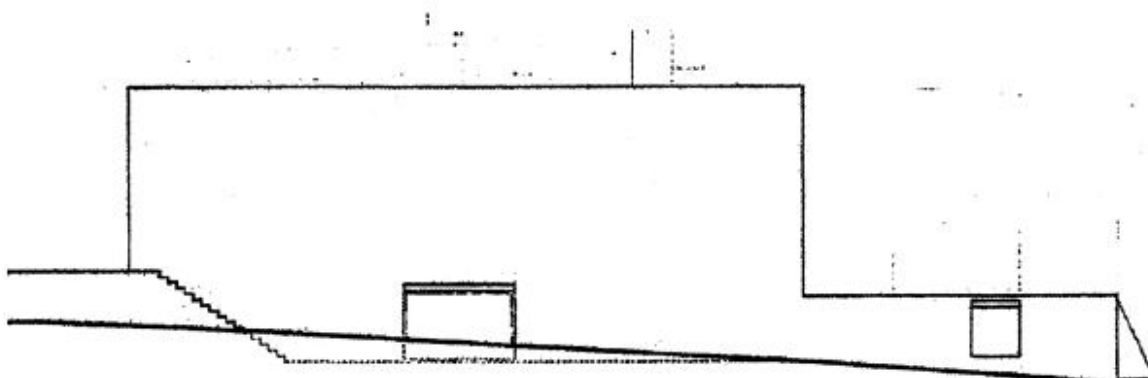


Figura 46.
Alçado Norte

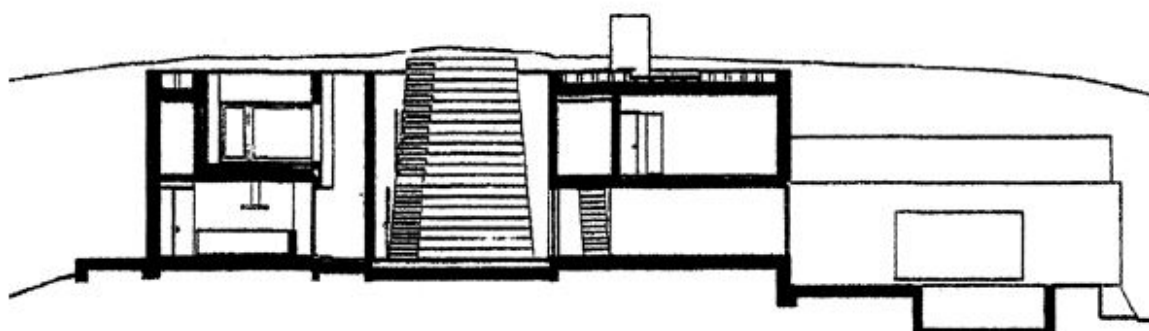


Figura 47.
Corte Transversal



Arquitetura

Eduardo Souto

Moura arq.

Ciente

Privado

Localização

Baião

Programa

Habitação- 1 pisos

Ano

1993



Figura 48. Enquadramento da casa nos socalcos



Figura 49. Vista do alçado frontal

As imagens foram obtidas em:
<https://viagensno-meusofa.blogspot.com/2011/03/eduardo-souto-moura-pritzker-2011.html>



Figura 50. Vista para a ruína



Figura 51. O plano de vidro recuado em relação ao muro



Figura 52. Plano da cobertura

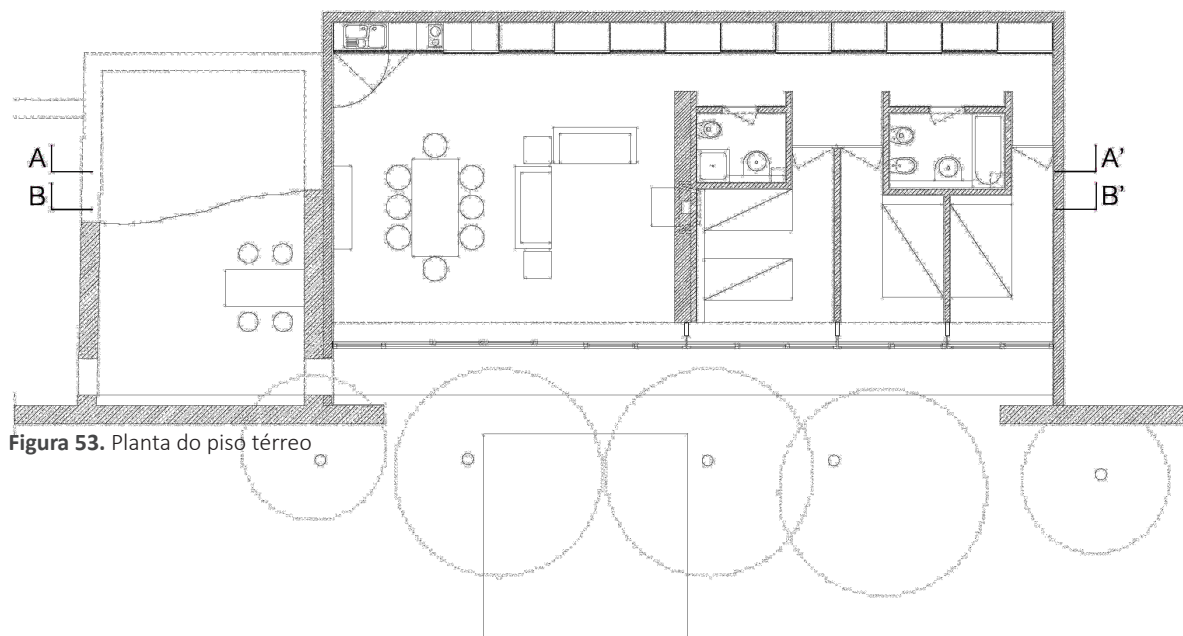


Figura 53. Planta do piso térreo

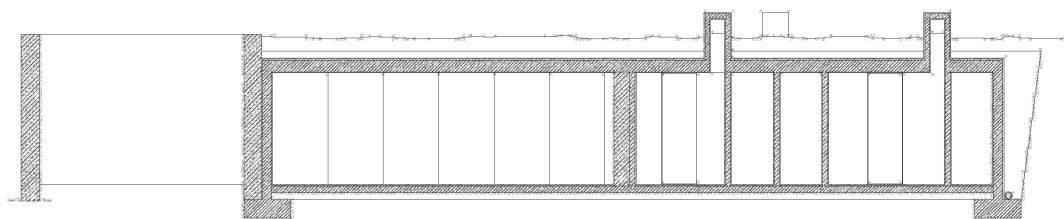


Figura 54. Corte AA'

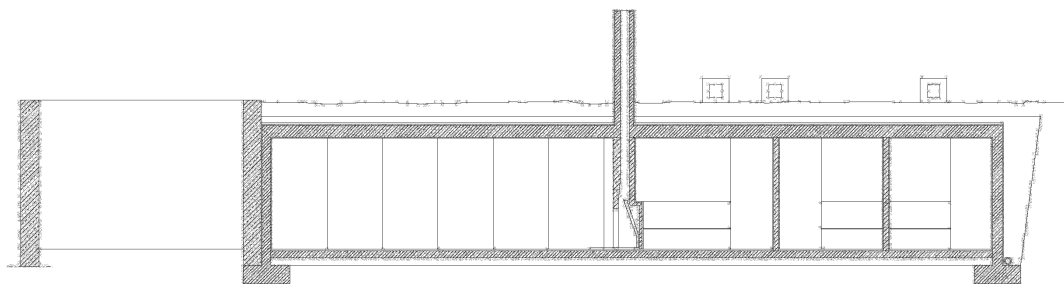


Figura 55. Corte BB'

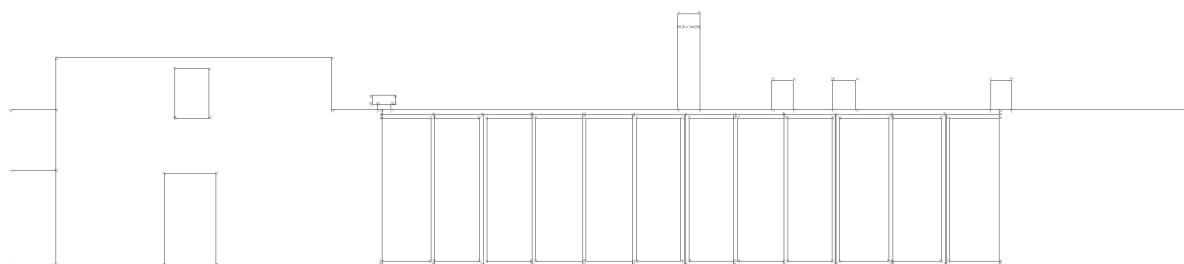
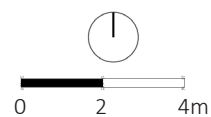


Figura 56. Alçado Frontal

As imagens foram obtidas em: SILVA, Alexandra (2019). *Intervir no preexistente: A ruína na obra de Eduardo Souto de Moura*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto. p.120



Casa em Moledo



Figura 57. Vista aérea
Imagem do obtida pelo Google Earth



Arquitetura

Eduardo Souto
Moura arq.

Cliente

Privado

Localização

Baião

Programa

Habitação- 1 pisos

Ano

1998



Figura 58. Vista aérea
Imagem do obtida em: <https://www.atlasofplaces.com/architecture/casa-en-moledo/>



Figura 59. Corredor de acesso aos quartos



Figura 60. Uma relação transparente entre o plano frontal e o plano tardoz

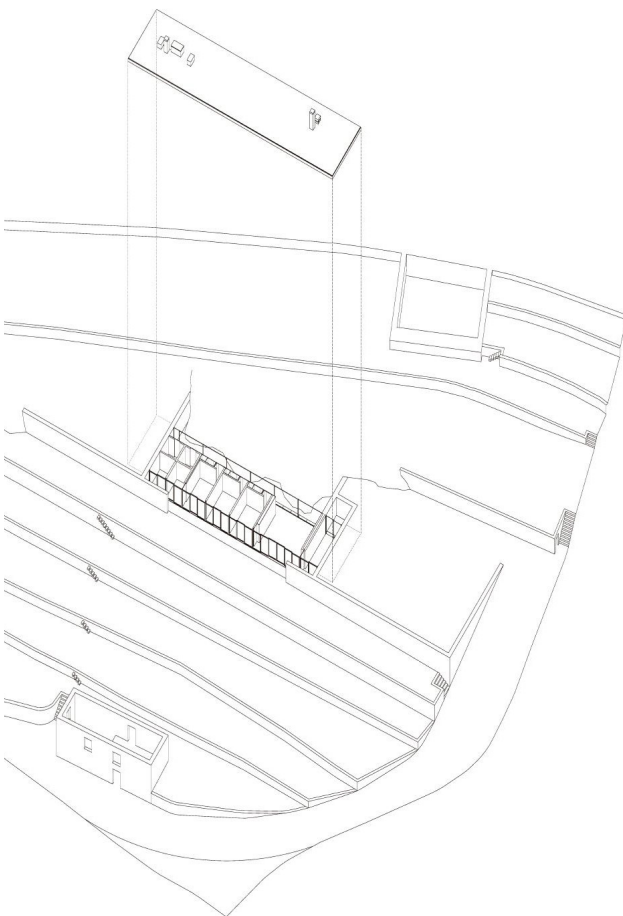


Figura 61. Axonometria

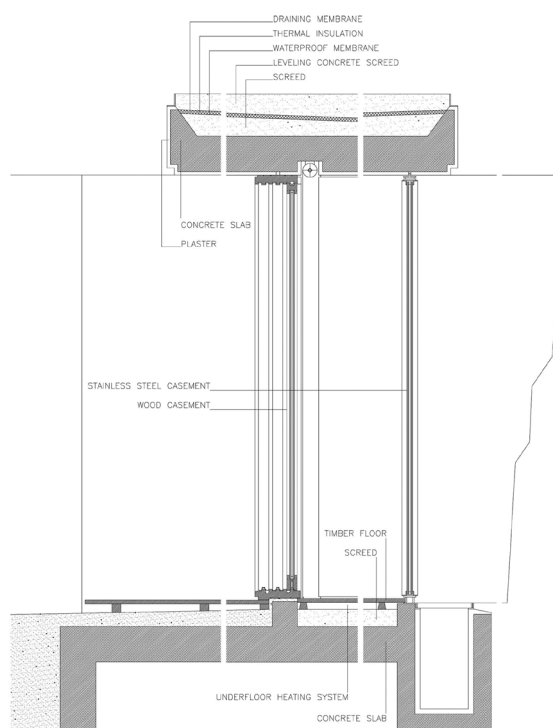


Figura 62. Pormenor Construtivo

As imagens foram obtidas em: <https://www.atlasofplaces.com/architecture/casa-en-moledo/>

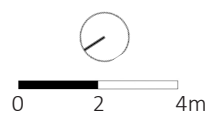
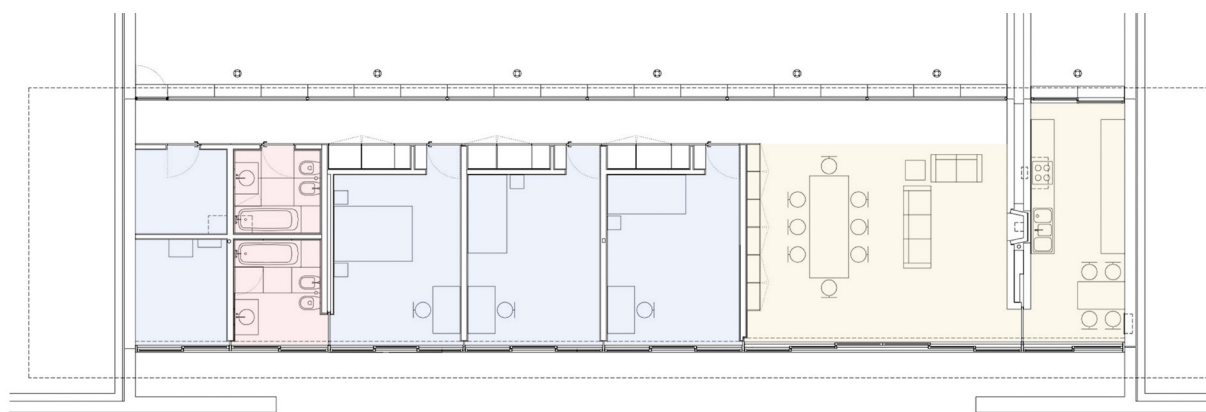


Figura 63. Planta do piso térreo

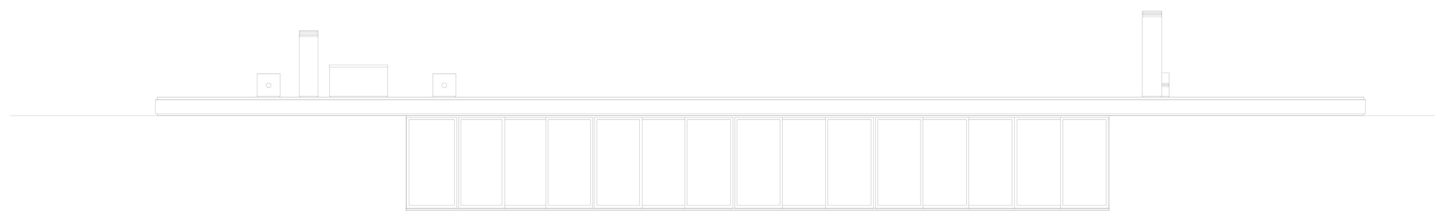


Figura 64. Alçado Frontal

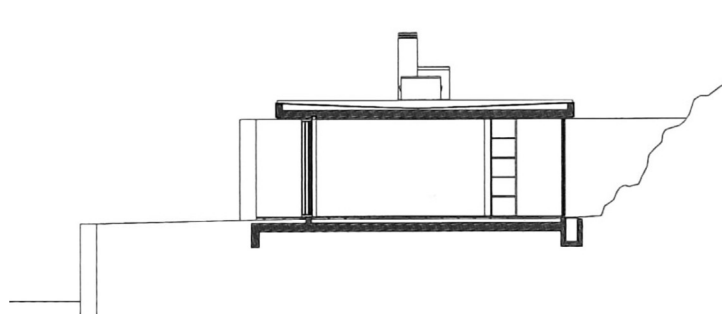


Figura 65. Corte AA'

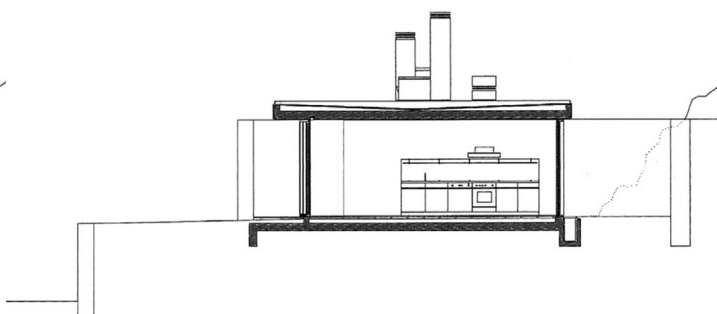


Figura 66. Corte BB'

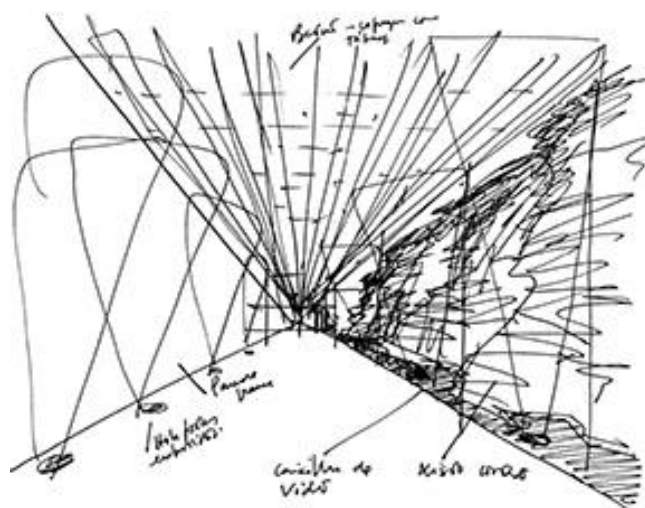


Figura 67. Esquisso do arquiteto Souto de Moura

/ 1993 / / 1994 / / 1995 / / 1996 / / 1997 / / 1998 /



1993-1996 / Recuperação de edifício de habitação, Rua de Miragaia 82.84, Porto
fotografia: João Ferrand
1993-1996 / Recuperação de edifício de habitação, Rua da Banharia 96.100, Porto



1994-1995 / Loja Roma Megastore, Porto
1994-1995 / Bar Slávia, Porto
1994-1996 / Recuperação de edifício de habitação, Rua da Banharia 159.161, Porto
1994-1998 / Viela do Anjo e edifícios envolventes, Porto
fotografia: João Ferrand



1995-1998 / Recuperação de edifício, Rua da Banharia 92.94, Porto
1995-1996 / Loja Gatsby, Centro Comercial Brasília, Porto
fotografia: João Ferrand
1995-1996 / Supermercado Dia, Matosinhos

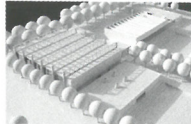


1996 / Remodelação da Quinta da Laje, Braga
1996-1999 / Remodelação de habitação, Nuno Lopes, Porto
fotografia: João Ferrand
1996-2001 / Remodelação de apartamento, Braga da Cruz, Granja
fotografia: João Ferrand



1997-2000 / Complexo Científico da Universidade dos Açores, Ponta Delgada
fotografia: João Ferrand

1997-2000 / Science Complex of the University of Azores, Ponta Delgada
photography: João Ferrand



1997 / Corpo de Anfiteatros da Universidade dos Açores, Ponta Delgada
1997 / Zona desportiva da Trofa, Santo Tirso



1998-2001 / Recuperação de edifícios, Rua do Souto 39.43, Porto
fotografia: João Ferrand
1998-1999 / Remodelação de apartamento, João Ferrand, Leça da Palmeira
1998-2002 / Habitação unifamiliar, Eng. Cláudia Silva, Seia
1998-2002 / Habitação unifamiliar, Lúcia Santana, Senhora da Hora, Matosinhos



1998 / Centro de Saúde de Arruda dos Vinhos
1998 / Habitação unifamiliar, Arq. José António Barbosa, Porto
1998 / Residências Universitárias das Laranjeiras, Ponta Delgada

/ 1999 / / 2000 / / 2001 / / 2002 / / 2003 / / 2004 /



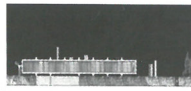
1999-2001 / Habitação unifamiliar, Luís Aroso, Vilar do Pinheiro
1999-2001 / Turismo de habitação Vila Francelina, Aveiro
1999-2003 / Clube de Tênis do Porto
fotografia: João Ferrand
1999-2007 / Centro de Saúde de Vizela
fotografia: João Ferrand



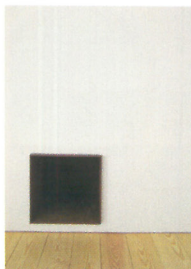
1999 / Recuperação de casa senhorial, Dr. Elísio Carneiro, Lousada



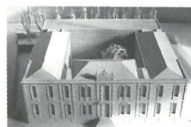
2000-2001 / Arranjo urbanístico da Ribeira do Noro, Boticas
fotografia: B&G



2000 / Habitação unifamiliar, Pedro Quelhas de Brito, Cerveira



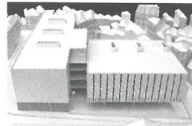
2001-2003 / Casa Setecentista, Rua da Cerca 5.7, Porto
fotografia: João Ferrand



2001 / Biblioteca pública, Angra do Heroísmo
2001 / Conjunto habitacional na Foz do Douro, Eng. Paulo Monteiro, Porto
2001 / Departamento de Oceanografia e Pescas, Ponta Delgada
2001 / Plano de pormenor da Vila da Madalena, Ilha do Pico



2002 / Habitação unifamiliar, Daniel Braga, Caminha
2002-2003 / Reabilitação da zona do Outeiro, Gouveia
2002-2004 / Remodelação do Palácio da Justiça de Chaves
2002-2006 / Espaço público do Bairro dos Ferreiros, Vila Real
2002-2010 / Edifício de habitação coletiva Ciriaco Cardoso, Porto
2002-2011 / Palácio da Justiça de Gouveia
fotografia: José Campos



2002 / Habitação unifamiliar, Rosa Lopes, Fiães
2002 / Arranjo urbanístico da Av. 25 de Abril e praça de S. Pedro, Gouveia
2002 / Plano de pormenor da ribeira de Gouveia
2002 / Plano de pormenor da zona envolvente do Palácio da Justiça de Gouveia
2002 / Tribunal de família e menores e Tribunal do trabalho do Porto



2003 / Cenografia RTP, programa Portugal no Coração, Vila Nova de Gaia
2003 / Cenografia RTP, programa Praça da Alegria, Vila Nova de Gaia
2003-2006 / Reabilitação da Casa Branca de Gramido, Gondomar
fotografia: B&G



2003 / Reabilitação Hotel do Paço de Melo, Gouveia



2004-2007 / Habitação unifamiliar, Nuno Ferrand, Vila do Conde
2004-2008 / Ciclovia e requalificação paisagista das Margens do Tâmega, Chaves
2004-2008 / Reabilitação da Casa da Praia do Ourigo, Porto
2004-2011 / Reabilitação da Casa da Fonte da Luz, Porto
fotografia: José Campos



2004 / Complexo de piscinas cobertas e piscina olímpica, Chaves
2004 / Habitação unifamiliar, Luís Lopes Guimarães, Guimarães
2004 / Parque de estacionamento coberto e Praça do «Arrabalde», Chaves
2004 / Plano de pormenor das Margens do Tâmega, Parque Urbano da Galinheira, Chaves
2004 / Plano de pormenor das Pedreiras da Triana, Rio Tinto, Gondomar
2004 / Sede da Fundação Ilídio Pinho, Porto

/ 2005 / / 2006 / / 2007 / / 2008 / / 2009 / / 2010 /



2005 / Cenografia RTP, programa Praça da Alegria, Vila Nova de Gaia
2005-2006 / Parque de estacionamento em Vila Real
2005-2006 / Clínica Dentária do Bonfim, Porto
2005-2007 / Habitação unifamiliar, Dr. Adriano Ferreira Marques, Senhora da Hora, Matosinhos
2005-2008 / Piscinas Municipais da Povoação, Açores
fotografia: João Ferrand



2005 / Extensão de Saúde de Aborim, Barcelos
2005 / Farmácia Sá da Bandeira, Porto



2006-2009 / Edifício Sede da Vodafone, Porto
fotografia: Fernando Guerra
2006-2015 / Intervenção em Lamego - Centro multiusos de Lamego + Praça da feira, Eixo urbano da Nossa Senhora dos Remédios e Centro de Informação Turística
fotografia: José Campos



2006 / Centro Nacional de Desportos Náuticos de Remo e Canoagem em Melres, Gondomar
2006 / Remodelação e ampliação da Câmara Municipal de Lamego
2006 / Sede «Banque Privé Edmond de Rothschild», Porto
2006 / Unidade de Saúde de Ínfias, Braga



2007-2012 / Reabilitação da Casa José Prata, Av. Montevideu, Porto
fotografia: José Campos



2007 / Bar, Lamego
2007 / Centro Vulcanológico das Furnas, Povoação, Açores
2007 / Coordenação do projeto de reabilitação da estrada da circunvalação, Porto
2007 / Edifícios Nova Gala, Vila Nova de Gaia
2007 / ETAF Edifício do Parque, Matosinhos
2007 / Gare Intermodal de Coimbra
2007 / Pavilhão Multiusos do Cartaxo
2007 / Requalificação do espaço público da Ermida de Nossa Senhora de Lurdes, Faial da Terra, Açores
2007 / Residência Sênior, Leça do Balio



2008-2009 / Escritórios Barbosa & Guimarães Arquitectos + RGA, Matosinhos
fotografia: João Ferrand
2008-2014 / Quinta Marques Gomes, Vila Nova de Gaia



2008 / BAI Banco Micro Finanças, Luanda, Angola
2008 / Edifício A.P., Chaves
2008 / Estudo de inserção urbanística, Terceira Travessia do Tejo, Lisboa
2008 / Hotel da Caniçada, Gerês
2008 / Piscinas Municipais Cobertas, Palácio da Água, Chaves
2008 / Plano de pormenor Nova Centralidade, Chaves
2008 / Posto de Turismo de Chaves
2008 / Remodelação do Mercado Ferreira Borges, Porto



2009-2009 / Reabilitação de Celeiro, Malta, Vila do Conde
2009-2013 / MTEC Office - Mustafawi Trading & Engineering CO., Doha, Qatar
2009-2013 / Edifício "Casas da Fábrica", Rua da Alegria, Porto
2009-2014 / Habitação unifamiliar "Casa de Leça", Leça da Palmeira, Matosinhos
2009-2015 / Escola Secundária Soares Basto, Oliveira de Azeméis
fotografia: José Campos



2009 / Casa Jardim do Carregal E.G., Porto
2009 / Casas da Quinta Vale Pisão Golfe Resort, Santo Tirso
2009 / Golfe Resort da Maia
2009 / Masterplan para ampliação da Fábrica da Leca, Avelar
2009 / Museu do Aqueduto das Águas Livres, Lisboa
2009 / Nova Fábrica Secil Argamassas Secas, Montijo
2009 / Pavilhão e Estádio Municipal de Arcos de Valdevez



2010-2011 / Reabilitação Casa da Cerca, Eduardo Aires, Porto
fotografia: José Campos



2010 / Edifício de Escritórios, Trofa
2010 / Hipódromo da Golegã
2010 / Hospital Sanfil, Coimbra
2010 / Hotel Oil Village, Trípoli, Líbia
2010 / Maitiga Mall, Trípoli, Líbia



2011-2013 / Douro Marina, Vila Nova de Gaia
fotografia: José Campos



2011 / Academia e Centro de Estágio do Sporting Clube de Braga (1ª fase)
2011 / Cine-Teatro de Amarante
2011 / Edifício de energia positiva Lyon Confluence, Lyon, França
2011 / Edifício de Escritórios "Trofa Parque", Trofa
2011 / Edifício DJIN, Accra, Ghana
2011 / Edifício IPMC, Accra, Ghana
2011 / Qatar Beach Villa
2011 / Requalificação da Marginal do Dondo, Angola
2011 / Sede do Comité Olímpico de Moçambique, Maputo



2012-em construção / Ahmed's Farm House, Qatar



2012 / Bairro do Aleixo, Porto
2012 / Cidade Desportiva do Sporting Clube de Braga (2ª fase), Quinta de Jós, Navarra, Braga
2012 / Edifício de apoio ao enoturismo da Quinta da Aveleda, Penafiel
2012 / Pavilhão Multiusos de Nivelles, Bélgica
2012 / Peninsula Tower, Accra, Ghana
2012 / Reabilitação da Casa da Estrela, Lisboa
2012 / Universidade Católica Portuguesa - Pólo Universitário de Lisboa
2012-2015 / Plano de Pormenor de Espinho



2013 / Loja 019, Mercado Bom Sucesso, Porto
2013-2014 / Oporto Café, Foz do Douro, Porto
2013-2015 / Escola EPROMAT, Matosinhos
2013-2015 / Remodelação de apartamento - "Apartamento Montevideu", Av. Montevideu, Porto
fotografia: José Campos
2013-em construção / Ahmed Al Siddiqi Office, Doha, Qatar
2013-em construção / Requalificação do Palácio da Justiça de Braga, Bragança, Funchal, Funchal (edifício 2000), Gondomar, Ponta do Sol, Póvoa de Varzim, Santa Cruz, Viana do Castelo, Vila Franca de Xira, Vila Real



2013 / Centro Nacional de Padel, Lisboa
2013 / Corniche Tower, Doha, Qatar
2013 / Douro Aman Resort, Sabrosa, Vila Real
2013 / Edifício The Oyster, Lusail, Qatar
2013 / Luanda Island Club, Angola
2013 / Marina de Benfca, Luanda, Angola
2013 / Oxygen Tower, Doha, Qatar



2014-em construção / Edifício do Serviço Comercial das Águas do Porto
2014-em construção / Habitação unifamiliar "Casa da Boavista", Av. Boavista, Porto
2014-em construção / Showroom Amorim Revestimentos, Santa Maria da Feira
fotografia: B&G



2014 / Aviário e Matadouro de Aves - Osanji Yetu, Kuito, Bié, Angola
2014 / Centre Sportif Louvain-la-Neuve, Bélgica
2014 / Edifício de escritórios Plot C-08, Lusail, Qatar
2014 / Habitação unifamiliar NL, Luís Filipe Lameiras, Lordelo do Ouro, Porto
2014 / Habitação unifamiliar, F. Osório de Castro, Oeiras
2014 / Hasan Esmail House, Lusail, Qatar
2014 / Lusail Tower - MD042, Lusail, Qatar
2014 / Lux Hotel, Doha, Qatar
2014 / Masterplan Energy City 2-A, Lusail, Qatar
2014 / Medical Center, Doha, Qatar
2014 / Requalificação da Rua do Comércio, Guarda
2014 / Talib's Farm House, Qatar



2015 / Remodelação de apartamento, Edifício Portas do Mar, Matosinhos
2015-em construção / Loja 101 - Mercado Bom Sucesso, Porto



2015 / Academia do Sporting Clube de Braga (3ª fase), Parque Norte, Braga
2015 / Colégio do Restelo, Lisboa
2015 / Edifício de escritórios BIT, PNES, Sonae, Maia
2015 / Edifícios de habitação Plot R-1+R-9, Plot R-8, Plot R-25, Plot R-29, Plot R-35; Al Erkyah District, Lusail, Qatar
2015 / Habitação Sete Camáras, Guiné-Bissau
2015 / Habitação unifamiliar, Rua do Túnel, Foz, Porto
2015 / Hotel, Freiria, Ponte de Lima
2015 / Ishaq House, Doha, Qatar
2015 / Parque Industrial de Bissau, Guiné-Bissau
2015 / Reabilitação do Palácio dos Ferrazes, Porto
2015 / Reformulação do Comité Olímpico, Doha, Qatar
2015 / Regeneração Urbana do Eixo Central da Guarda
2015 / Residência de estudantes do Porto, Prelada e Rua Dr. Alfredo Magalhães, Porto
2015 / Residências Universitárias do Porto
2015 / Sarah Al Siddiqi House, Lusail, Qatar
2015 / Turismo rural "Casas na Granja", Vila Nova de Gaia



Requalificação de um território no Douro. Reflexão a partir de uma proposta desenvolvida em estágio.

Luís Vasco Fernandes Ferreira de Almeida

Orientador: Professor Doutor João Rodrigo Parreira Coelho

Dissertação de Metrado apresentada à Faculdade de Arquiteto de Universidade do Porto

FAUP 2022